

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Campus de Bauru
Faculdade de Ciências
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e
Aprendizagem

Elaine Lúcia Dias de Oliveira

**BULLYING NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: REPERCUSSÕES NA VIDA
E SAUDE DE UNIVERSITÁRIOS ADULTOS DO SEXO MASCULINO**

Bauru
2012

Elaine Lúcia Dias de Oliveira

**BULLYING NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: REPERCUSSÕES NA VIDA
E SAUDE DE UNIVERSITÁRIOS ADULTOS DO SEXO MASCULINO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, sob orientação da Prof^a Adjunta Carmen Maria Bueno Neme.

Bauru
2012

Oliveira, Elaine Lucia Dias de.

Bullying na infância e adolescência: repercussões na vida e saúde de adultos do sexo masculino/ Elaine Lúcia Dias de Oliveira, 2012. 115f.

Orientador: Neme, Carmen Maria Bueno

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2012

1.Bullying 2.Violência 3.Masculino 4.Saúde 5.Fenomenologia 6. Psicodinâmica. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ELAINE LÚCIA DIAS DE OLIVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 24 dias do mês de fevereiro do ano de 2012, às 14:00 horas, no(a) Sala 5 da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. CARMEN MARIA BUENO NEME do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. LÉILA MARIA VIEIRA do(a) Departamento de Enfermagem / Universidade do Sagrado Coração, Prof. Dr. JOSE GUALBERTO TUGA M ANGERAMI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ELAINE LÚCIA DIAS DE OLIVEIRA, intitulada "BULLYING NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: CONSEQUÊNCIAS NA VIDA E SAÚDE DE UNIVERSITÁRIOS ADULTOS DO SEXO MASCULINO". Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. CARMEN MARIA BUENO NEME


Profa. Dra. LÉILA MARIA VIEIRA


Prof. Dr. JOSE GUALBERTO TUGA M ANGERAMI

AGRADECIMENTOS

“Nem anjos podem expressar a minha eterna gratidão...”

À minha mãe Deborah, meus irmãos Marco e Carlinhos, minha irmã Neyla, minhas cunhadas Leucy e Ivana, meu cunhado Maurício, meus sobrinhos Aline, Marquinho, Natalia, Deborah, Daniel, Leonardo e Paula, incluindo os agregados Karoline, Marcelo, Raquel, Valberto e Ana Luiza e meus sobrinhos-netos Maria Fernanda, João Pedro e Manuela... meu amor.

A meu avô Amaral (in memorian) e minha avó Quininha (in memorian), exemplos de sabedoria, ética e respeito humano (saudades).

À minha orientadora Professora Carmem Maria Bueno Neme (Pilé), pelo incentivo, pela paciência, apoio e pelo exemplo.

Ao Pastor Francisco e a Adeilda pela gentileza, apoio e cooperação.

Aos professores da FATEO pelo respeito e colaboração.

Aos alunos da FATEO pelo afeto, respeito e acolhimento (a mim e ao meu trabalho).

Aos colaboradores que participaram das entrevistas, meu respeito, minha admiração, meu carinho e meu desejo de que sejam felizes.

A meus pacientes pela troca e aprendizado.

A Tuga e a Leila pelo incentivo, apoio e competência.

A Maria Teresa Menegucci, pelo apoio e sabedoria.

Ao Professor Antonio Muniz de Rezende, pelos ensinamentos, pelo exemplo e inspiração (desejo-lhe vida eterna).

À Karol, pelo companheirismo durante esta jornada, pelo apoio moral e ‘informático’.

A Gethiely pela competência e gentileza.

Ao Professor Manuel Henrique pela colaboração.

A meus amigos e colegas de trabalho, pelo afeto e confiança sempre presentes.

A Valdir Palacio por ter-me ‘apresentado’ a Bion.

E... Ao Infinito, Informe, Inominável, Realidade Última, Verdade Absoluta (sempre em direção a “O”).

“Na verdade, o problema não é decifrar os padrões das doenças mentais do futuro próximo, a questão é prever que tipos de laços sociais, que valores, que cultura e que tipo de homem se está hoje projetando”.

Manuel Desviat, 1999.

OLIVEIRA, Elaine Lúcia Dias de. **Bullying na infância e adolescência: repercussões na vida e saúde de adultos do sexo masculino**. 2012. (115) Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2012.

Resumo

Esse estudo teve como objetivo identificar ocorrências de bullying sofridas por adultos universitários do sexo masculino nos períodos da infância e/ou adolescência e as possíveis repercussões dessa experiência na trajetória de vida dos participantes. Visou averiguar, por meio de respostas a um questionário, possíveis relações quantitativas entre bullying, sexo, idade em que ocorreu a experiência, local, tipo de agressão sofrida, se houve ou não ajuda ou apoio e possíveis influências e/ou sequelas na vida dos participantes. Buscando aprofundar a compreensão acerca da experiência com bullying e sua repercussão na vida e na saúde das vítimas foram também realizados três estudos de caso por meio de entrevistas individuais, com base no método fenomenológico, cujas vivências foram discutidas com a contribuição da teoria psicanalítica. Pretende-se que os resultados do estudo possam clarificar a dinâmica desse tipo de violência, considerada frequente entre crianças e adolescentes, bem como que possam subsidiar propostas de prevenção e incentivar ou incrementar assistência efetiva às vítimas.

Palavras-chave: bullying, violência, masculino, saúde, fenomenologia, psicanálise.

Oliveira, Elaine Lúcia Dias de. **Bullying in childhood and adolescence: effects on life and health of adult males.** 2012. (115) Dissertation (MSc in Developmental Psychology and Learning) - Universidade Estadual Paulista - Julio de Mesquita Filho - UNESP, Faculty of Sciences, Bauru, 2012.

Abstract

This study aimed to identify instances of bullying experienced by adult male college students in periods of childhood and/or adolescence and the possible repercussions of this experience in the life trajectory of the participants. Aimed to determine, through responses to a questionnaire, statistics and possible quantitative relationships between bullying, sex, age of occurrence of the experience, location, type of aggression, whether or not help or support and possible influences and/or sequel in lives of participants, in addition to other relationships. Seeking to deepen understanding about the experience of bullying and its impact on the lives and health of employees in the study, were also carried out three case studies through interviews based in the phenomenological method, whose experiences were discussed with contribution of the psychoanalytic theory. It is intruded that the results can clarify the dynamics of the types of violence seen frequently among children and adolescents, as well as proposals that can support the prevention of the phenomenon and encourage of enhance effective assistance to victims.

Keywords: bullying, violence, male, health, phenomenology, psychoanalysis.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1: Faixa etária dos participantes.....	43
Figura nº 2: Ocupação atual dos participantes.....	43
Figura nº 3: Estado civil dos participantes.....	44
Figura nº 4: Faixa etária das vítimas.....	46
Figura nº 5: Etapa do desenvolvimento dos agressores.....	48
Figura nº 6: Tipo de reação.....	48
Figura nº 7: Sugestões.....	53

QUADROS

Quadro 1- Tipo de bullying e local.....	45
Quadro 2- Nível de sofrimento e Sentimento da vítima.....	49

SUMÁRIO

Resumo.....	8
Abstract.....	9
Capítulo I - Introdução.....	13
1.1-Definições, estudos e legislações sobre bullying.....	13
1.2-Fenômeno bullying: papéis dos participantes.....	15
1.3-Infância e adolescência.....	17
1.4-Agressividade e violência; aspectos psíquicos e biológicos.....	19
1.5-O bullying como fator de risco ao desenvolvimento e à saúde.....	22
1.6- Bullying: contexto e consequências.....	24
1.7-Bullying e diferenças de gênero.....	27
1.8-Prevenção do bullying e de suas repercussões à saúde.....	31
Capítulo II – Objetivos.....	34
Capítulo III – Método.....	35
3.1- Os participantes do estudo.....	40
3.2- Local.....	40
3.3- Instrumentos.....	40
3.4- Procedimentos.....	41
Capítulo IV - Resultados.....	42
4.1- Estudo quantitativo.....	42
4.2- Estudo qualitativo.....	53
4.2.1- Entrevista nº 1: Mateus.....	53
4.2.2- Entrevista nº 2: Marcos.....	66
4.2.3- Entrevista nº 3: João.....	84

Capítulo V - Considerações finais.....	96
Referências.....	102
Anexo A.....	102
Anexo B.....	110
Anexo C.....	114
Anexo D.....	115

I. INTRODUÇÃO

Embora seja fenômeno antigo, o bullying é objeto novo de investigação. Presente em estudos nas últimas décadas tem despertado a atenção da sociedade para suas conseqüências nefastas, sendo talvez a mais grave, a capacidade de gerar traumas. O fenômeno pode acontecer em vários contextos: escola, família, rua, casa de amigos, própria casa, locais de trabalho (“workplace bullying”, bullying adulto), igrejas (bullying eclesiástico), redes sociais (cyberbullying), asilos, prisões e outras situações interpessoais, o que potencializa as possibilidades de sua ocorrência e o aumento no número de pessoas vitimadas por esse tipo de violência, com efeitos negativos na saúde e qualidade de vida de crianças, adolescentes e adultos.

A expressão bullying tem sua origem no idioma inglês: Bull – touro, grande, bravo. Bully – brigão, valentão, tirano; bullying – agressão, violência, abuso, humilhação. É o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão e que se define como comportamentos agressivos antissociais. É também caracterizado por desequilíbrio de poder, no qual a vítima não consegue se defender com facilidade devido a fatores como: ter menor estatura ou força física, estar em minoria, ter dificuldades em habilidades sociais como falta de assertividade e possuir pouca flexibilidade psicológica perante o agressor (NEME, MELLO, GAZZOLA, JUSTI, 2006). Outra característica é a ausência de motivos que justifiquem os ataques. No entanto, a definição do fenômeno ainda é polêmica e muitas vezes não há consenso sobre seu significado e sobre a faixa etária em que ocorre. Seria o fenômeno uma ocorrência restrita ao contexto escolar? Seria exclusivo da infância e adolescência? É possível incluir os adultos nesta questão? Há propostas para que o termo e suas definições sejam repensados e é certo que este impasse prejudica a pesquisa epidemiológica, bem como o tratamento adequado desse tipo de violência social.

1.1 Definições, estudos e legislações sobre bullying

O bullying é uma expressão de comportamento violento. Caracteriza um comportamento cruel em que os mais fortes convertem os mais fracos em objetos de diversão e prazer, por meio de atitudes que visam maltratar e intimidar. As definições de

bullying encontradas na literatura parecem convergir para a incapacidade da vítima em se defender ou de motivar outras pessoas a agirem em sua defesa (FANTE, 2005).

O fenômeno bullying escolar é o mais freqüente, é mundial e tão antigo como a própria escola. Seu estudo sistemático teve início em 1970. O pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen na Noruega, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes, gozações, e relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. Olweus (1970) pesquisou inicialmente oitenta e quatro mil estudantes, cerca de quatrocentos professores e em torno de mil pais, incluindo vários níveis de ensino. Nesta pesquisa constatou que a cada sete alunos, um estava envolvido em caso de bullying. Seus resultados deram origem a uma campanha nacional, com apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas, e influenciou outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de prevenção (FANTE, 2005). O bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em diferentes grupos, países e culturas. Um dos momentos mais desafiadores da vida de uma criança é o de entrar para uma escola e aprender a se relacionar com pessoas diferentes. Viver essa experiência inclui aceitar e ser aceito, acolher e ser acolhido, valorizar e ser valorizado, amar e ser amado, sempre percebendo as diferenças como fator de inclusão e não de exclusão. (CHALITA, 2008).

Quanto à incidência entre homens e mulheres, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que os meninos representam 47,5%, e as meninas 52,5% do total de vítimas (<<http://www.ibge.gov.br>>, acessado em 21/12/2011). Já a pesquisa da Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), realizada em novembro e dezembro de 2002 e março de 2003, com 5.482 estudantes do Rio de Janeiro, com idade média de 13,47 anos mostrou um percentual pouco maior de vítimas do sexo masculino (50,5%), do que do sexo feminino (49,5%), conforme publicado em <<http://www.observatoriodainfancia.com.br>> (acessado em 21/12/2011).

No Brasil, desde o ano 2000, a pesquisadora Cleo Fante vem desenvolvendo estudos pioneiros no Brasil sobre o fenômeno bullying, os quais foram iniciados em escolas do interior paulista e depois em escolas do Distrito Federal. Suas publicações têm sido utilizadas em treinamentos em escolas, visando a conscientização sobre o fenômeno. No Brasil não existem leis federais específicas para coibir ou penalizar o praticante de bullying. Quando a vítima procura a polícia para a realização de Boletim de Ocorrência, esta vai enquadrar-se em casos de agressão física, constrangimento ou difamação (informação oral).¹ Porém, em alguns estados brasileiros já foram sancionadas leis próprias para lidar com o problema, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul, cuja capital, Porto Alegre, que foi apontada pelo IBGE como uma das cinco capitais brasileiras com maior índice de bullying. Essa legislação prevê orientações para programas públicos de treinamento, orientação e formação de profissionais da educação e familiares para lidar com o problema, além de apoio e proteção às vítimas, mas não prevê punição aos agressores. As outras capitais que contam com alguma legislação são: Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Vitória. Em Belo Horizonte e Brasília são previstas multas para os agressores e indenização para as vítimas (<<http://www.opovo.com.br>>, acesso em 12/12/2011). Alguns projetos de leis federais estão em tramitação, tais como: PL nº 6481\09 do Deputado Federal Maurício Rands, PT-PE (<<http://www.jusbrasil.com.br>>, visitado em 12\12\2011); PL nº 5369\09 do Deputado Federal Vieira da Cunha, PDT\RS (<<http://www.aredo.inf.br>>, visitado em 12\12\2011); PL nº 6725\09 do Deputado Federal Inocêncio Oliveira do PR-PE e PL nº 6935\10 do Deputado Fábio Faria, PMN-RN (<<http://www.wscom.com.br>>, visitado em 12\12\2011). Alguns projetos prevêem punições para os agressores além de indenização para as vítimas. As leis podem ser um avanço, mas, segundo o pesquisador da FIOCRUZ, Dr Carlos Estelita, bullying não é um problema policial, mas sim pedagógico e relacionado a questões de saúde mental, pois também demanda políticas de promoção de saúde.²

1.2 Fenomeno bullying: papeis dos participantes

¹ Informação oral obtida em consulta informal com Delegado de Polícia Civil da cidade de Bauru, em 20/06/2011.

² Informação oral do Dr Carlos Estelita em mesa redonda “Bullying” no XXIX Congresso Brasileiro de Psiquiatria, 2-5/11/2011, RJ.

O bullying é uma forma específica de violência. Essa forma de violência pode ser descrita como uma ocorrência na qual há um rompimento do equilíbrio entre o impulso e seu controle (externo ou interno), por falhas nos mecanismos de inibição. Conforme Kaplan e Sadock (1997, p. 171) existem alguns preditores do comportamento violento, tais como: intenção de causar dano; presença de uma vítima; ameaças claras e freqüentes; plano concreto; acesso a instrumentos de violência; história de perda de controle; raiva, hostilidade e ressentimentos crônicos; prazer em assistir ou infligir danos; ausência de compaixão; visão de si mesma como vítima; ressentimentos com figuras de autoridade; brutalidade e privação na infância; pouco afeto e calor humano em casa; perda precoce de um dos pais; comportamento incendiário; crueldade com animais; atos violentos; direção imprudente de veículos.

O bullying pode ser identificado por meio de algumas ações, como ressalta a ABRAPIA (2006): colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences. Estudo realizado por essa associação em 11 escolas no Rio de Janeiro com alunos da 5ª a 8ª série em 2002 mostrou que 16,9% dos alunos foram vítimas de bullying, 10,9% foram vítimas e autores, e 12,7% foram somente autores no último ano (PALACIOS, 2006). Na pesquisa realizada por Fante (2005), deve-se destacar que os alunos que sabiam da intenção do agressor não denunciaram o plano. Mesmo diante do processo de agressão, não tentaram impedir ou procurar ajuda. Os agressores com freqüência estão envolvidos em atos delinqüentes, podendo, também existir relação entre bullying e ocorrência de massacres suicidas.

No fenômeno bullying pode-se distinguir três aspectos, ou papéis, a saber: o da **vítima**, que pode ser classificada como vítima típica (“bode expiatório”, “presa fácil”); provocadora (atrai reações agressivas, “gênio ruim”); agressora (reproduz os maus tratos sofridos). O **agressor** é o que vitimiza os mais fracos e manifesta pouca empatia. E o **observador**, assistência ou platéia, que é representado pela maioria dos alunos, crianças, adolescentes e adultos que convivem com o problema e o presenciam, mas que

em geral adotam a lei do silêncio, às vezes por medo de represálias (informação oral)³. É certo, no entanto, que todos estão sob tensão.⁴

O papel de vítima também pode ser percebido a partir de alguns preditores, tais como: aquele que se destaca de alguma maneira positiva ou negativa, ou é apenas diferente, tem baixa autoestima, temperamento ansioso, insegurança, falta de amigos, reatividade emocional fácil, é facilmente dominado e, em geral, é muito pouco agressivo (PEARCE, THOMPSON, 1998). Segundo outros pesquisadores, as vítimas são indivíduos que não conseguem se integrar à sociedade de uma maneira “programada” (CALIMAN, 2006); os de temperamento passivo, frágil, com baixa força física e com aparência que difere da maioria (no físico e na forma de se vestir), com baixo rendimento escolar, além de situação sócio-econômica e familiar desfavorável (ROBSON, 2003). Frequentemente as vítimas apresentam sentimento de insegurança que as impede de procurar ajuda (MOURA, CRUZ, QUEVEDO, 2011). É grande o risco da sensação de desesperança em um ser em desenvolvimento, muitas vezes desqualificado pela própria família quando esta fica em silêncio. A vítima pode ser tratada como se tivesse que dar conta de sua própria situação.⁵

Alem dos riscos imediatos para as vítimas de bullying, há a possibilidade de desenvolvimento de vulnerabilidade psíquica para sintomas psicopatológicos e transtornos emocionais na idade adulta (VANDERBILT, AUGUSTYN, 2010). Sourander (2009) identificou transtornos de ansiedade, comportamentos antissociais, transtornos depressivos e psicóticos, abuso e dependência de substâncias psicoativas em jovens adultos que sofreram bullying na infância. Alem disso há o aumento da incidência de doenças clínicas e infecções.

1.3 Infância e Adolescência

Pode-se dizer que as crianças são a mensagem viva que será enviada a um tempo que não se verá. Também é possível dizer que a infância é um artefato social, não

³ Informação oral de P. Fonagy em Conferência durante o I Simpósio sobre Violência Urbana em 2008, UNIFESP, SP.

⁴ Informação oral da Dra Luciana Nogueira de Carvalho em mesa redonda “Bullying” no XXIX CBP, 2-5/11/2011, RJ.

⁵ Informação oral do Dr Carlos Estelita na mesa redonda “Bullying” no XXIX Congresso Brasileiro de Psiquiatria, 2-5/ 11/2011, RJ.

biológico. Isto devido ao fato de que a palavra *crianças* para significar uma classe especial de pessoas que se encontram entre os sete e, talvez, dezessete anos que requerem uma forma especial de criação e proteção, e que são qualitativamente diferentes dos adultos, existe há menos de quatrocentos anos. E se usarmos a palavra *crianças* em seu sentido lato, como o entende o ocidental médio, a infância não tem mais que cento e cinquenta anos (POSTMAN, 2005). Até uma época próxima do século XX a criança era tratada como pequenos adultos. A partir dos 3 e 4 anos participavam das mesmas atividades que os adultos, inclusive orgias, execuções, além de serem alvos de todo tipo de atrocidades pelos adultos (RAPPAPORT e col., 2005).

Essas atitudes começaram a se modificar a partir do estudo científico da criança que se iniciou efetivamente no século XX. E apesar de ter estudado pouco a criança em si, Freud prestou inestimável contribuição a essa ciência. Freud divide o desenvolvimento em etapas, a saber: **fase oral**, em que a energia libidinal, de vida concentra-se na boca, na alimentação e sucção, que vai do nascimento aos 2 anos de idade, aproximadamente; **fase anal**, em que ocorre o desenvolvimento do controle dos esfínteres urinário e anal, que vai dos 2-4 anos de idade, aproximadamente; **fase fálica**, quando há a descoberta dos próprios órgãos sexuais, e que a manipulação desses pode dar prazer e vai dos 3-6 anos de idade, aproximadamente; é nesta fase que acontece o fenômeno da triangulação ou Complexo de Édipo; **fase de latência**, em que a criança desenvolve mais intensamente a escolaridade, sociabilidade e o contato com pessoas fora de sua casa ou família, e que vai dos 6-10 anos de idade, aproximadamente; e a **fase genital**, que coincide com a fase puberal, dos 12-16 anos, aproximadamente. Dependendo da forma como o indivíduo vivencia cada fase, vai adquirindo características de personalidade, funcionamentos somáticos e psicossomáticos peculiares (RAPPAPORT e col., 2005).

Do ponto de vista biológico, ou constitucional, pode-se dividir o desenvolvimento humano em fases, tais como: infância, adolescência, idade adulta, maturidade e velhice. E mais especificamente, e sendo oportuno ao presente estudo, pode-se dividir a infância e adolescência em faixas etárias como a seguir: **período neonatal**, de 0 a 28 dias; **Infância: lactente**, 29 dias a 2 anos, exclusive; **pré-escolar**, 2 anos a 6 anos, exclusive; **escolar**, 6 anos a 10 anos, exclusive; **Adolescência: pré-puberal**, 10 anos a 12-14 anos; **puberal**, 12-14 anos a 14-16 anos; **pós-puberal**, dos

14-16 anos 18-20 anos exclusive. É importante que se considere o desenvolvimento como tendo início desde o momento da concepção (ASSUMPÇÃO JR, KACZYNSKI, 2003).

Cada etapa traz consigo características, funcionamentos e sofrimentos próprios. É preciso que cada indivíduo passe de uma fase para outra, cada vez mais complexa e abstrata. Esse desenvolvimento é determinado pelo amadurecimento do sistema nervoso da criança e de seu físico como um todo. O desenvolvimento do sistema nervoso central só estará completo ao final da adolescência.

1.4 Agressividade e violência: aspectos psíquicos e biológicos

O processo de transformação da agressividade em violência requer entendimento. A violência é um comportamento que se tornou linguagem e é apenas a “ponta do iceberg”.⁶ O que há na contemporaneidade que pode favorecer este comportamento? O psicanalista Jurandir Freire Costa, citado por Diaz e Souza (2010), ressalta que via de regra, costuma-se classificar de ‘violenta’ toda experiência físico-psíquica que, pela repetição e intensidade, ultrapassa a capacidade de absorção pelo aparelho psíquico. Para este psicanalista, ‘violência’ é o emprego desejado de agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência destes aspectos não altera a qualidade especificamente humana da violência, pois o animal não deseja, o animal tem necessidades. Além disso a violência que ataca o psiquismo não é um equivalente ou uma variante quantitativa da violência física. O que transforma uma vivência em trauma, ou aquilo que leva a uma tendência a reações traumáticas acumulativas não é a quantidade de excitação, mas a representação que lhe é associada como causa (DIAZ, SOUZA, 2010).

A agressão pode ser entendida como comportamento instintivo, com base na concepção de Freud. Em seus escritos em “Alem do Princípio do Prazer”, Freud (1920) sustentava que o comportamento humano deriva, direta ou indiretamente, de EROS – o instinto de vida – cuja energia, ou libido, é direcionada à manifestação e reprodução de

⁶ Informação oral da Dra Luciana Nogueira de Carvalho, em mesa redonda “Bullying” durante o XXIX Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em 2-5/11/2011, RJ

vida. Depois de trágicos acontecimentos da 1ª Guerra Mundial, Freud adotou uma postura um pouco mais sombria em relação à natureza humana, propondo a existência de outro instinto importante – a pulsão de morte (TANATOS) – cuja energia é de destruição e fim de vida. Não encontramos a palavra “TANATOS” nos escritos de Freud, mas segundo Ernest Jones, ele a utilizava por vezes em conversas (LAPLANCHE, 1983). Para Freud, o comportamento humano origina-se da complexa interação entre Tanatos e Eros, e da constante tensão entre ambos (KAPLAN, SADOCK, 1997).

A agressão também pode ser compreendida como conduta social aprendida. Essa perspectiva considera a agressão primariamente como uma forma aprendida de conduta social, adquirida e mantida da mesma forma que outras condutas. A violência humana não seria consequência de necessidades inatas em direção à violência, nem de impulsos agressivos desencadeados pela frustração e outras condições. Ao contrário, o ser humano se envolve em situações violentas porque teria aprendido ou assimilado comportamento agressivos através de experiências passadas; também porque recebeu ou previu formas de recompensa pela realização de tais ações, ou, é diretamente instigado à agressão por condições ambientais ou sociais específicas. As raízes de tal comportamento envolvem experiências passadas do agressor e seu aprendizado, bem como vasta gama de fatores externos e situacionais (BANDURA, 1973).

Segundo o psicólogo John Dollard (1936), que se dedicou ao estudo das relações do meio e das frustrações no desencadear do comportamento agressivo, e citado por Kaplan e Sadock (1997, pág.173), a agressão pode também ser entendida por meio de seus determinantes, os quais podem ser classificados em determinantes sociais e situacionais. Entre os determinantes sociais, encontram-se: a) Frustração: talvez o meio mais potente de se incitar os seres humanos à agressão seja pela frustração; b) Provocação direta por outros: abuso físico e provocação verbal são poderosos aliciadores de ações agressivas. Uma vez que a agressão começa, desencadeia um padrão de inquietante escalada; c) Exposição a modelos agressivos: a intensidade dessa relação parece crescer com o tempo, apontando para o impacto cumulativo da violência exposta nas mídias. Entre os determinantes situacionais são citados: a) Excitação sexual e agressão: que depende diretamente do tipo de material erótico utilizado para produzir tais ações e da natureza precisa das próprias reações; b) Dor: a dor física pode servir

para dar vazão ao impulso agressivo, como motivo para ferir e magoar outra pessoa. Kaplan e Sadock (1997) citam outros determinantes que também devem ser considerados: hormônios, drogas e outras substâncias.

Em animais, a agressão tem sido relacionada com testosterona, progesterona, hormônio luteinizante, beta-endorfinas, prolactina, melatonina, noradrenalina, dopamina, adrenalina, acetilcolina, serotonina entre outros (OLWEUS, 1987; RUBIN, 1987). Álcool e substâncias psicoativas também favorecem o aparecimento de conduta agressiva, por proporcionar diminuição dos níveis séricos de colesterol e glicose (VIRKKUNEN, 1987).

Pesquisa com gêmeos monozigóticos sugerem a existência de um componente hereditário no comportamento agressivo; a ocorrência é de 2:1 em relação a irmãos não gêmeos (MEDNICK, GABRIELLE E HUTCHINGS, 1987; MEDNICK E KANDEL, 1988). Também algumas alterações cromossômicas, especialmente as ligadas ao cromossomo X, de transmissão materna, podem influenciar a conduta agressiva (BAKER e col. 1989). Certos transtornos metabólicos inatos de origem genética, envolvendo difusamente o sistema nervoso central, estão relacionados com condutas agressivas (por exemplo, a fenilcetonúria). Estudos recentes da Universidade Duke (Carolina do Norte, EUA) postulam que um gene relacionado a problemas emocionais acarreta uma tendência de seu portador a sofrer bullying. O cromossomo responsável seria o 5-HTT, ligado à produção de serotonina e às reações ao estresse (<<http://www.sciencenews.org>>, acesso em 18/12/2011).

Neurotransmissores também podem estar implicados no comportamento violento. Mecanismos catecolinérgicos parecem estar envolvidos na indução e aumento de agressão premeditada, enquanto os sistemas serotoninérgicos e o ácido gaba-aminobutírico, parecem inibir esse comportamento (BADER, 1994). Além disso fatores neurológicos são apontados por outros estudos, como o de Nachshon e Denno (1987), que ressaltam o papel de disfunções neuropsicológicas ligadas a disfunções dos lobos Frontal e Temporal. O Lobo Frontal relaciona-se à regulação e inibição de comportamentos e à formação de planos e intenções; sua disfunção leva à impulsividade, perda de autocontrole, dificuldade em reconhecer a culpa, dificuldade na avaliação das conseqüências das ações praticadas e aumento de comportamento

agressivo. Os Lobos Temporais regulam a vida emocional, sentimentos e instintos, além de comandar as respostas viscerais às alterações do ambiente (BUIKHUISEN, 1987; PINCUS, 1993). Contudo, a elucidação do fenômeno da violência necessita ainda de maior número de pesquisas, considerando as diferentes dimensões que podem estar nele envolvidas.

1.5 O Bullying como fator de risco ao desenvolvimento e à saúde

Diversos tipos de condições genéticas, orgânicas e psicossociais podem ser considerados como fatores de risco, principalmente para a criança e para o adolescente expostos a adversidades. A definição de fator de risco é hoje quase um consenso entre os pesquisadores. Trata-se de uma ocorrência ou variável que aumenta a probabilidade do indivíduo adoecer e/ou apresentar algum transtorno ou disfunção quando exposto a esse fator (DAMETO & NEME, 2010). O mundo contemporâneo é complexo e permeado de diferentes demandas, dificuldades e contradições, que se acumulam e podem representar riscos ao desenvolvimento, ao bem-estar e à saúde dos indivíduos. Considera-se que a identificação de crianças e adolescentes que estejam expostos a fatores biológicos, cognitivos, sensoriais e sociais considerados de risco é muito importante. A vulnerabilidade está relacionada a estressores biológicos e psicossociais, cujo impacto tende a ser maior em crianças e adolescentes. Pode-se elencar como fatores que tornam o indivíduo vulnerável, a desnutrição, o baixo peso, o atraso no desenvolvimento, o pertencimento a uma minoria social, a pobreza, a dificuldade de acesso à saúde, educação e lazer, ser membro de famílias desorganizadas e que tenham pais com transtornos psicopatológicos como, por exemplo, psicoses, personalidades antissociais, desordens afetivas, alcoolismo, dentre outros problemas (SAPIENZA, PEDROMÔNICO, 2005).

Haggerty e cols. (2000), citados por Sapienza e Pedromônico (2005), afirmam que existe uma relação entre doença e eventos estressantes, porém esta relação ainda é difícil de ser identificada. O que já se sabe é que alguns indivíduos são mais suscetíveis ou vulneráveis a esses eventos quando comparados a outros na mesma situação, por diferenças fisiológicas e psicológicas. Esses riscos também podem ser considerados como variáveis ambientais e contextuais que aumentam a probabilidade de ocorrência de

efeitos indesejáveis no desenvolvimento mental. Individualmente, fatores que podem ser considerados de risco são: transtorno postraumático, depressão, ansiedade, distúrbio de conduta ou de personalidade, evasão escolar, problemas de aprendizagem, uso de drogas, violência e desagregação familiar, violência física, maus tratos, entre outros (SAPIENZA, PEDROMÔNICO, 2005).

A nomeação desses fatores é importante para sua identificação, para a pesquisa e para o desenvolvimento de mecanismos de proteção. Entre os riscos analisados, poucos são suscetíveis a intervenções, como, por exemplo, educação materna, estado marital, ocupação do chefe da família, além de outras situações complexas. Porém, alguns fatores de risco dependem apenas de mudanças de crenças culturais ou hábitos comportamentais (SAMEROFF, 1987, citado por SAPIENZA e PEDROMÔNICO, 2005).

Quanto aos mecanismos de proteção, eles são definidos como recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do fator de risco (EISENSTEIN & SOUZA, 1993, citados por SAPIENZA e PEDROMÔNICO, 2005). Existe a constatação de que alguns indivíduos que, mesmo expostos a situações adversas, desenvolvem-se adequadamente, devido a algum fator de proteção pessoal (cuidados estáveis, habilidade para resolução de problemas, qualidade de relacionamento com pares e adultos, competências pessoais, identificação com modelos competentes) ou do ambiente (suporte social e familiar), que agem como escudo para favorecer o desenvolvimento humano. O suporte social e um autoconceito positivo podem servir de proteção contra os efeitos de experiências estressantes. Estes fatores favoreceriam a resiliência. Os estudos sobre resiliência começaram há trinta anos quando foi associada a condições inatas do indivíduo que o tornavam imune a estressores e a não se tornar vítima (GRÜNSPUN, 2003, citado por SAPIENZA e PEDROMÔNICO, 2005).

O termo ‘resiliência’ é um conceito importado da Física e refere-se à capacidade que algumas estruturas possuem de, mesmo submetida a uma força maior e por tempo prolongado, não se deformar perpetuamente (OLIVEIRA, REIS, ZANELATO & NEME, 2008). Segundo o Novo Dicionário Aurélio (1989, pp 1493), “é a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica; resistência ao choque”.

No final dos anos 90, esse conceito foi revisto, saindo do sentido da invencibilidade para a idéia de algo que pode ser desenvolvido no ser humano e em especial nas crianças. A possibilidade de enfrentar os fatores de risco e aproveitar os mecanismos protetores tornaria o indivíduo resiliente (GRÜNSPUN, 2003).

1.6 Bullying: contexto e conseqüências

Segundo o Programa de Atendimento e Pesquisa em Violência (PROVE), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), o elevado índice de estresse e violência na cidade é responsável por desencadear transtornos em índices semelhantes aos de países em guerra. Considerando-se o ambiente em que se vive atualmente, as chances de uma pessoa desenvolver transtorno de estresse postraumático (TEPT) são de 7% a 9%. A violência não está só nas ruas, mas também em casa, nas redes sociais virtuais (cyberbullying) e nas instituições. Dados do PROVE mostram que cada vez mais pessoas procuram ajuda devido a transtornos de saúde decorrentes de trauma causado por situação de violência (<<http://www.unifesp.br>>, acesso em 30/10/2010).

Várias podem ser as conseqüências da agressão caracterizada como bullying, a saber: baixa autoestima, falta de confiança em si mesmo, ansiedade, depressão, somatizações, doenças físicas, transtorno do estresse postraumático, alterações na personalidade, idéias de suicídio e suicídio consumado. Há risco de prejuízo na formação da personalidade e evolução psicológica das vítimas. Além disso, vítimas podem ser futuros agressores. O quadro se torna mais grave quando a vítima sofre calada por insegurança ou vergonha, e assim, não procura ajuda⁷. As situações constrangedoras e as formas de exclusão socioeducacionais a que as vítimas são submetidas, produzem registros traumáticos em sua memória, maximizados pela forte carga emocional vivenciada. Tais situações constrangedoras, se experimentadas diariamente, acabam por criar zonas doentias que funcionam como “vírus psíquico” da mente, ou “janelas *killers*” verdadeiros ancoradouros de emoções que impedem suas vítimas de desenvolver habilidades de auto defesa e socialização (FANTE, 2005).

⁷ P. Fonagy em Conferência durante o I Simpósio sobre Violência Urbana, UNIFESP, SP, 2008

A palavra TRAUMA tem origem no grego e se traduz como *ferida*; é um acontecimento que ocorre na vida de um indivíduo e que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que coloca o indivíduo em responder de forma adequada, pelo transtorno, e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica (LAPLANCHE, 1983). Os transtornos mentais são o grande fator de redução de qualidade de vida e uma das seqüelas da violência urbana, segundo revela uma investigação realizada pelo Laboratório Integrado de Pesquisa sobre o Estresse, no Rio de Janeiro (COUTINHO, 2009). O transtorno de estresse postraumático chama a atenção pela gravidade de seus sinais e sintomas físicos e emocionais, com conseqüências que podem levar à incapacidade permanente do indivíduo (CID X, 1997). Está em quinto lugar entre as doenças psiquiátricas mais freqüentes e, indivíduos que sofreram traumas e abuso na infância têm maior propensão a desenvolver TEPT se forem expostos a situações de violência no futuro. Daí a importância do desenvolvimento de programas efetivos e eficazes que proporcionem algum tipo de prevenção (AVELAR, 2009). A gravidade das conseqüências de traumas emocionais na qualidade de vida do indivíduo leva à necessidade de maior compreensão acerca do fenômeno bullying, avaliando-se o que se tem feito a respeito do mesmo e suas conseqüências na existência e saúde dos atingidos.

A saúde existencial

Ao escrever sobre sua experiência em pesquisa na área da psicologia, Yolanda Forghieri (1996) aborda o grande sofrimento de indivíduos que passam por contrariedades e angústias, num montante que ultrapassa suas possibilidades de vivenciar o bem-estar. Ressalta que essas experiências podem dificultar e, até impedir, o seu desenvolvimento saudável. Muitas são as pessoas que adoecem existencialmente, quando vivenciam de forma intensa este tipo de experiência. Algumas conseguem superar, enquanto que outras podem permanecer doentes pelo resto de suas vidas. O ser humano é um ser de relação e é por meio de suas relações com outros que se constitui a essência humana. Segundo Heidegger (1971, citado por FORGHIERI, 1996), a essência humana está em se *ser* relativamente a algo ou alguém, o que demonstra a importância do outro e das relações construtivas com esse outro, para a existência saudável do homem. Forghieri cita Boss (1963) que diz que o primordial ser-no-mundo do homem não é uma abstração e sim uma ocorrência concreta que acontece e apenas se realiza nas

múltiplas formas peculiares de seu comportamento e nas diferentes maneiras dele relacionar-se com as coisas e com as pessoas. Citando Heidegger (1971) ela diz que o ser humano compreende a si mesmo a partir de sua existência concreta no mundo. E a compreensão e o conhecimento de si requerem, necessariamente, a relação com seus semelhantes, pois só assim é possível ao existente, descobrir e atualizar suas características peculiarmente humanas, assim como o amor, a liberdade, a responsabilidade, o contentamento, assim como a tristeza e a angústia. O ser humano só sabe quem é convivendo com seu semelhante e buscando compreender suas experiências, às quais atribui significados. A existência humana é permeada de situações e vivências de intensa contrariedade e angústia, durante as quais a pessoa não consegue ter coragem de envolver-se e sintonizar-se com elas. Assim sendo, não consegue atribuir significados a elas ou compreendê-las, dificultando sua integração à sua personalidade e à totalidade de sua existência. A pessoa, pode, dessa forma, passar a viver de modo cada vez mais restrito e empobrecido, reduzindo o campo de suas experiências e comprometendo a realização de suas potencialidades, seu conhecimento do mundo e de si mesmo. Dessa forma vai se sentindo cada vez mais contrariada e insatisfeita consigo e com seu mundo, tornando-se existencialmente doente (Forghieri, 1993). Nietzsche (1844-1900) escreve sobre a dinâmica do ressentimento, da culpabilidade, a repressão das forças emocionais, a desintegração psicológica e emocional do homem ante a perda da dignidade. Também desenvolve a tese de que o altruísmo e a moralidade resultam do rancor e da hostilidade reprimidos, geradores da má consciência (<<http://www.existencialismo.org>>, acessado em 21/12/2011). Se a pessoa consegue reverter a situação, envolvendo-se e sintonizando-se com as situações e vivências de contrariedade e angústia para lhes dar significado e compreendê-las, abre-se, finalmente às suas próprias possibilidades e descobre seus melhores recursos para enfrentar e lidar com as situações adversas e viver de forma mais saudável.

Para Forghieri (1993) ser saudável existencialmente não significa viver num estado permanente de satisfação, mas sim, vivenciar certa tranqüilidade, na qual estão contidos sentimentos de bem-estar, mas também de aflição, que se articulam dialeticamente. Para a autora, é preciso ter coragem de assumir os riscos das situações e reconhecer as possibilidades de enfrentá-las da melhor forma possível a cada momento da existência. Ao se recuperar o equilíbrio psicológico, este será novamente arriscado,

para ser outra vez conquistado, e assim sucessivamente durante a existência humana. Dessa forma, quanto maior for o conhecimento a respeito do bullying e dos fatores que tornam as pessoas mais vulneráveis a esse tipo de experiência, mais será possível criar e fortalecer recursos individuais e coletivos que permitam prevenir ou minimizar suas conseqüências na saúde física, mental e existencial do ser humano.

1.7 Bullying e diferenças de gênero

Pesquisas em desenvolvimento de gênero mostram que meninos e meninas diferem na apresentação de diversos aspectos desenvolvimentais. Sexo e gênero são importantes fontes de variabilidade no comportamento das crianças (BELL, FOSTER e MASH, 2005, citados por HUTZ, 2010). Por muito tempo, pesquisadores de bullying concentraram-se no estudo do comportamento dos meninos, devido ao fato destes aparecerem como maioria em seus estudos (BERGER, 2007, citado por HUTZ, 2010). Estatísticas publicadas pelo IBGE sobre violência escolar mostram que 17,5% dos alunos que se envolveram com brigas nos últimos trinta dias antes da pesquisa, eram do sexo masculino, enquanto que 8,5% eram do sexo feminino (<<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 21/12/2011). Olwues (1993) acreditava que o bullying ocorreria em menor frequência entre as meninas e que a forma feminina de apresentação do bullying seria despercebida. Esse dado é reforçado por Lisboa (2005, citado por HUTZ, 2010) que identifica que os meninos são classificados pelos colegas como agressores e como vítimas/agressores com uma frequência maior do que as meninas. Para Liang e cols. (2007, citado por HUTZ, 2010) a agressividade e a vitimização são de ocorrência mais comum entre os meninos. No entanto, Gini e Pezzoli (2006, citados por HUTZ, 2010) afirmam que a diferença entre meninos e meninas está no tipo de agressão utilizada e não em sua frequência.

Bandeira (2009), diz que as meninas identificam-se mais como vítimas e testemunhas, e os meninos como agressores e vítimas/agressores. Segundo Bandeira, as meninas apresentam atitudes mais positivas em relação às vítimas, são mais empáticas e dão mais suporte que os meninos. Os meninos tendem a usar agressões físicas como empurrões, chute e socos; enquanto as meninas utilizam meios indiretos como agressão verbal, insulto, fofoca e mentira. Os meninos afirmam serem agredidos por outros

meninos e as meninas se dizem agredidas por outras meninas. Meninos e meninas também diferem na forma como percebem o bullying e nas suas reações em relação a este (BANDEIRA, 2009, citado por HUTZ, 2010). Segundo Lisboa (2005), as relações diádicas e íntimas parecem ser mais importantes para as meninas do que para os meninos. As meninas parecem se importar mais com o retorno dos pares para formar seu autovalor, o que torna as adolescentes mais suscetíveis aos comentários em relação à sua aparência física (CRICK e GROTPETER, 1995, citados por HUTZ, 2010). Conforme Lisboa (2005), é permitido socialmente às meninas manter relações íntimas e próximas com um par do mesmo sexo. Já os meninos são vulneráveis a preconceitos, podendo, por isso, tornarem-se vítimas mais frequentemente.

A masculinidade caracteriza-se por traços de personalidade instrumental, independência, procura da auto-afirmação, colocar-se em risco, dominância social e agressividade. Já o feminino caracteriza-se por traços de sensibilidade, acolhimento, expressividade e altruísmo. Várias de nossas condutas são determinadas culturalmente. E a identificação com aquele tipo de comportamento masculino, pode levar os meninos (crianças) a acreditarem que agindo assim serão considerados “homens”, “machos”; e assim tentar liderar e atacar seus pares não só os garotos como também as garotas. Talvez assim acreditem que estão atendendo a expectativas culturais e sociais em relação a seu papel masculino (GINI, POZZOLI, 2006).

É certo que os homens são mais vulneráveis à violência, seja como autor, seja como vítima. Os homens adolescentes e jovens são os que mais sofrem com lesões e traumas devido a agressões; e as agressões sofridas são mais graves e demandam maior tempo de internação em relação às sofridas pelas mulheres (SOUZA, 2005). A violência, desde que percebida como forma social de poder, decorre do processo de empoderamento masculino, mas resulta em ônus para os homens autores da violência, que se tornam vulneráveis na adoção de práticas que trazem danos à saúde física, mental e social, para si e para os outros (<<http://www.saude.gov.br>>, acesso em 30/12/2011).

Um estudo realizado na Pós-Graduação do curso de Ciências da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco do Rio de Janeiro (2004), por Giusepp e Romero, sobre a percepção de alunos de educação física a respeito da construção cultural do corpo masculino, destacou que os dados evidenciam a persistência

determinante de normas, crenças, tabus, estereótipos e valores socioculturais que interferem na construção do corpo masculino. O estudo conclui que a educação física vem atuando como legitimadora e reprodutora de uma ideologia hegemônica, sexista, patriarcal e machista, sedimentando o “status quo”. Constata que essas percepções, além de não contribuírem para o desenvolvimento de uma cultura corporal de movimento, limitam os movimentos corporais presentes no cotidiano nos alunos do sexo masculino. Existem preconceitos quanto à prática de atividades físicas ditas “femininas”. Isso levou os autores, Giusepp e Romero, a acreditarem que existe uma educação diferenciada que os indivíduos do sexo masculino recebem que os levam à valorização de atitudes que condizem com o comportamento masculino esperado pela sociedade. A sociedade estabelece normas, padrões de comportamento e de atitudes próprias para cada sexo. Isso dificulta a compreensão do possível rompimento da submissão de um sexo pelo outro. Assim sendo, é possível ao homem tradicional subsistir de modo pleno e integral? É certo que o novo homem, emergente, de ‘corpo amaciado’, que participa da família e tem uma sexualidade diferente, está sob suspeita e admiração, e necessita ser analisado e discutido com o devido aprofundamento (GIUSEPP, ROMERO, 2004).

Chama-se “Enantiodromia” (o significado literal é “ir contra”) o conceito introduzido na psicologia pelo psiquiatra Carl Gustav Jung (“Aspectos da Masculinidade”, capítulo VII, 1912) que significa que a superabundância de qualquer ‘força’ inevitavelmente produz o oposto do que é esperado. Jung o utilizou para se referir à ação inconsciente, conflitante com os desígnios da mente consciente. Diz respeito ao caráter emergente do inconsciente no decorrer da vivência. Uma das características da enantiodromia é identificar os gêneros como feminino e masculino. Dessa forma, segundo Jung, conforme um indivíduo se identifica conscientemente como extremamente masculino, um conceito de extremamente feminino se forma em seu inconsciente em oposição ao seu masculino. Outra característica seria o conflito entre um eu consciente extremamente bondoso e um eu inconsciente extremamente maligno (<<http://pt.wikipedia.org>>, acesso em 30/12/2011)

Se alguém soubesse quanto pesa um cetro, não se daria ao trabalho de erguer um caso o encontrasse no chão (KUNZ, 2010). Mas, quanto pesa o cetro do rei? Talvez não seja o peso do cetro o que mais incomode e torne sua vida um pesadelo, mas sim mantê-lo erguido o tempo todo. O cetro do rei está sempre em sua mão pronto para demonstrar

autoridade e masculinidade quando requerido e, se não for, deverá ser pró-ativo, pois isso também é ser ‘macho’. Nas relações de gênero, é comum que a dominação masculina agrida diretamente o feminino e ridicularize o não-masculino; mas quem é dominador e dominado nessa totalidade dialética? Agindo assim, o homem também é escravo do masculino (KUNZ, 2010). O homem “é dominado pela própria dominação” (MARX, citado por BOURDIEU, 2002).

Com relação à saúde, na comparação entre homens e mulheres, em geral, os homens sofrem mais de doenças crônicas e o número de óbitos é mais elevado. Destaca-se também o fato de que os homens procuram menos os serviços de saúde, e quando o fazem é na atenção hospitalar de média e alta complexidade. O pressuposto é que este comportamento que se apresenta em estudos e que apontam dificuldades no acesso a serviços de saúde, esteja na desvalorização do autocuidado e na preocupação incipiente com a saúde, seja decorrente da masculinidade tradicional e hegemônica, a qual concebe o homem como forte, invulnerável e provedor. Esta concepção ainda influencia o homem no sentido de que não “se entreguem” à doença, lutando pela sobrevivência e à manutenção de seus papéis sociais. Contudo, homens e mulheres experimentam, diante da doença, momentos de dor, tristeza e solidão, e necessitam de assistência adequada, individualizada e sem preconceitos (SILVA, BUDÓ, ROSA, ALMEIDA, 2010).

Em 2007, a Secretaria de Estado da Saúde do Estado de São Paulo, constituiu o Grupo Técnico de Ações Estratégicas (GTAE) para acompanhamento das políticas específicas do Estado em determinadas áreas. Uma das várias atribuições do GTAE é orientar os municípios na execução dos programas relacionados às ações estratégicas. E estas áreas de atuação são: saúde da criança, saúde da mulher, saúde do idoso, da pessoa com deficiência, do trabalhador, saúde mental, hipertensão arterial e diabetes, saúde dos povos indígenas, da pessoa usuária de álcool e outras drogas, da população negra e saúde bucal (SÃO PAULO- DIÁRIO OFICIAL, 2007). Neste mesmo ano, em reunião de articuladores de Saúde Mental de todo Estado, na Secretaria de Estado da Saúde em São Paulo, também se ressaltou a necessidade de abordar os grupos homossexuais, que junto com os grupos acima citados, configurariam grupos em situação de risco

(informação verbal).⁸ É possível observar que é considerado fora da área de risco apenas o homem branco heterossexual.

Em 2008, o Ministério da Saúde, reconhecendo a tal problemática instituiu a Política Nacional de Atenção Integral à saúde do homem (PNAISH) Princípios e Diretrizes, em portaria promulgada em 27/08/2009 com o nº 1944. Tem por objetivo promover as melhorias das condições de saúde da população masculina do país, reduzir a morbidade e mortalidade e facilitar o acesso a ações e serviços de atenção integral, o que exige mecanismos de fortalecimento e qualificação da atenção primária. Além disso, procura romper os obstáculos que impedem o homem de frequentar consultórios médicos (SILVA, BUDÓ, ROSA, ALMEIDA, 2010).

A PNAISH visa qualificar a atenção à saúde masculina na perspectivas de linha de cuidado que preservem a integralidade da atenção. Vários estudos comparativos, entre homens e mulheres, têm comprovado o fato de que os homens são mais vulneráveis a doenças e que morrem mais precocemente que as mulheres (NARDI et all, 2007, citado na cartilha da PNAISH, 2008). Grande parte das barreiras que impedem a população masculina de procurar serviços de saúde na atenção primária (fundamental na prevenção e promoção de saúde e porta de entrada no SUS) é formada por fatores socioculturais e institucionais (<<http://www.saude.gov.br>>, 2008, acesso em 30/12/2011). Reverter esse quadro é indispensável, levando em consideração todos os seus desdobramentos na família, e na sociedade em geral.

Com base nos dados encontrados na literatura mostrando que o gênero masculino é mais frequentemente envolvido em diferentes situações de violência, incluindo o bullying, os fatores socioculturais que levam o homem a procurar ajuda ou serviços de saúde menos frequentemente do que as mulheres, bem como as possibilidades de agravos à saúde mental e física das vitimas de bullying, considera-se que a população masculina deve ser mais abordada por estudos mais específicos, especialmente relacionados à área da saúde.

1.8 Prevenção do bullying e de suas conseqüências à saúde

⁸ Informação prestada pela Diretora Técnica do Ambulatório Regional de Saúde Mental de Bauru, da SES-SP, Enf. Suzana Barban Castilho, em 05/2007

Segundo Kaplan e Sadock (1997), intervenções de prevenção e controle do comportamento violento podem incluir encaminhamentos a especialistas em saúde mental, notificação a autoridades apropriadas e aconselhamentos realizados por pessoas treinadas. Em seu compêndio, no capítulo sobre “Agressão” (pp.170-178), os autores citam e comentam algumas alternativas de prevenção como a punição, alternativa que frequentemente não funciona, podendo incrementar ao invés de inibir as ações perigosas que se pretende evitar; a catarse, que pode ser eficiente para algumas pessoas e piorar a conduta de outras; o treinamento de habilidades sociais, que tem demonstrado mudanças importantes nos comportamentos-alvo em muitos casos, melhorando a comunicação interpessoal e a capacidade de lidar com rejeição e tensão e a indução de respostas incompatíveis com a agressão, pelo desenvolvimento do bom humor e da empatia, pois é mais difícil agredir alguém cuja emoção é percebida.

Ações preventivas precoces relativas às ações violentas e ao bullying são fundamentais, uma vez que quanto mais cedo começa o comportamento agressivo, maior o risco de se agravar e continuar acontecendo. É importante também distinguir entre comportamentos normativos e os atípicos com propósitos destrutivos, além de identificar intenções e condutas agressivas em jogos e brincadeiras, tentando elaborar estratégias que partam do princípio de que o sistema social se organiza de forma a não se pensar no outro e em sua mente (informação oral)⁹.

Prevenir tem o significado de “preparar; chegar antes de; dispor de maneira que evite (dano ou mal); impedir que se realize” (FERREIRA, 1986). Exige uma ação antecipada baseada em conhecimento a fim de tornar improvável o aparecimento de um transtorno. Para tanto é importante a divulgação de informação científica e de recomendações normativas de mudanças de hábitos (CZERESNIA, 1999). O objetivo da prevenção é diminuir o aparecimento (incidência), duração (prevalência) e a incapacidade residual dos transtornos à saúde. Está baseada nos princípios da saúde pública e é dividida em primária, secundária e terciária (FERREIRA, 1986)

Segundo Ferreira (1986), a prevenção primária consiste em evitar o aparecimento de uma doença ou transtorno, reduzindo, assim, sua incidência (número de casos novos ocorrendo em um período de tempo específico). Esse objetivo é

⁹ P. Fonagy em Conferência durante o I Simpósio sobre Violência Urbana, UNIFESP, SP, 2008.

conseguido pela eliminação de agentes etiológicos, redução dos fatores de risco, aumento da resistência da vítima ou interferência no modo de transmissão do transtorno.

A prevenção secundária consiste em identificar precocemente e instituir o pronto tratamento do transtorno ou sofrimento, com o objetivo de reduzir a prevalência (número de casos existentes) da condição pelo encurtamento de sua duração. A intervenção na crise e a conscientização da população são componentes importantes nessa prevenção. É fundamental a identificação de grupo de risco ou indivíduos mais vulneráveis. A prevenção terciária consiste em reduzir a prevalência de defeitos ou incapacidades residuais devido à doença ou transtorno. Para Kaplan (1997) envolve esforços reabilitadores para possibilitar ao indivíduo acometido, alcançar o nível mais alto de funcionamento possível.

Há uma diferença entre prevenir e promover saúde, mas os dois conceitos se complementam. Promover tem significado de dar impulso a; fomentar; originar; gerar (FERREIRA, 1986). A promoção de saúde é um conceito mais amplo que o de prevenção, pois se refere a medidas que não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem-estar gerais. As estratégias de promoção enfatizam a transformação das condições de vida, educação e de trabalho que estão na estrutura subjacente aos problemas de saúde, demandando abordagem intersetorial (LEAVELL & CLARCK, 1976). A idéia de promoção envolve a de fortalecimento da capacidade individual e coletiva para lidar com a multiplicidade de condicionantes da saúde. Vai além de uma aplicação técnica e normativa, aceitando-se que não basta conhecer o funcionamento das doenças e encontrar mecanismos para seu controle. Essa concepção diz respeito ao fortalecimento da saúde por meio da construção da capacidade de escolha, bem como, da utilização do conhecimento com o discernimento de atentar para as diferenças e singularidades dos acontecimentos (CZERESNIA, 1999).

Mas, será possível utilizar o mesmo modelo de prevenção em se tratando de saúde mental? Barreto (2005) acredita que há um processo reducionista neste paradigma. Segundo ele haveria grande dificuldade em abdicar do modelo clássico da história natural da doença de Leavell & Clarck (1976), em que se pressupõe a relação agente etiológico/hospedeiro/quadro clínico. O campo da saúde mental é

permanentemente assombrado pela dúvida em relação à possibilidade teórica de incorporar a idéia de ações preventivas. Diante da inegável impossibilidade de se reconhecer que não há como se detectar antecipadamente a patologia mental de que irá sofrer o indivíduo e, mais ainda, de definir que medida específica serviria para “vaciná-lo”, a prevenção em saúde mental opta por apoiar-se na crença de medidas pedagógicas de efeitos profiláticos. Barreto (2005) levanta a questão de que se seria possível, ou desejável, uma educação para a saúde mental.

Comportamento violento e suas várias expressões é assunto de importância considerável. E o fenômeno bullying tem se destacado por suas nefastas conseqüências na vida e na saúde de suas vítimas. Tais conseqüências na saúde mental do adulto podem ser incapacitantes. Considerando tais conseqüências e sua possível gravidade, o fenômeno bullying deve ser esclarecido e profundamente compreendido, de forma que possam ser propostas medidas educativas preventivas e terapêuticas que se mostrem efetivas. Importante fator a ser considerado é a abordagem à saúde integral do homem, visando prevenir os fatores de risco representados por sua vulnerabilidade para envolvimento em situações de violência, além de se atentar para o alívio de suas tensões físicas e psíquicas.

II.OBJETIVOS

- a- Identificar possíveis vítimas de bullying sofrido na infância e/ou adolescência entre universitários adultos do sexo masculino.
- b- Descrever e analisar quantitativamente e estatisticamente os principais aspectos referentes à experiência de bullying dos participantes.
- c- Identificar possíveis repercussões ou seqüelas dessa experiência pregressa na vida atual e na saúde dos participantes.
- d- Realizar três estudos de casos de participantes que foram vítimas de bullying, compreendendo suas vivências e os possíveis impactos dessa experiência em sua vida e saúde.

III.MÉTODO

Trata-se de pesquisa transversal composta de um estudo descritivo e quantitativo, e de um estudo qualitativo, composto por três estudos de caso, os quais foram realizados com base no método fenomenológico. Os estudos de caso foram discutidos na perspectiva da psicopatologia fenomenológica e com contribuições teóricas da teoria psicodinâmica (teoria psicanalítica). Esse modelo de pesquisa tem sido bastante utilizado nos últimos anos, propiciando uma visão panorâmica e geral do fenômeno em estudo e, paralelamente, uma imersão mais aprofundada no fenômeno, visando compreendê-lo em suas peculiaridades, conforme estudo realizado por Godoy (2008).

Fenomenologia

O termo Fenomenologia foi usado pela primeira vez na obra *Novo Órganon* (1764) de autoria de Johann Heinrich Lambert (1728-1777), com o sentido da teoria das ilusões em suas diferentes formas (DARTIGUES, 1992). Em 1770, Emanuel Kant (1724-1804) usa o termo para indicar a disciplina propedêutica que deveria preceder à metafísica. Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), chama a *fenomenologia do espírito*, que considera a sucessão de diferentes formas ou fenômenos da consciência até chegar ao saber absoluto. É quando a Fenomenologia é definida como método e filosofia. No início do século XX, com Edmund Husserl (1859-1938), a fenomenologia se consolida como uma linha de pensamento. E é com este novo significado que a Fenomenologia é entendida na contemporaneidade (OLIVEIRA, CUNHA, 2010).

O método fenomenológico é um importante recurso que possibilita a investigação das vivências humanas. Vivência é uma experiência íntima que ocorre na consciência do sujeito, de modo que somente ele tem acesso direto à mesma e sendo assim, é algo que geralmente escapa à observação do pesquisador. O estudo só é possível se o sujeito fornecer informações pormenorizadas sobre sua própria experiência. E o pesquisador deve procurar compreender a vivência a partir da perspectiva do próprio sujeito. Deve colocar de lado os conhecimentos que possui acerca da vivência estudada e procurar envolver-se e sintonizar-se com ela de forma espontânea, profunda e experiencial; abandonar a postura intelectualizada e valorizar a intuição, percepção, sentimentos e sensações que surgem e favorecem a compreensão

global e pré-reflexiva da vivência (FORGHIERI, 1993). Na Fenomenologia não há consciência desvinculada do mundo e nem um mundo sem que haja uma consciência para atribuir-lhe significado, de modo que sujeito e objeto são inseparavelmente considerados, centrando-se na relação sujeito-objeto-mundo (BRUNS, 2003).

A pesquisa fenomenológica é caracterizada pela ausência de uma compreensão prévia do fenômeno, de modo que começa por interrogar o fenômeno. A situação da pesquisa não é definida pelo pesquisador, antes sim, pelos sujeitos investigados e, por fim, o pesquisador procura pelo sentido e o significado atribuído pelo sujeito à situação investigada (MARTINS, BICUDO, 1989). Para Masini (1989), o método fenomenológico trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto; desvendar o fenômeno além da aparência. Exatamente por que os fenômenos não estão evidentes de imediato e com regularidade, faz-se necessária a Fenomenologia. O método fenomenológico não pretende ser empírico ou dedutivo, mas sim descritivo; porém, não se limita a uma descrição passiva, é simultaneamente tarefa de interpretação (hermenêutica) que consiste em colocar à descoberta os sentidos menos aparentes, aquilo que o fenômeno tem de mais fundamental. O ser humano imprime sentido ao mundo, orientando significações sobre tudo o que experiência em sua existência.

Usualmente, para se colocar em prática o método fenomenológico, o pesquisador deve colocar momentaneamente em suspensão o mundo natural. A crença no mundo natural e tudo o que se origina dessa crença, deve ser colocado entre parênteses por meio da chamada **epoché** (que significa que o pesquisador deve deixar de olhar o fenômeno de uma forma comum, mas sim sem preconceitos ou pressupostos a respeito daquilo que se está interrogando). O pesquisador deve assumir uma atitude neutra, não no sentido de negar o mundo ou as experiências, mas sim de refleti-los e questioná-los da maneira própria. Isso possibilita o emergir do sentido de fatos que não tinham sido antes adequadamente observados e analisados. Isso significa que, através da **epoché**, apresenta-se um novo sentido à atitude natural (MARTINS, 1990). O pesquisador deve descrever o fenômeno tão precisamente quanto possível, procurando abstrair-se de qualquer hipótese, pressuposto ou teorias. O que se busca são os significados que os sujeitos atribuem à sua experiência vivida, significados esses que se revelam a partir das descrições realizadas por eles mesmos. A descrição da experiência por quem a vivencia é o caminho para sua compreensão e a linguagem é uma das

formas de se alcançar isso. Assim sendo, nada é objetivo sem antes ter sido subjetivo, isto é, é a subjetividade que permite o alcance de certos graus de objetividade (MARTINS, 1992).

Embora os fenômenos humanos possam ser pesquisados por meio de diferentes métodos e instrumentos, a entrevista tem se mostrado importante ferramenta no estudo da experiência humana. Permite o acesso aos sentimentos, pensamentos e intenções do pesquisado, apreendendo-se aspectos que dificilmente seriam acessados por meio da observação direta. A entrevista fenomenológica exige do entrevistador uma postura de aproximação ao entrevistado, procurando apreender a sua perspectiva (PATTON, 1990). Bergson (2005, pp.127, citado por MESSAS, 2008) propõe que “tudo que se oferece aos sentidos ou à consciência, tudo o que é objeto de experiência, seja interior, seja exterior, deve ser tido como real enquanto não se demonstrar que é uma simples aparência”.

Depois de obter a descrição das vivências dos colaboradores da investigação, o pesquisador deve proceder à análise das mesmas. Martins (1992) propõe e descreve três momentos da trajetória fenomenológica: descrição (percepção, a consciência que se dirige para o mundo e a experiência do sujeito através dela); redução (seleção pela variação imaginativa das partes essenciais da descrição); e compreensão (ocorre simultaneamente à interpretação, e se dá quando se pretende obter o significado essencial da descrição). O objetivo é conseguir uma maior aproximação com a densidade semântica do fenômeno investigado. Neste momento é fundamental o distanciamento reflexivo, em que o pesquisador procura afastar-se para refletir sobre sua compreensão a respeito dela e então enunciar os significados das vivências. Isto exige do pesquisador um retorno ao mundo do **sujeito**, na vivência cotidiana em que vive, age, sente e fundamenta seu mundo, para compreender e interpretar a vivência a partir da descrição do mesmo.

De acordo com Neme (2009) e Godoy (2008), a análise das vivências apreendidas por meio do método fenomenológico pode ser enriquecida com contribuições da Psicanálise, realizando-se um diálogo interteórico que amplia as possibilidades interpretativas.

Interface entre a Fenomenologia e a Psicanálise

Pode-se dizer que é a busca pelo significado, a exegese da psique, que aproxima a psicanálise da fenomenologia. E esse trabalho de interpretação é importante, pois é o homem o ponto de origem dessa reflexão. No entanto, Freud, em toda sua obra, não faz menção à fenomenologia, enquanto Husserl não demonstra interesse pela psicanálise. Contudo, é possível considerar as críticas e as aproximações. As aquisições essenciais da psicanálise são a interpretação dos fenômenos da consciência como significativos, e a idéia de totalidade significativa. A tarefa da psicanálise seria a exegese do psiquismo humano, numa perspectiva histórica, tendo a clínica como referência fenomenológica. Trata-se de decifrar os símbolos de uma consciência, os enigmas que são enigmas para aqueles que os vivem (RAFFAELLI, 2005).

Segundo Raffaelli (2005), Jean-Paul Sartre demonstrou a possibilidade de identificação de pontos em comum entre a fenomenologia e a psicanálise. Nas palavras de Sartre (1943/1984, pp 483-485): “Uma só escola partiu da mesma evidência originária que nós, a escola freudiana. Para Freud, como para nós, um ato não pode limitar-se a si mesmo: remete imediatamente a estruturas mais profundas. E a psicanálise é o método que permite explicar essas estruturas. (...) Concedemos aos psicanalistas que toda reação humana é, a priori, compreensível”.

Freud considera que a emoção é uma realização simbólica e mostra que os fatos psíquicos possuem sentido. Para Merleau-Ponty (1973), esses devem ser decifrados. O próprio Freud dizia que a psicanálise era a “arte da interpretação”, uma hermenêutica, que extrairia da “matéria impura” das associações o “metal puro” do recalcado (FREUD, 1903/1987, pp. 235).

A psicanálise e a fenomenologia podem ser consideradas como a hermenêutica do humano, que visa decifrar o subtexto de toda realização humana. A principal diferença entre as duas doutrinas é o fato de que a psicanálise procura decifrar a sexualidade como fator principal da realização humana, enquanto a fenomenologia dirige-se para a investigação ontológica (contextualização do ser em suas origens e em seu sentido). As duas escolas partem do cotidiano e procuram o desvendar de um esquecimento através de uma exegese. A fenomenologia também pode ser considerada como a ciência da consciência obscura, enquanto a psicanálise como a ciência do inconsciente, ou do desconhecido pela consciência, e ambas estão em busca do sentido

da existência, sentido este, não imediatamente dado. Ao admitir a consciência obscura, as duas escolas se aproximam, rejeitando a idéia do saber imediato do si mesmo. Para Raffaelli (2006), retirando-se o ego do centro de toda experiência, resulta em que, qualquer modo de ser consciente equivale a um modo de ser inconsciente.

Mesmo recusando uma aproximação entre as duas ciências, Husserl admite uma ‘intencionalidade inconsciente’ quando fala de seus conceitos de consciência de horizonte (HUSSERL, 1954/196, pp 267), pois a consciência produz um sentido que já está antecipado em seu horizonte, conduzindo a uma intencionalidade. Para esse autor, a consciência constitui um sentido sempre inserido numa diferenciação temporal, tomado por uma pré-compreensão antecipatória, para depois se transformar numa efetiva compreensão, conforme a idéia do ‘círculo hermenêutico’ (CORETH, 1973, pp 81-83).

Para Heidegger (1927/1986), toda interpretação está fundada no compreender, isto é, interpreta-se aquilo já compreendido. Por outro lado, conforme ressalta Raffaelli (2006), Freud acredita que os atos psíquicos têm múltiplos significados e intenções, isto é, são polissêmicos e sobredeterminados. A noção de carne, a tese do corpo, que não é nem coisa, nem ego, também aproxima a fenomenologia do inconsciente psicanalítico, pois é através do corpo que se pode apreender o papel privilegiado da sexualidade no ser humano e a gênese da repressão (RAFFAELLI, 2006).

O filósofo E. Kant, um dos precursores da fenomenologia também influenciou o pensamento de Freud. Pode-se considerar que o objeto da psicanálise, o inconsciente, pode ser absorvido pelo conceito de ‘coisa em si’, aquilo que não pode ser qualificável, da filosofia de Kant. “Os fenômenos são apenas representações das coisas, que são desconhecidas quanto ao que podem ser em si” (KANT, 1989, pp. 167).

Segundo Honda (2004), o filósofo Marleau-Ponty, tanto ao longo de seus escritos como em seus ensinamentos, não apenas manteve como aprofundou sua reflexão sobre a psicanálise. Contudo, nenhuma obra específica foi dedicada a ela; referências à psicanálise encontram-se dispersas em seus textos e resumos de cursos. Em todos, de acordo com Honda, parece estar presente uma tentativa de aproximação entre a psicanálise e a fenomenologia.

Para Gabriel (1999) fazer pesquisa usando a psicanálise leva a particularidades epistemológicas no modo de se construir o conhecimento. Uma particularidade diz

respeito à busca de *insights*. Para esse autor a psicanálise vai além da fenomenologia, da interação simbólica e do construtivismo social. A psicanálise desconfia da verdade aparente ou manifesta e busca essa verdade não para desmenti-la em nível cognitivo, mas para unir o seu sentido no nível do significado e do desejo. Apesar de a dúvida fazer parte de qualquer forma de fazer ciência, a dúvida sobre o que é dito e a busca por aquilo que se encontra para além do aparentemente banal, constitui algo novo, que influencia no modo de se perceber o fenômeno.

Dessa forma, a despeito das diversas divergências entre a psicanálise de Freud e as proposições dos fenomenólogos, é possível buscar contribuições psicanalíticas na leitura e aprofundamento dos fenômenos investigados, das vivências identificadas e dos significados desvelados na relação intersubjetiva, tanto na clínica como na pesquisa (Neme, 2009).

3.1-Os participantes do estudo

Vinte e seis homens, graduandos de um curso superior do período noturno de uma faculdade em Bauru (SP). No grupo de universitários na qual os dados foram coletados, havia 26 homens e 8 mulheres (34 graduandos). Porém, foram selecionados como colaboradores apenas os homens, por corresponder aos objetivos desse estudo e à característica predominantemente masculina da amostra.

3.2-Local

Faculdade de Teologia Batista de Bauru. Trata-se de uma instituição de ensino religioso de orientação bíblica e Batista, ligada à Convenção Batista do Estado de São Paulo. Tem como função formar líderes religiosos e pastores através do curso de Bacharelado em Teologia, validado pelo MEC, além de outros cursos de treinamentos para professores de escolas bíblicas. Há predominância de homens entre os alunos (<<http://www.fateo.com.br>>).

3.3-Instrumentos

1-Questionário especialmente elaborado para o estudo, com 25 questões sobre bullying e a identificação de possíveis vítimas dessa agressão em sua infância e/ou adolescência (ANEXO A).

2-Roteiro de entrevista individual, com questões gerais e estimuladoras dos relatos, em moldes fenomenológicos (ANEXO B).

3.4-Procedimentos

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru, a direção da Faculdade escolhida foi contatada pela pesquisadora e informada sobre a pesquisa, sua condução, cuidados éticos e utilização de seus resultados para finalidades científicas, buscando obter sua colaboração. Mediante aceitação da diretoria, foi realizado esclarecimento sobre a pesquisa em sala de aula, antes do início das aulas e na presença dos professores. Os alunos do sexo masculino presentes foram convidados a participar da pesquisa respondendo um questionário. O convite foi feito pela própria pesquisadora que nesse momento explicou a natureza do estudo, seus objetivos e todos os requisitos e cuidados éticos necessários. Todos os alunos presentes foram convidados e todos concordaram em participar, sendo solicitados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C), após o que, receberam o impresso com o questionário a ser respondido. Os participantes foram avisados de que, após a leitura dos questionários, poderiam ser convidados alguns dos participantes para colaboração numa segunda fase do estudo, realizando uma entrevista com a pesquisadora. Pra isso, solicitou-se que, os que tivessem interesse, deveriam disponibilizar meios para posterior contato. No impresso, no cabeçalho, constavam explicações detalhadas sobre o estudo e seus objetivos, bem como o convite para a participação e a colaboração dos alunos. O questionário não precisava ser identificado, mas contava com uma última questão em que os participantes poderiam deixar, voluntariamente, uma forma de contato para participar da segunda fase da pesquisa.

Por meio dos questionários respondidos foram identificados 3 participantes que referiram ter sido vítimas de bullying durante sua infância e/ou adolescência e que disponibilizaram seus contatos, conforme o combinado. Estes foram contatados pela

pesquisadora e convidados a participar de entrevista individual, visando o aprofundamento de suas informações e a compreensão aprofundada do fenômeno investigado. As entrevistas foram gravadas em áudio e realizadas numa sala reservada e adequada para esta atividade, da própria faculdade, em horários previamente agendados com cada participante. As entrevistas prolongaram-se até que o fenômeno estudado fosse esgotado com cada entrevistado e nenhum novo significado surgisse na investigação de acordo com o que o método fenomenológico propõe (BRUNS, 2003)

Para a análise dos dados quantitativos, as respostas obtidas no questionário, foram categorizadas e quantificadas em termos de frequências simples e relativas.

As entrevistas gravadas foram transcritas literalmente, lidas e relidas pela pesquisadora e encontradas as categorias de significado das vivências relatadas; essas foram analisadas, procedendo-se conforme os passos propostos no modelo fenomenológico em pesquisa (MARTINS, BICUDO, 1989).

IV. RESULTADOS

4.1-Estudo quantitativo

A análise dos resultados obtidos nos questionários foi realizada de forma quantitativa e descritiva. Da amostra de 26 graduandos que aceitaram participar, 8 referiram não ter sido vítimas de bullying na infância e/ou adolescência e foram eliminados do estudo, restando 18 participantes no total. Considerando o total percentual de vítimas de bullying identificado no presente estudo, este é superior (quase 2/3 dos participantes, ou seja, 69,2 % do total) ao encontrado na Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PENSE), realizada em 2009, e divulgada pelo IBGE, mostrando que cerca de 1/3 dos estudantes pesquisados disse ter sofrido bullying pelo menos uma vez na vida (<<http://www.ibge.org.br>>, acesso em 21/12/2011).

A faixa etária dos participantes que foram vítimas de bullying na infância e/ou adolescência, distribuiu-se, conforme aparece na Fig. 1.

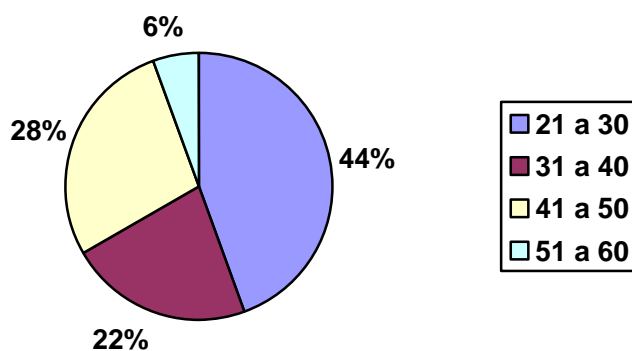


Figura 1. Faixa etária dos participantes

Com relação à ocupação atual, os participantes foram categorizados em ocupações de nível superior e de nível médio, conforme mostra a figura 2.

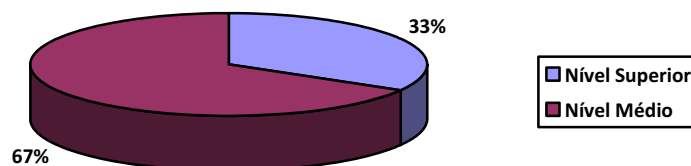


Figura 2. Ocupação atual dos participantes

Quanto ao estado civil, 13 (72,2%) são casados e 5 (27,8%) não são (3 são solteiros, 1 separado e 1 viúvo).

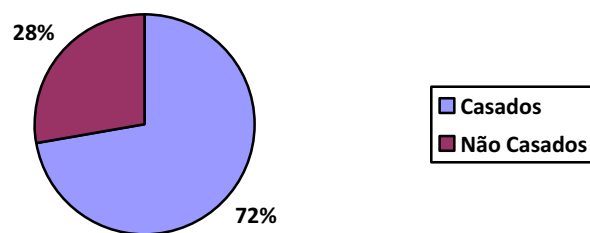


Figura 3: Estado civil dos participantes

Quanto ao tipo de bullying sofrido e o local dessa ocorrência, os dados são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1. Relação do tipo de bullying sofrido com o local onde ocorreu

Local \ Tipo	Verbal	Física e verbal	Humilhação, isolamento, discriminação sexual	Todos os tipos ao mesmo tempo	Total %
Escola	5		1	1	7 38,4%
Rua	2				2 11,1%
Escola e trabalho	1		1		2 11,1%
Escola e/ou rua e/ou casa de colega e própria casa		1		5	6 33,3%
Escola e Igreja				1	1 5,5%
Total	8	1	2	7	18
%	44,4%	5,5%	11,1%	38,4%	100%

Observa-se que cerca de 50% das vítimas relatou ter sofrido agressão verbal e quase igual percentual relatou ter sofrido mais de um tipo de agressão. Resultados de pesquisa da ABRAPIA (2003) mostraram que entre as agressões mais frequentemente sofridas por vítimas de bullying, encontram-se as verbais, como apelidar (54,2%), difamar (11,8%), agredir (16,1%), ameaçar (8,5%), além de pegar e quebrar pertences (4,7%) e excluir (2,5%). (<http://www.observatoriodainfancia.com.br>, acesso em 21/12/2011).

Com relação ao local onde ocorreu a agressão, em 50% dos casos, foi apenas em um lugar (escola ou rua) e nos demais 50% dos casos, a agressão ocorreu em mais de um local (escola, rua, casa de vizinho, casa de colega, própria casa, trabalho, igreja). Ressalta-se que a escola apareceu como lugar da agressão em 15 casos (83,3%). Em um dos casos, a própria casa aparece como local do bullying e em outro caso, o bullying ocorreu na igreja. O trabalho foi apontado por 2 participantes como local da agressão sofrida. Há controvérsias sobre se a violência no trabalho também poderia ser denominada de bullying; alguns pesquisadores acreditam que o termo correto para a agressão no trabalho seria “assédio moral”; contudo não há consenso sobre essa questão.¹⁰

A figura 3 apresenta os dados referentes à etapa do desenvolvimento em que as vítimas se encontravam quando sofreram o bullying, considerando-se infância, a faixa etária de 5 a 12 anos; adolescência, de 13 a 18 anos e idade adulta, acima de 18 anos.

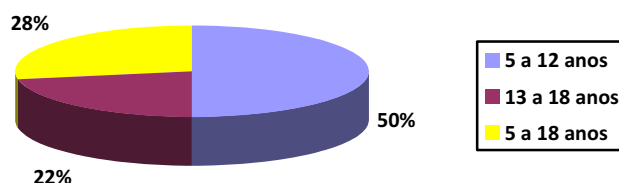


Figura 4: Faixa etária das vítimas

As agressões ocorreram na infância (de 5 a 12 anos) para 9 participantes (50%); na adolescência (de 13 a 18 anos de idade), para 4 participantes (22,2%) e durante a infância e a adolescência para 5 participantes (27,8%). Pesquisa do IBGE (2009) em 11 escolas no Rio de Janeiro mostrou resultados de que, entre alunos da 5ª à 8ª série (fase da adolescência), mais de 40,5% informou ter praticado ou ter sido vítima de bullying (<<http://www.antibullyinganti.blogspot.com>>, acessado em 21/12/2011).

¹⁰ Discussão que ocorreu durante a mesa redonda “Bullying” no XXIX Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em 2-5/11/2011, RJ.

Quanto à etapa do desenvolvimento dos agressores, em 6 (33,3%) dos casos, esses eram criança e adolescente; em 6 (33,3%) dos casos, os agressores eram adolescentes; em 4 (22,2%) dos casos os agressores eram crianças, adolescentes e adultos; em 1 (5,6%) caso os agressores eram adolescentes e adultos e em 1 (5,6%) dos casos o agressor era adulto. A pesquisa do IBGE (2009) mostra que os agressores estão geralmente entre 13-14 anos, sendo a maioria do sexo masculino (cerca de 60%). (<<http://www.ibge.org.br>>, acessado em 21/12/2011). Nos resultados encontrados no presente estudo, também se observa que o bullying foi mais frequentemente praticado por adolescentes, não se encontrando nenhum caso em que a agressão foi praticada apenas por crianças. Os adultos participaram da agressão em 6 casos (33,3%), ou seja, em 1/3 dos casos. Tais dados enfraquecem certas afirmações ainda comuns de que o bullying representa apenas brincadeira infantil, o que é, possivelmente, utilizado para minimizar responsabilidades quanto à prevenção e contenção desse tipo de violência.

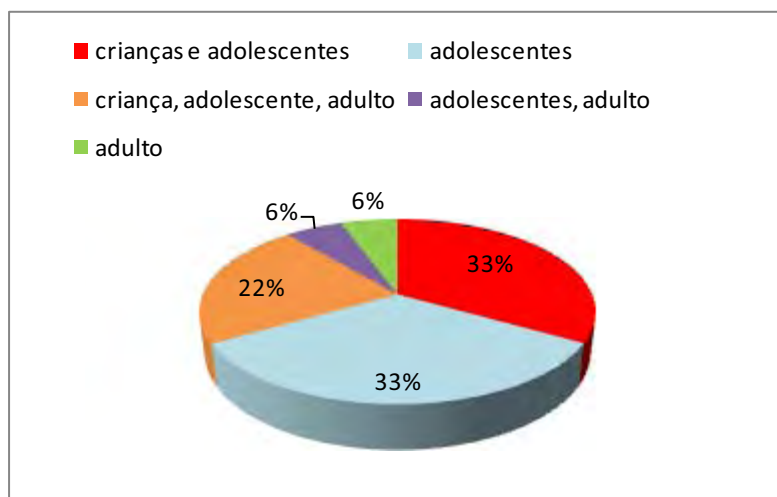


Figura 5. Etapa de desenvolvimento dos agressores.

Sobre o que sentiram por ocasião da experiência de vitimização por bullying, 13 participantes (72,2%) informaram que se retraíram e se sentiram humilhados (apresentando tristeza, choro, vontade de sumir, sentimento de impotência, isolamento, culpa); e 5 participantes (27,8%) informaram que apresentaram reação mais ativa (raiva, desejo de vingança). Observa-se que as reações de retraimento e sentimentos de humilhação foram mais frequentes.

Questionados sobre se houve ou não reação, 13 participantes (72,2%) disseram que sim e 5 participantes (27,8%) disseram que não. Comparando-se esse resultado com os obtidos na questão anterior, referente aos sentimentos experienciados durante a vitimização, observa-se que não houve relação quantitativa entre os sentimentos de retraimento e humilhação e os considerados mais ativos, como raiva, e reação das vítimas contra o agressor. Quanto ao tipo de reação, 10 participantes (55,6%) informaram que reagiram ativamente (agredindo, xingando, pondo apelidos, brigando, enfrentando, usando pedra/estilingue, realizando planos de vingança, evitando locais, pedindo explicações, pedindo que parassem) e 8 participantes (44,4%) informaram que reagiram passivamente (tentando ser mais extrovertido, levando na brincadeira, fingindo não ter entendido o que estava ocorrendo, dentre outras reações similares). A pesquisa da ABRAPIA (2009) mostra que, entre as vítimas de bullying, 49,5% disseram que ignoraram a agressão; 12,8% pediram que parassem; 4,5% pediram ajuda; 16,7% se defenderam; 3,4% fugiram e faltaram à escola e 8,4% choraram (<<http://www.observatoriodainfancia.com.br>>, acesso em 21/12/2011). Observa-se que o percentual dos participantes que “ignoraram a agressão”, ou seja, reagiram de forma passiva (quase 49,5%) no estudo da ABRAPIA é pouco maior do que o encontrado no presente estudo, para o mesmo tipo de reação.

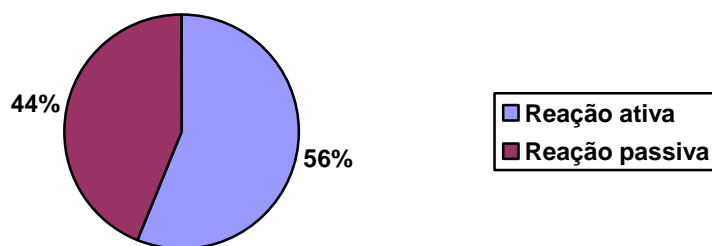


Figura 6- Tipo de reação das vítimas

Quanto ao nível de sofrimento, considerando a classificação de 0 a 5, sendo 0 o menor sofrimento e 5 o máximo de sofrimento, 10 participantes (55,6%) apontaram nível 2; 4 participantes (22,2%) apontaram nível 3; 1 participante (5,6%) apontou nível

4; 2 participantes (11,1%) apontaram nível 5 e 1 participante (5,6%) não identificou o nível de sofrimento. Este resultado chama a atenção para a intensidade do sofrimento das vítimas que participaram desta pesquisa, pois cerca de 40% das vítimas apontou um nível de sofrimento igual e superior a 3, ou seja, acima do ponto médio.

Quadro 2 – Nível de sofrimento X Sentimento das vítimas

Participante	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	Tota
s\ Sentimento X Nível sofrimento							C												l
0(< nível)																			0
1																			0
2				B	B	A		B	A	A	B	A	A				A	A	11
3	B	A												A		B			4
4																			0
5(> nível)			A												A				2

Legenda- O que sentiu:

A- Raiva, ira, desejo de vingança

B- Medo, tristeza, choro, impotência, isolamento, vontade de sumir

C- Não respondeu

Questionados sobre se alguém presenciou a agressão: 17 participantes (94,4%) disseram que sim e 1 indivíduo (5,6%) disse que não. Esses resultados mostram que quase a totalidade dessa amostra teve observadores em suas experiências de bullying. A pesquisa realizada pela ABRAPIA (2003) mostra que os observadores ou testemunhas do fenômeno bullying, representaram 57,5% de sua amostra (<<http://www.observatoriodainfancia.com.br>>, acessado em 21/12/2011). Embora no estudo da ABRAPIA o percentual de casos de vitimização por bullying com observadores ou testemunhas tenha sido inferior ao encontrado no presente estudo, em ambos os estudos, mais da metade dos casos de violência foi presenciado por outra ou outras pessoas. Esse resultado mostra que o fenômeno bullying, com maior frequência, não é uma ocorrência desconhecida ou feita às escondidas, embora seja frequentemente ignorada por seus observadores.

Quanto à etapa de desenvolvimento do observador da agressão: 12 indivíduos (70,6%) disseram que eram crianças/adolescentes; 4 indivíduos (23,5%) disseram que eram crianças/adolescentes/adultos e 1 indivíduo (5,9%) disse que era um adulto. Esses dados corroboram a literatura, mostrando que o bullying na infância e na adolescência é presenciado mais por pares do que por adultos (<<http://www.observatoriodainfancia.com.br>>, acessado em 21/12/2011). Porém, aponta que em cerca de 30% dos casos, estava presente, como testemunha, um ou mais adolescentes, ou seja, pessoas que poderia ter auxiliado de alguma forma.

Quando questionados se estas pessoas que presenciaram a agressão tentaram ajudar, 2 indivíduos (11,8%) disseram que sim e 15 indivíduos (88,2%) disseram que não, mostrando que a maioria das testemunhas não se envolve e não auxilia as vítimas, mesmo quando são adultos. Os resultados da pesquisa da ABRAPIA (2003) mostraram que 57,5% dos participantes da situação de bullying em sua pesquisa, apenas observaram a ocorrência, sem ajudar. (<<http://www.observatoriodainfancia.com.br>>, acessado em 21/12/2011), revelando um percentual menor de observadores omissos do que o obtido no presente estudo.

Questionados sobre se procuraram alguém para ajudar, 5 indivíduos (27,8%) disseram que sim; e 13 indivíduos (72,2%) disseram que não. Dos que procuraram ajuda, 4 indivíduos (22,2%) recorreram aos pais e apenas 1 indivíduo (5,6%) procurou o professor. Perguntados se esta ajuda foi efetiva, 3 indivíduos (60%) disseram que sim e 2 indivíduos (40%) disseram que não. Na pesquisa da ABRAPIA, 41,6% das vítimas não procuraram ajuda (LOPES NETO, 2005), ou seja, cerca de metade de sua amostra, diferentemente dos resultados do presente estudo, em que um percentual mais alto de vítimas não procurou ajuda. Em ambos os estudos, no entanto, evidencia-se importante percentual de vítimas que não pedem ajuda quando sofrem a experiência com bullying. Com relação a quem foi procurado para ajudar, apenas uma das 5 vítimas que procurou ajuda, no presente estudo, referiu ter procurado o professor. Esse dado reforça a necessidade de maior atenção de professores e da escola para com o fenômeno bullying, pois esse ocorre mais frequentemente no contexto escolar.

Quando questionados quanto à ocorrência de seqüelas, 8 indivíduos (44,4%) disseram que sim. Desses, 6 indivíduos (75%) disseram ter ficado com seqüelas

emocionais que resultaram em reações de retraimento (sentimento de inferioridade, isolamento, sensação de autorreferência, baixo rendimento escolar, timidez, medo, confiar mais nos pais). Dois indivíduos (25%) referiram outros tipos de conseqüências, como maior sensibilidade e ira com injustiças, adolescência difícil, delinqüência e repetição do comportamento agressivo. Dez indivíduos (55,6%) disseram que não apresentaram seqüelas. Ou seja, cerca de metade da amostra referiu ter sofrido algum tipo de seqüela ou conseqüência da violência sofrida. Estudo da Universidade Warwick na Inglaterra mostra que crianças vítimas de bullying apresentam duas vezes mais chances de desenvolver sintomas psicóticos na adolescência, sendo que, se a violência continuar por tempo prolongado, as chances sobem para quatro vezes mais (<<http://www.terra.com.br>>, acesso em 21/12/2011). Em estudo de revisão de literatura sobre bullying em crianças, Neme, Mello, Gazzola e Justi (2008) relataram que as pesquisas encontradas indicaram a existência de relações entre esse tipo de agressão e diversas conseqüências emocionais como depressão, baixos níveis de bem-estar e ajustamento social, angústia e ansiedade em altos níveis, além de sintomas e problemas de saúde física. Relataram também resultados de estudo longitudinal evidenciando efeitos de longa duração da experiência de bullying, bem como relações entre esses efeitos e comportamentos antissociais posteriores.

Perguntados se, em decorrência da experiência com o bullying, procuraram algum tipo de ajuda profissional, 4 (22,2%) indivíduos disseram que sim (psicólogo, médico, psiquiatra) e 14 (77,8%) indivíduos disseram que não procuraram este tipo de ajuda. Ou seja, metade dos participantes que referiram ter ficado com alguma seqüela em decorrência do bullying procurou ajuda profissional. Quando indagados quanto a terem ou não superado a experiência ou repercussões do bullying durante suas vidas, 16 indivíduos (88,9%) disseram que as superaram e 2 indivíduos (11,1%) disseram que ainda não as superaram. Embora o percentual de participantes que referiu ter superado as experiências negativas sofridas com o bullying seja maior do que os que disseram não as terem superado, ressalta-se que são participantes adultos, e, para 2 deles, mesmo com ajuda, não foi possível livrar-se das implicações do bullying. De modo semelhante, as respostas à questão sobre sua percepção acerca da influência do bullying em suas vidas, mostraram que, para 7 (38,9%) indivíduos, houve influência dessa experiência

em suas vidas, enquanto que, 11 (61,1%) consideram que ela não influenciou diretamente suas vidas.

Perguntados sobre se poderiam apresentar sugestões para a resolução do problema, 2 (11,1%) indivíduos não responderam à questão e os demais apresentaram diferentes tipos de sugestões. Oito (44,4%) indivíduos fizeram sugestões que incluem ações na escola e na família (educação para que as pessoas se importem com o próximo, ensino mais profundo além de meros conceitos, maior empenho dos educadores, mais monitoramento dos grupos, discutir o assunto abertamente, palestras para pais e responsáveis, aulas de cidadania e habilidades sociais). Dois (11,1%) indivíduos mencionaram apenas ações em relação à família (bom relacionamento familiar, diálogo entre pais e filhos, maior cuidado por partes dos adultos e pais, preservação moral da família). Três (16,7%) indivíduos mencionaram a necessidade de leis e punições aos agressores (conversa séria com o agressor, confronto de agressor e vítima, punição e penas duras para os agressores, expor os praticantes, mudanças nas leis); e 3 (16,7%) indivíduos sugeriram ações gerais que incluem investimento no desenvolvimento do sujeito (reflexão sobre o assunto, denúncia pelas vítimas, desenvolver comunhão e empatia, informação e conscientização sobre o assunto, amor e menos egoísmo). Ou seja, para cerca de metade dessa amostra, a melhoria da situação com relação à prática do bullying requer ações da escola e da família. Apenas 3 participantes mencionaram ações punitivas, as quais, conforme a literatura (KAPLAN, SADOCK, 1997) mostraram-se menos efetivas do que outras medidas para a prevenção e controle desse tipo de violência.

A seguir é possível visualizar os tipos de sugestões na Figura 7.

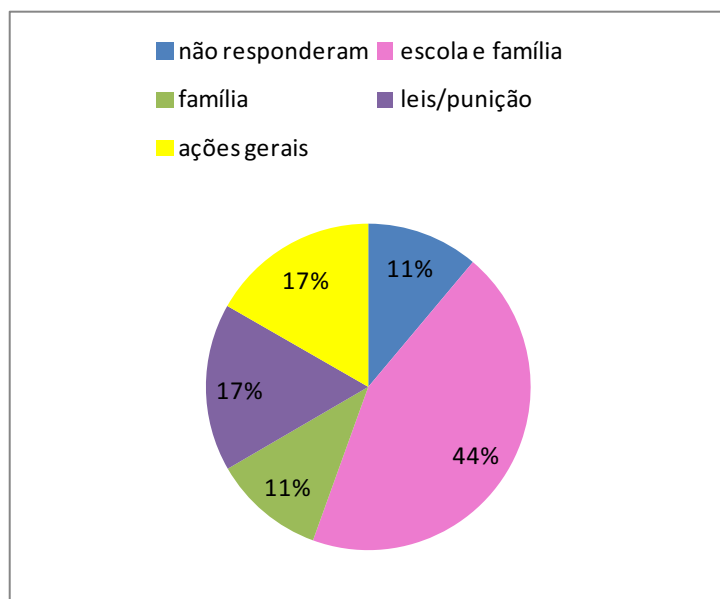


Figura 7: Sugestões

4.2-Estudo Qualitativo

Foram entrevistados três participantes que relataram suas experiências de forma espontânea, intensa e emocionada. Seus relatos constituem-se histórias de pessoas sensíveis e preocupadas com o outro, com o desejo de desempenhar bem os seus papéis dentro do grupo em que estão inseridos. As entrevistas transcritas e analisadas são apresentadas, incluindo-se excertos de falas dos participantes, que ilustram os significados principais de suas vivências com o bullying.

4.2.1- 1ª Entrevista: Mateus, faixa etária 41-50 anos, casado.

1- Sobre a ocorrência de bullying

“Na infância eu era muito doente, não tinha o peso ideal... Eu lembro até hoje... Uma menina me acusou de alguma coisa e eu me lembro a professora enrolando o caderno de chamada...Vindo lá do fundo da sala...Rangendo os dentes e me deu umas bordoadas. Ela me chamava do nome de um personagem de novela (pejorativo) ... É que eu sempre

chamava a atenção pelo rendimento escolar ... Uma coisa puxa a outra. Sabe eu entendo porque acontecia aquilo, era por conta da aparência física, de algum defeito, eu era orelhudo, alguma falta de alguma habilidade, eu não era habilidoso nos esportes, nunca fui, fui rejeitado no futebol... E depois na adolescência tinha o negócio das roupas. Meu pai era doente, não tinha condições financeiras...Aí tiravam sarro pela marca das roupas, do tênis...Piada em cima do aspecto físico...”

“Quando terminei o colegial e fui trabalhar também sofri retaliação dos colegas por não beber, não fumar... Era muita pressão e eu não conseguia me concentrar, desenvolver meu trabalho, eu errava... Era ameaçado de demissão”

“Eu freqüentava uma igreja que o nível econômico era mais alto que outras. Eu era o topa tudo; precisava de alguma coisa, eu fazia... E aí me chamavam de convencido. Meu trabalho era incentivar as pessoas a fazerem, como se fosse a voz da consciência. Fiz curso pra ser líder, mas o pastor me disse que eu não podia assumir porque eu não tinha nível, que eu não tinha recursos. Eu entendi que eu era objeto de ajuda e não potencial de liderança”

Trata-se de um caso de bullying com início na infância, tendo sido vítima devido a seu aspecto físico e baixo rendimento escolar, por ser frágil e adoentado na infância. O bullying foi praticado por seus pares e por uma professora (apelido). Na adolescência continuou sofrendo bullying ainda a partir de seus pares, devido à sua aparência e roupas que usava, além da situação financeira. Na idade adulta, Mateus continuou a sentir-se alvo de discriminação no trabalho e na igreja que freqüentava. Na tentativa de tentar entender o que lhe acontecia, procura explicações e acha que as respostas estão em si. Parece concordar com as críticas, como se as merecesse. Uma criança que, frente à adversidade, não possa contar com a retaguarda ou acolhimento por parte de pessoas ou figuras importantes (adultos, professores, pais), que poderiam aliviar a carga de seu sofrimento, tende a sentir-se em desamparo e solidão. Necessitaria do contraponto de afeto e do reassuramento de suas próprias qualidades para desenvolver recursos próprios de enfrentamento. O papel de vítima deixou marcas em sua identidade, o que aparece nos eventos da juventude e na idade adulta, quando absorve as críticas por seu comportamento de não fumar ou beber, ou de não ter recursos para ser líder. Nesse processo de identificação com o papel de vítima, participam elementos ou aspectos

inatos de sua personalidade, em conjunção com as experiências emocionais e de vida, sendo que, para Zimerman (1995), o fator determinante é a qualidade das emoções. É possível notar que as vivências posteriores, em seu trabalho, fizeram ressurgir os sentimentos de rejeição por parte dos colegas, a ponto de comprometer seu desempenho profissional. W. Bion (1897-1979) citado por Zimerman (1995), diz que a dor psíquica tem grande importância, no sentido de que, mais do que “sentir” a dor, é necessário “sofrê-la”, para poder vir a aprender com a experiência. Estabelece-se assim uma diferença entre evadir a dor e enfrentá-la.

Na idade adulta, já formado em uma outra faculdade, casado e com família constituída, volta a sentir-se discriminado, apesar da vontade de ajudar e participar de seu grupo religioso. Foi considerado “sem recursos” para ser líder e interpretou essa asserção como ligada à sua situação social e não a outros possíveis fatores. Com sentimento de desvalia, voltou a isolar-se, enquanto mantinha a emoção de ira sob repressão. Traços de temperamento impregnados pela raiva levam a funcionamento psíquico irritável, agressivo, rancoroso, desconfiado, dominador, passional, focado e direcionado a objetivos (LARA, 2006), tal como foi possível perceber nesse entrevistado.

2- Sentimentos

“Dava sentimento de ódio, ódio mesmo. Ódio por essas pessoas, também em culpar o contexto. Eu achava, na minha inocência, que se fosse como aquelas pessoas, eu não passaria pelo que “tava” passando. Eu era sempre o “patinho feio” dos grupos. Isso tudo foi gerando em mim um sentimento de violência, eu tinha muito sentimento de ódio, de violência... Em relação a essas pessoas. E depois... eu não sei, é a minha conclusão... Penso, depois com a idade adulta, eu tenho até hoje, dentro de mim, um sentimento de ira. Até em situação de trânsito, dependendo do dia, do que a pessoa fala, parece... Aciona um mecanismo de ira. E sempre quando estou com alguém. Parece que me sinto humilhado por isso acontecer na presença de alguém. Eu tinha uma grande ‘baixa estima’ e me sentia um retardado. “Eu caí em depressão e ninguém me ajudou... Ninguém!” Tem coisa pior do que ser colocado à margem? Ser tratado com desprezo?

Nota-se uma condição de solidão e desamparo. A procura por explicações conduzem a uma negativa avaliação de si mesmo, enquanto acredita que a única saída

seria ser semelhante aos agressores, na aparência física e na situação financeira. O constrangimento o leva a enxergar-se menor que os outros em qualquer grupo que freqüente. Esta sensação desperta a revolta, o que chama de ira, de ódio. O ódio pela falta de condições traz consigo o desejo de reagir. São sentimentos atualizados na idade adulta quando em situação de confronto e humilhação, especialmente quando na presença de testemunhas. Segundo Jaspers (1968), o psíquico resulta de uma única e imensa corrente de acontecimentos indivisíveis. Surgem os sintomas emocionais reativos de depressão e ansiedade e, esses, sem a devida abordagem ou acolhimento, aumentam a dificuldade de resolver problemas novos por meio do pensar, do poder abstrair. A afetividade é a base mesma do psiquismo e precisa ser lapidada, pois vem das profundezas abismais da vida instintiva (emoções primárias), passa pela sensibilidade corporal até as mais altas regiões do espírito, onde se abrigam os afetos mais nobres, delicados e diferenciados da alma humana (JASPERS, 1968). Bion (citado por ZIMERMAN, 1995), ressalta a relevância da qualidade das emoções no processo do crescimento mental positivo. No caso desse entrevistado, a impossibilidade de superar a raiva, o ódio, parece comprometer seu funcionamento cognitivo-emocional e social, levando-o à repetição das sensações de mal-estar e dos sentimentos de humilhação e de revolta.

3- Os agressores

“No bullying tem o personagem principal que é o agressor. Até hoje é como na minha época, tinha a menina mais desejada da escola, o mais bonitinho, o bam-bam-bam, o filhinho de papai... É uma pessoa carismática, inteligência, dotada de atributo físico, no caso dos homens, e no caso da mulher, beleza e às vezes os dois, além de um impulso que é a questão econômica.”

O entendimento de Mateus sobre os agressores é de que fazem parte de um grupo privilegiado em termos de beleza, força física, inteligência, força de comando, situação econômica. Que estão em situação de destaque. Este parâmetro pode ter relação com aspectos de sua auto-imagem e auto-avaliação, pois se considera alguém desde padrão. Bion (citado por ZIMERMAN, 1995) postula que o pensar consiste em uma “visão binocular”, ou seja, uma integração de perspectivas diferentes, tal como uma imagem, que não se forma a partir do olho direito ou do olho esquerdo, mas da

conjunção de ambos. O humor e os afetos perturbados podem turvar esta percepção. Esse entrevistado atribui qualidades ao agressor (as quais não vê em si mesmo) e cria um estereótipo dessa personagem, o qual, possivelmente, prejudica sua capacidade de vislumbrar outros aspectos da situação de agressão e relativos aos próprios agressores.

4- Os observadores

“Além de ser humilhado, tinha que agüentar as risadas dos outros. São os lacaios, os vassallos, que pra também não sofrer bullying, acompanham. Essa é minha visão do observador. Aqueles que têm uma personalidade mais forte e defendem são raros. Os que ficam em volta tinham duas opções, ou eles não andavam com eles e corriam o risco de também sofrer uma retaliação ou ficavam, o que eu classifico de pessoas fracas”.

A visão que Mateus tem dos observadores é de que são pessoas que se acovardam e não reagem ativamente no sentido de ajudar aquele que está sendo agredido, tomando essa posição pelo medo de que também se tornem vítimas. Estas são pessoas fracas de caráter, que se colocam em situação de submissão e vassalagem em relação àqueles que se consideram em situação de vantagem sobre os outros. Também considera que aquelas pessoas que tem uma atitude mais humanista, solidária e, talvez de compaixão, são raras, embora existam. Ao falar sobre os observadores, é possível notar a revolta e a ira de Mateus também dirigidas a eles. Caracteriza-os como vassallos e covardes e, dessa forma, aumenta sua revolta e os significados de perseguição que confere às suas experiências com o bullying, bem como seu papel existencial de vítima.

5- Ajuda

“Uma vez, na 3ª série, pisaram no meu tênis que era branco, e um garoto da mesma classe que tinha um corpo avantajado, chamou o outro, deu um soco e pisou no tênis dele também e perguntou: o que você acha?”

Mateus relata que em uma das situações de bullying contou com o apoio e a ajuda de um colega de classe que, valendo-se de sua superioridade corporal, saiu em sua defesa numa atitude de justiça no modelo “olho por olho, dente por dente”. O colega que o ajudou pretendia que o agressor se sentisse no lugar da vítima, sentindo como o outro se sentiu com sua agressão. A atitude do colega protetor, e/ou vingador, foi

marcante para Mateus e pôde lhe mostrar outra perspectiva de conduta frente a situações de desequilíbrio de poder. Atitude esta que vai influenciar sua vida em situações futuras, no sentido da identificação que desenvolve com o papel de “justiceiro”.

6- Reação ao bullying

“Teve uma época que eu passei a reagir, por volta dos 14 ou 15 anos. Um rapaz da minha sala, até hoje lembro o nome dele, fez uma piada comigo, tinha poucos homens e muitas meninas... Naquela época estava um pouco mais desenvolvido, mais bonitinho. Eu não falei nada, aí acabou a aula, foi todo mundo pro ponto de ônibus, quando eu vi ele no ponto e bati nele bastante ... Ninguém entendeu, mas que eu bati, eu bati”

“Eu falo pros meus filhos, tem que reagir. Hoje quando encontro alguém que está sofrendo eu tenho vontade de abraçar a causa e eu já fiz isso ...”

Com o desenvolvimento favorável em relação à saúde e à aparência física, Mateus passou a sentir-se mais confiante, mais seguro, embora cauteloso. Na situação de bullying relatada, parece ter sido um agravante, a presença, entre os observadores, de uma maioria de meninas. Mateus, mesmo impactado e humilhado, resolveu esperar o momento que lhe pareceu oportuno para reagir. Agiu como se dissesse “isto é entre você e eu”, uma vez que não agiu diante da mesma audiência em que foi agredido. Colocou em prática seu desejo de vingança e explodiu sua ira. Seu sentimento foi de satisfação consigo mesmo e de auto-afirmação. Esta experiência lhe deu impulso para não mais se submeter passivamente. É possível considerar aspectos saudáveis em manifestações agressivas, e não temer que sejam perigosas e que levem a um revide persecutório igualmente perigoso, ou a uma destruição do objeto atingido (FENICHEL, 1981, ZIMERMAN, 2004). Mateus faz disso uma espécie de cultura, uma vez que orienta seus filhos a reagirem sempre e a não se calarem.

7- Percepção sobre os motivos do bullying

“É a questão do padrão estabelecido por uma maioria que o outro não consegue alcançar. Talvez o que é diferente, dependendo da situação, desorganiza minha rotina e me tira de minha situação cômoda, por exemplo, no caso de uma criança especial, ela sem querer acaba sendo inoportuna, ou também o ser diferente mostra a fraqueza do outro; aí eu posso tirar o foco de mim e passar para o outro. Se tem alguém que de

alguma forma eu posso hostilizar fazendo piada com a situação dele, eu tiro o foco de mim e ponho nele... Ou eu me faço de palhaço e os outros riem, ou eu faço os outros de palhaço. E aí eu passo a ser o ‘ator principal’, o animador de auditório”

Mateus considera e relata de forma clara, sua avaliação do comportamento agressivo discriminatório, que caracteriza o fenômeno bullying. Fala da imposição exercida pelo estabelecimento de padrões de conduta e aparência, presentes em qualquer cultura de que se tem conhecimento. Quando fala que o diferente tira o indivíduo de sua “posição cômoda”, é possível entender que esteja se referindo à imposição do pensar a respeito de algo, posicionar-se, definir-se diante de situações inusitadas. O indivíduo se sente confortável em sua rotina, numa aparente tranquilidade ou segurança. Ao se deparar com os “defeitos” e/ou fragilidades do outro, desperta em si a percepção de seus próprios “defeitos” e fragilidades. É intensa a emoção de se confrontar consigo mesmo e com seus conteúdos ainda desconhecidos. Pode não haver o devido reconhecimento de aspectos internos mantidos em repressão. Bion (1959, citado por ZIMERMAN, 1995), chama de ‘identificação projetiva’ o mecanismo pelo qual o indivíduo descarrega em outro tudo o que é intolerável em si. A ‘identificação projetiva’ excessiva acarreta sérios prejuízos à capacidade de pensar, elaborar, simbolizar, especialmente quando os vínculos de ligação entre os conteúdos mentais envolvidos são atacados com ódio, o que Bion denomina de ‘vínculo H’ (do vocábulo inglês *hate*, que significa *ódio*). Ao ser incitado a refletir sobre os possíveis motivos do agressor para exercer o bullying, Mateus apresenta uma explicação próxima à explicitada na teoria psicanalítica. Intuitivamente, parece vislumbrar, aqui, aspectos de fragilidade ou “defeitos” no agressor, os quais ele mesmo desconhece. A possibilidade de refletir, na situação de entrevista, acerca dos motivos do agressor, pode ter aberto uma perspectiva mais ampla para que Mateus continue sua busca de elaboração e superação da experiência dolorosa.

8- Influência do bullying em sua vida

“Sim na adolescência eu me revoltei e comecei a praticar vandalismo, mas nunca usei droga; tinha um grupo e eu era o líder. O grupo era formado por outros patinhos feios também. Uma vez o grupo foi pego pela polícia e o delegado pediu para um dos rapazes pra me entregar... E assim ele seria solto... E ele não me entregou... Isto pra mim é lealdade”

“Por volta dos 19 anos resolvi trabalhar e estudar. Na faculdade percebi que rendia mais ficando sozinho e comecei a me destacar... O que me ajudou foi a decisão de ajudar as pessoas e tento passar isso pra meus filhos... Eu e minha esposa tratamos de forma severa a questão do preconceito, do bullying, de forma que não esqueçam jamais, jamais... Eu aprendi que quando ‘tô’ irado eu tenho que me afastar das pessoas até passar a ira, senão falo coisas que não devo. Eu aprendi que tudo que é carregado de carga emocional marca muito... Houve um momento em que decidi parar de xingar e de ser violento... Passei a ler livros exotéricos, autoajuda, Bíblia... Estava em busca de conhecimento... E um livro importante foi o ‘Da Pobreza ao Poder’ que falava para fazer caridade... E um dia eu ajudei um homem cego... E isso me deu uma alegria tão grande!

“Eu tenho muita empatia por pessoas mais fracas. Quando vejo pessoas em situação desfavorável não consigo ficar parado. Até me coloco em situação de risco e violência. Porque essa reação acaba sendo a reação que eu gostaria que a pessoa tivesse tido a meu respeito naquela época, proteção, justiça. Então eu ajo.”

É interessante notar a percepção que Mateus tem das repercussões de sua experiência de ser vítima de bullying. Da forma como esta vivência influenciou seu comportamento e sua forma de sentir e de reagir às experiências posteriores e às atuais. Na adolescência, envolveu-se com o que denomina ‘vandalismo’, agrupando-se com outros adolescentes que se identificavam entre si pela situação de desvantagem (“patinhos feios”). Conseguiu exercer liderança neste grupo, enfrentando todos os riscos desse tipo de comportamento, inclusive em relação ao cerco policial. Parece se sentir fortalecido e até mais esperto, uma vez que, quando perseguido pela polícia, após ato delinquencial, conseguiu evadir-se, enquanto os outros foram detidos. Nesta ocasião experimentou, mais uma vez em sua vida, a vivência da solidariedade, quando não foi delatado pelo companheiro de grupo à polícia. Relata o fato como algo inesquecível.

A idéia de que a violência gera mais violência é amplamente confirmada pelas pesquisas e pelo depoimento desse entrevistado. A expressão “delinqüência juvenil” tem conotação jurídica e designa os atos infracionais praticados por indivíduos que estão abaixo da idade de responsabilidade criminal. Não é sempre que esse comportamento é sinônimo de conduta antissocial. Pode acontecer como expressão

sintomática de necessidades e preocupações subjacentes. Este fato parece mais evidente para o sexo masculino, mas não se deve desprezar sua frequência no sexo feminino (MARTINS, 2005).

No final da adolescência Mateus considerou que a atividade em grupo não era positiva para seu desenvolvimento. Resolveu dedicar-se a atividades que lhe pudessem consolidar uma vida adulta mais estável, como estudar e trabalhar. Opta, então, por um movimento de isolamento e obtém sucesso nos estudos. Esta experiência mostra para Mateus que não havia problema algum em sua capacidade intelectual, sentimento tão presente em sua infância. É quando descobre o prazer de fazer o bem. O bem que tantas vezes desejou ter sido o alvo e que, na maioria das vezes lhe trouxe frustração. Preocupado com os desdobramentos de atitudes de indiferença e hostilidade nas relações interpessoais, decide investir, junto com sua esposa, na educação dos filhos para que sejam pessoas solidárias.

Outra consideração importante é quando conclui que as experiências carregadas de emoções deixam marcas importantes, que devem ser consideradas, compreendidas, processadas, simbolizadas para que a busca do equilíbrio psíquico e existencial seja possível. A agressão (destrutiva) pode ser transformada em agressividade (construtiva) no sentido psicanalítico, como relata Zimerman (2004), citando M. Klein (1969). Neste sentido, a agressão alude mais diretamente à pulsão sádico-agressiva; e agressividade, por sua vez, tal como revela a etimologia da palavra (*ad+gradior*), representa um movimento (*gradior*) para a frente (*ad*), uma saudável forma de proteger-se contra os predadores externos, além de indicar uma ambição sadia com metas possíveis de alcançar. Em síntese, a agressão diz respeito à pulsão de morte, destrutiva, enquanto que na agressividade predomina a pulsão de vida, construtiva.

O que Mateus denomina de ‘busca de conhecimento’ ao entregar-se a leituras de auto-ajuda e leituras bíblicas, pode indicar a busca pelo sentido, pela significação do existir. A fenomenologia postula que não há objeto em si, mas o objeto existe para um indivíduo, o qual atribui diferentes significados ao ele. É preciso redescobrir a presença que se tem de si mesmo, o sentido e o significado dessa consciência (OLIVEIRA, CUNHA, 2010). Para Bion (1959), citado por Zimerman (1995), a função do conhecimento está intimamente ligada à formação de símbolos, pois são esses que

permitem uma evolução da criança à condição de poder conceituar, generalizar e de abstrair, expandindo o seu pensar e o seu conhecer. O conhecer não está determinado pelos órgãos dos sentidos, mas à pulsão epistemofílica de busca das verdades.

Quando fala de sua maciça identificação com as vítimas de violência e injustiça, já na idade adulta, Mateus novamente faz um movimento de se perceber na situação daquelas pessoas e de atualização das mesmas sensações de desamparo. Nessas situações vem o impulso de agir em defesa dos vulneráveis, mesmo colocando-se em risco. Esta postura lembra o denominado “Complexo de Hulk”, em que o indivíduo somente se sente forte quando está tomado de ódio, confundindo os berros que emite, as ameaças com gestos, como uma forma de impor respeito aos outros, enquanto poderia obter o respeito por meio de uma tomada de posições mais firmes e decididas (ZIMERMAN, 2004).

9- Apoio familiar

“Eu tinha problemas e era humilhado pelo meu pai e muito pressionado pela minha mãe. Minha mãe era doente, vive numa realidade só dela, já foi até internada em hospital psiquiátrico... Não sei o que ela tem, mas é paranóica. Ela dizia que eu não ia dar em nada, se fosse mulher seria puta. Meu pai era um homem violento, ele faleceu já faz 19 anos. Fui criado dentro desse contexto. Com ele era sistema militar, eu andava com o relógio adiantado em 10’. Ele ameaçava me bater e batia... Eu presenciei muita briga e agressão entre meu pai e minha mãe... E eu no meio... E eu não tinha ‘papas’ na língua e retrucava. Mas também ele foi muito protetor e cuidava, apesar de violento. Era mais afetivo. Eu comecei a chamar minha mãe de mãe recentemente... eu não chamava de nada”

Mateus é filho único do segundo casamento de seu pai. Conta que isso já foi um complicador em sua vida, pois era considerado ‘o filho da outra’. A relação com a mãe foi difícil, distante, quase hostil. É possível que o transtorno mental que a acometia prejudicasse seu desempenho como mãe. As informações prestadas por Mateus não são suficientes para que se levante uma hipótese diagnóstica do transtorno de sua mãe. Ele mesmo diz não saber. Contudo, é perceptível que este problema de saúde mental da mesma comprometeu intensamente seu papel materno de acolhimento, fazendo com que seu pai, mesmo violento, fosse a fonte de afeto e proteção. Conta que só recentemente

conseguiu chamar a mãe de mãe, e isso acontece num momento peculiar, pois doente e viúva, agora é ela que precisa de acolhimento. Em seus relatos, evidencia-se o peso que essa relação familiar teve em seu desenvolvimento. Seus pais não lhe inspiraram confiança suficiente para que ele os procurasse para obter proteção e conforto. Sua mãe, por parecer não reconhecer suas necessidades, e seu pai que, por si só, já era um modelo de agressor, tendo em vista suas exigências, controle e punição.

Bion (1963), citado por Zimmerman (1995), fala da importância da função materna de continência ao bebê, indispensável para favorecer que, nele, se desenvolva a capacidade para pensar e lidar com frustrações. A partir da função continente da mãe, que Bion denomina função *alfa*, é possível ao bebê projetar para dentro da mãe suas angústias, muitas vezes sentidas, mas sem expressão verbal, dada a precocidade de sua mente. A mãe é o continente e a criança o conteúdo. Ao receber a angústia do bebê, a mãe continente metaboliza esta angústia, modifica-a e a devolve ao bebê de forma que ele possa aproveitar e aprender. Winnicott (1960) sempre afirmou que não existe um bebê individualizado, que não é possível conceber o desenvolvimento de uma criança sem que a mãe esteja incluída. A isso chamou de *Holding* (vocábulo inglês, *To Hold* = sustentar), que introduz a idéia de ‘posição materna’ e que ele desdobrou em outros termos como o de ‘missão materna’, ‘devoção materna’, ‘provisão materna’, ‘mãe suficientemente boa’, que concebe a mãe executando a tarefa de sustentar o filho, não só fisicamente, dando colo, carinho, alimentação, higiene e calor, como também todo suporte psíquico.

Quanto à relação com o pai, Mateus diz que, ao observá-lo agir em família, lhe parecia que seria normal trair, agredir, esbravejar. Era homem rigoroso, exigente, repressor, mas passava para o filho, o sentimento de proteção e força. O fato de não ter propiciado à sua família uma condição financeira mais favorável, foi relacionado por Mateus a questões de doença física (ele sofria de enfisema pulmonar). Apesar disso, Mateus conseguia reagir, vociferar para argumentar com o pai. É preciso considerar, dessa forma, a existência de algum espaço para essa reação, o que pode ter funcionado como exercício para seu papel masculino de combate e conquistas.

Alem do clássico papel de provedor das necessidades econômicas da família, cabe ainda ao papel paterno, as importantes funções de funcionar como instrumento

interditor entre a possível díade funcional simbiótica, que muitas vezes algumas mães estabelecem com seus filhos; ser o representante da *lei* (LACAN,1968), de modo a frustrar e colocar os devidos limites impostos pela realidade exterior. Nas famílias contemporâneas, cabe também ao pai o papel de *continente* para as necessidades dos filhos, especialmente como uma alternativa, quando a mãe não tem condições de exercer essa tão importante função (ZIMERMAN, 2004).

A família pode ser entendida como uma unidade sistêmica com características que seguem o perfil transgeracional dos pais. O grupo familiar adquire uma determinada caracterologia típica, a qual varia bastante de um familiar para outro. A família de Mateus tem características do tipo, *Aquartelada*, isto é, lembra um quartel, comandado por um chefe (no caso, o pai) rígido, autoritário, por vezes tirânico, que não escuta seus subordinados. O ‘diálogo’ fica na base das cobranças, perguntas e respostas, e acima de tudo, cobrança de obediência às ordens, sob ameaça de severas penas, o que causa no outro uma atitude de submissão, ou ao contrário, alguma forma de rebeldia. As identificações, nesse tipo de família, se processam principalmente pelo mecanismo de “identificação com o agressor” (ZIMERMAN, 2004). Esse fenômeno pode ser identificado na trajetória de vida relatada por Mateus, quando se transforma em justiceiro agressor ou quando integrou um grupo que praticava o que ele chamou de “vandalismo”.

10- Suas sugestões para prevenir ou conter o bullying

“Não conheço medidas de prevenção... Acho que a medida de prevenção que existe está primeiro nos pais, na conscientização dos pais. É pegar essas pessoas que tem voz que merece ser ouvida que são atuantes, como padre, juiz, prefeito... Essas pessoas poderiam usar o poder de sua opinião, o destaque na sociedade, para ajudar a coibir isso.”

Mateus considera o problema em uma de suas origens, a família. Aponta a conscientização dos pais sobre o fenômeno bullying e suas repercussões, como base para a mudança no comportamento dos filhos. É possível que esta seja uma avaliação baseada em sua própria história, pois se tivesse contado com ambiente mais facilitador, esclarecedor e acolhedor, talvez pudesse ter desenvolvido melhores recursos para lidar com as adversidades que enfrentou.

A família é uma ‘produção coletiva’, uma instituição interativa, que vai muito além do que um mero somatório de pessoas. Reflete o aspecto do mundo interno de cada membro em separado, em meio a um intenso interjogo de ‘identificações projetivas’ e ‘introjetivas’ (ZIMERMAN, 2004).

Embora Mateus não tenha oferecido sugestões mais concretas para diminuir o problema do bullying e tenha delegado a tarefa de conscientização para pessoas mais poderosas, com “voz” na sociedade, sua vontade de participar da entrevista para esse estudo e a forma envolvida com a qual colaborou, pode ter representado sua parcela de contribuição, abrindo e relatando suas vivências e seus sentimentos mais pessoais e profundos.

11-Como se sentiu participando dessa entrevista

“Eu me senti bem. Eu nunca tinha falado assim antes. Conteí coisas pra você que nunca conteí pra ninguém. Gostaria de ajudar mais pra que as pessoas não façam mais isso. Estou disposto a participar de palestras, ajudar a esclarecer o assunto com as crianças e adolescentes.”

“Eu concordei em dar essa entrevista por que você me inspira muita confiança.”

Mateus, que a princípio parecia hesitante, aos poucos mostrou-se seguro e com voz e postura firme relatou sua história. Falar dessa experiência específica pareceu uma forma de organizar os fatos e sentimentos. São passagens e detalhes intensos, fortes, que só uma pessoa com coragem consegue expor. Mas, faz uma observação: só fala porque confia. Confia na escuta da entrevistadora e no uso que fará de suas palavras. A palavra ‘confiança’ tem origem no ato de “fiar com” (ou co-fiar); processo de transformar fibra em fio e que, para ter sucesso, exige colaboração e parceria (disponível em www.HSM.com.br, 2010, acessado em 10/02/2012). Este pode ser considerado como um aspecto positivo da personalidade de Mateus. Confiança é o ato de deixar de analisar se um fato é ou não verdadeiro, entregando essa análise à fonte de onde provem a informação e simplesmente considerando-a. Refere-se a dar crédito, considerar que a expectativa sobre algo ou alguém será concretizada no futuro. Confiar em outro pode ser considerado como ato de amizade ou amor entre humanos (disponível em <http://pt.wikipedia.org>, acessado em 14/01/2012). “Pode-se considerar a verdade, num vértice psicanalítico, de acordo com sua etimologia grega, *alétheia*, significando

desvelamento e não-esquecimento. Em psicanálise a verdade não é a verdade da matemática, nem da física, nem das ciências humanas. Na psicanálise, a experiência da verdade é originalíssima, a ponto de podermos dizer que é na própria experiência clínica que fazemos a ‘verificação’ científica de sua verdade” (REZENDE, 1999. pp. 101 e 123). O depoimento desse participante mostra que a entrevista em moldes fenomenológicos permite a autorreflexão e a apropriação da própria experiência pelo sujeito que se desvela na relação intersubjetiva (BARBOSA, MELCHIORI, NEME, 2010).

4.2.2- 2ª Entrevista: Marcos, faixa etária entre 41-50 anos, solteiro

1- Sobre a ocorrência de bullying

“Eu... desde o jardim de infância sofri bullying... bullying em relação à cor... é porque, quando eu era criança era época de ditadura, a mente das pessoas era mais fechada... hoje as pessoas são mais abertas. A minha mãe era professora e naquela época professor tinha muito valor. Ela presava muito pela educação e me colocou em uma escola boa... foi aí que eu sofri, por ser negro... ficou gravado na minha mente. Na 3ª série tinha um rapaz de família alemã que me chamava de ‘macaco’ e outros muitos apelidos em relação à minha cor... eu não esqueço... Isso aconteceu também na fase da adolescência. E acontecia na escola, na rua, na casa das pessoas, de parentes... tinha a conivência de todos, inclusive das professoras. Eu recebia isso muito mal. Se eu permitir acontece até hoje, até de forma mascarada e também de forma evidente como acontece com os ‘skin heads’. Nos EUA fica mais claro, branco é branco, negro é negro. No Brasil não, aqui dizem ‘você é moreno’, ‘você é mais clarinho’... é cultural”.

“Quando já era jovem, trabalhei numa oficina mecânica, consertava motores. Os donos gostavam de mim, me cumprimentavam com carinho. Uma vez, a dona da casa me abraçou, me deu um beijo e a filha dela (criança) viu e falou: ‘por que minha mãe beija você? Você é negro!’.”

“Bullying pra mim é isso, é a sátira excessiva daquilo que faz a pessoa ser diferente. É puro ‘pré-conceito’.”

Marcos é um homem da raça negra, magro, de aspecto calmo e atitude gentil. Desde o contato prévio por telefone demonstrou vontade de cooperar. Aparentemente tímido, fala pausadamente. Conta sobre sua experiência de ser vítima de bullying pelo único motivo de ser negro, de forma emocionada. O racismo talvez seja uma das formas mais cruéis de discriminação. É, praticamente, movido por questões irracionais em que alguém é julgado moralmente pela quantidade de melanina que apresenta na sua pele. A violência contra crianças e adolescentes negros não é novidade no Brasil; acontece desde os tempos coloniais e se estende até hoje. Na atualidade, em relação à violência contra crianças e adolescentes, cerca de 90% dessa população é composta por afrodescendentes, isto é, negros e pardos. Em relação à causa de óbito, na sua maioria os negros morrem de morte não natural e a população branca de enfarte agudo do miocárdio. Sendo assim, o racismo pode determinar a forma de viver e de morrer (CAMARGO, ALVES, QUIRINO, 2005). O Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Isso pode ter deixado marcas importantes em nossa sociedade (NUNES, 2006). Marcos ainda tenta entender (e quem sabe desculpar), quando tenta contextualizar sua experiência como sendo fruto de um momento político desfavorável ao pensar livremente, a ditadura militar. Mas, isso já não é plausível, pois relata que a violência continuou com o passar do tempo. Porta-se diante da agressão como se lhe faltassem argumentos.

O fato de ter sido desrespeitado em sua humanidade por um garoto de “família alemã” é muito significativo. De certa forma, este relato poderia ser identificado como a “crônica de um preconceito anunciado”. O “garoto alemão” também é vítima de um preconceito “ao contrário”, pois fatos históricos registram a apologia da superioridade da “raça branca, pura” pelos nazistas. Assim sendo, reconfigura-se a díade, “branco x negro”, sempre sendo o negro que fica em desvantagem. O que, dentro da consciência e conhecimento humanos, pode justificar este comportamento? Resta-nos repetir as palavras de Marcos, “é cultural”. O homem em seu domínio, a “cultura”, causa sofrimento por intolerância e por prazer (VILHENA, 2007). Contudo, se não nascemos assim, talvez seja possível reestruturar.

A cor da pele, as características físicas, a cultura de cada grupo e outros fatores, compõem a identidade de cada um. Identidade que deve ser aceita, aperfeiçoada e respeitada pelo próprio indivíduo e pelos outros grupos. Chamar Marcos de “macaco”

configura o processo de desumanização, infra-humanização e “deslegitimação” da categoria ou grupo social, através da atribuição de características inferiores ou negativas, conforme abordado por Vilhena (2007). É caracterizar o indivíduo como não humano, ou fazer uso de categorias “sub-humanas”, sendo visto como inaceitáveis em determinadas sociedades (BAR-TAI, 1999, pp.93).

“O sujeito violentado é o que sabe, ou virá a saber, sente, ou virá a sentir, que foi submetido a uma coerção e a uma dor absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar enquanto ser psíquico”(COSTA, 1984, pp. 77). O racismo, através da estigmatização do corpo, pode retirar do negro o prazer do corpo. Também perverte o pensamento do sujeito, privando-o da possibilidade de pensar o prazer e do prazer de pensar em liberdade (COSTA, 1984).

Freud (1930) fala da questão da intolerância apontando que nos grupos humanos há sempre a necessidade de se formarem pequenos círculos para designar como inimigos quem está fora deles. Esta seria uma solução para a pulsão de destruição. A intolerância se manifesta muito mais no que se refere às pequenas diferenças do que nas divergências fundamentais; é o ódio ao “quase semelhante” (FREUD, 1939).

Agride-se o outro porque ele é irreduzível em sua dissimetria, em trazer sua diferença, por mostrar que não formamos um todo harmônico, uma totalidade. A ampliação dos mecanismos narcísicos potencializa os movimentos de impotência e desamparo do sujeito, dificultando as práticas de solidariedade social (VILHENA, 2007).

2- Sentimento

“Eu me sentia muito mal. Tenho traumas. Não deveria lembrar, mas lembro até hoje. Eu não procuro entender mais. Eu é que tenho que me cuidar, mudar, identificar o que me faz mal e me alicerçar para enfrentar. Eu sou reflexo dessa sociedade. Eu fiquei tímido, era reprimido em vários aspectos. Com o tempo fui me isolando. Tinha muito medo de dor física, de ser atacado, não queria sair de casa. Por isso preciso me cuidar e aprender a lidar com isso.”

“Eu sentia muita tristeza, medo, me sentia impotente, queria sair dali... eu queria me vingar, mas não sabia como...”

Ao falar de seus sentimentos, Marcos deixa clara a sensação de impotência. A falta de argumentos que pudesse lançar mão e reverter o processo de violência. A vivência de ser (ou estar?) vulnerável leva ao medo. Sua família era trabalhadora, procurava investir nos estudos dos filhos e em sua aparência bem cuidada. Fatores esses, muito importantes para a inserção social de qualquer pessoa, especialmente daquelas que já logo cedo vislumbram barreiras a enfrentar.

Marcos entende que a violência de que foi vítima lhe deixou traumas. O trauma é a quebra na continuidade da existência do indivíduo; continuidade importante para o estabelecimento da personalidade e identidade do indivíduo (WINNICOTT, 1999). Esses traumas se transformam em lembranças carregadas de sofrimento, as quais tenta esquecer, mas que são despertadas frequentemente pelos mais variados estímulos. Diante do inevitável confronto percebe que precisa investir em si mesmo para lidar com a dor. A evolução positiva depende dele, e só dele, para alcançar êxito. No entanto, a tarefa é árdua, além de solitária. Parece restar o isolamento e a improvável tarefa de evitar a dor. Estar apto para viver as emoções é uma das maiores dificuldades da espécie humana. Para que as emoções sejam processadas é necessário um intenso investimento prévio que pressupõe a integridade de alguns aspectos para que seja possível a assimilação, administração e contenção das mesmas (FERRO, 2011).

Ao dizer que é reflexo desta sociedade, Marcos aponta para o fato de que somos autores e alvos do movimento social. Ninguém é inocente e ninguém é poupado. A “sociedade” seria o campo onde se desenvolve, e onde se destaca a identidade de cada um. A identidade é concebida como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa como nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc. (FERREIRA, 1986). Caracteres esses que vão além de aspectos determinados geneticamente. Há que se considerar aspectos adquiridos através de processo de identificação, que é o processo pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total e parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa (ou grupo); a personalidade se constitui e se diferencia por uma série de identificações. É um processo ativo. É o mecanismo pelo qual o indivíduo se estrutura. É fator essencial para que um sistema relacional se desenvolva. Mas, a identificação permanece sempre marcada por seus protótipos primitivos (LAPLANCHE, PONTALIS, 1983).

A visão e a vivência que cada um tem de si mesmo é fator indispensável para realização da autoestima e da autoafirmação. Isto também pode ser denominado de ‘Narcisismo’. Um “bom” narcisismo é importante para a constituição de uma imagem de si unificada, perfeita, realizada e inteira, que ultrapassa o autoerotismo primitivo para favorecer uma delimitação positiva e diferenciada do outro. Aquilo que suscita e mantém o indispensável e mínimo ‘amor próprio’, necessário a toda sobrevivência física e mental e que se observa na expressão cotidiana de um ‘prazer de funcionamento’ (BERGERET, 2006).

3- Agressores

“Eram os colegas da escola, da mesma classe. Eles se achavam melhores, superiores. Preconceito não nasce com a pessoa, com as crianças, é aprendido em casa e na sociedade. Tinha um menino na escola que era pra gente ser os melhores amigos. A gente nasceu no mesmo dia e na mesma maternidade. Mas ele me agredia muito, me chamava de ‘macaco’ e de tudo quanto é apelido. Me batia, me humilhava e fazia os outros me humilharem também. Mas, eu não saía de perto dele. Às vezes a gente estudava junto, eu ensinava matemática a ele... parece incrível. Não sei por que... Não entendo... Quando eu estava perto dele ninguém mais me batia. Era como se eu fosse protegido... tipo ‘só eu xingo e bato nele’. Eu me sentia protegido”

Marcos reconhece o comportamento dos agressores como conduta aprendida, não natural. Como ele diz, preconceito não nasce dentro das pessoas. Ele considera isso um comportamento aprendido. A ciência da Análise do Comportamento define este fenômeno como a interação que se dá entre as condições ambientais em que o indivíduo enquanto organismo se encontra; a reação desse indivíduo a essas condições; as conseqüências que essa interação lhe trás e os efeitos que essas conseqüências produzem. É um processo denominado de “tríplice contingência”. Nesse sentido o comportamento é entendido como uma relação interativa, de transformação mútua entre organismo e o ambiente que o cerca, no qual os padrões de conduta são naturalmente selecionados em função de seu valor adaptativo (SKINNER, 1974). Interessante seria considerar o fator *pensamento* na tentativa de transcender esse processo. Poder identificar a alteridade, que é a qualidade de tudo aquilo que é outro, distinto, antônimo

de identidade (LAROUSSE, 1998), é poder suplantar o egoísmo. A relação interpessoal é a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito (VELHO, 1996).

Em sua teoria sobre grupos, Bion (1970), classifica os grupos através de seu tipo de funcionamento, o que ele denomina de ‘suposto básico’. Um dos tipos de funcionamento é o baseado no movimento de ‘luta e fuga’. Isto é, grupos em que o inconsciente grupal é dominado por ansiedades paranóides, assumem atitude defensiva e ‘lutam’ contra uma franca rejeição, contra qualquer situação nova de dificuldade psicológica, ou então, ‘fogem’ da mesma, criando um inimigo externo, ao qual atribui todos os males, para assim permanecer unido. O líder desse grupo deverá ter características persecutórias e tirânicas.

Experiência intrigante, que causa perplexidade até mesmo ao próprio Marcos, é seu relacionamento ambivalente com o ‘colega’ que é, ao mesmo tempo, agressor e protetor. A ambivalência é a presença simultânea na relação com um mesmo objeto, de tendências, atitudes e de sentimentos opostos, especialmente o amor e o ódio. É a ambivalência afetiva. Esse termo foi criado por Eugen Bleuler (1911) e adotado por Freud (1909), ambos citados por Laplanche e Pontalis (1983). Marcos talvez se pergunte: “por que não podemos ser os melhores amigos se nossas histórias têm tanto em comum?”. Por que eles não podem ter uma complementação saudável ao invés de uma relação sádica em que existe amor e, ao mesmo tempo, desejo de destruição do objeto? Temos que considerar que Marcos tem como objeto de amor primário, a mãe, uma pessoa exigente, pressionada e pressionadora, que o marca por suas atitudes agressivas, violentas e pela ausência de afeto materno. Atitudes que se estendem a seus irmãos e a seu pai, este último responsável pelos momentos agradáveis, lúdicos e carinhosos de sua infância. Sente-se assim duplamente agredido. Por outro lado, essa mesma mãe também funciona como organizadora do ambiente, e exerce o papel de legisladora que deveria ser assumido por aquele pai agradável aos olhos dos filhos pequenos, mas fraco diante da realidade da dinâmica familiar. Pai esse que não foi suficiente para se contrapor à supremacia materna, equilibrando assim a triangulação edípica tão necessária ao desenvolvimento saudável da personalidade e da identidade sexual de todo indivíduo (GABBARD, 1998). Esta experiência pode ter facilitado o desenvolvimento em Marcos de uma atitude de masoquismo moral, em que um sentimento de culpa e inferioridade inconscientes leva o indivíduo a procurar a posição

de vítima sem que um prazer sexual esteja diretamente ligado ao fato (LAPLANCHE, PONTALIS, 1983).

4-Observadores

“A maioria era conivente, não fazia nada, nem mesmo os professores. Achavam que aquilo era normal. Às vezes alguém pedia para parar, orientava, mas não adiantava e acontecia sempre de novo.”

“Não há nada mais solitário que o bullying”. Este é o depoimento de outra vítima de bullying, Guilherme Guilardi, em entrevista à revista Veja (BETE, LIMA, 2011). Marcos relata que, ao ser vítima de bullying, ninguém lhe ajudava, nem mesmo aqueles que deveriam ser responsáveis por sua segurança na escola, os professores. Esta é, sem dúvida, uma atitude muito questionável. Qual o porquê dessa falta de solidariedade e de uma atitude participativa, que possa ir além da mera observação e ausência de envolvimento? E mesmo quando alguém reclamava mudança de atitudes dos agressores, tal não acontecia.

Segundo Marcos, outras pessoas achavam que aquilo era normal. É possível que esta forma de pensar, coloque os observadores em posição de indiferença, mas faz-se oportuno considerar que a tensão atinge a todos, e que, mesmo apenas observando, estes indivíduos também sofrem e podem desenvolver traumas. De qualquer forma, os observadores funcionam como grupo, como platéia. W. Bion (1970) dedicou importante parte de sua obra ao estudo das dinâmicas de grupo. Foram estes estudos que o destacaram no cenário psicanalítico mundial. Ele chama de ‘mentalidade grupal’ o fato de um grupo adquirir uma unanimidade de pensamento e de objetivo, o qual transcende aos indivíduos, e por vezes se institui como uma entidade à parte. No presente caso, ‘os observadores’ talvez pudessem ser identificados como um ‘grupo sem líder’, e um grupo sem liderança tende à dissolução.

5-Ajuda

“Tinha gente que ajudava. Na minha adolescência, quando eu morava em São Paulo, tinha um amigo branco que sempre me ajudava. Era um branco de alma e sangue negro. Era amigão.”

Marcos relata uma experiência de sua adolescência em que um amigo “branco” lhe era solidário. Primeiro chama a atenção para o fato de o amigo ter pele branca, o que torna o fato como que inusitado. Mas, há uma explicação para tal atitude, o amigo tinha (simbolicamente) alma e sangue negros. É como se, só fosse possível um movimento solidário, mediante uma profunda identificação do ponto de vista cultural. Assim, em última análise, a solidariedade seria entre ‘iguais’. Do contrário não haveria compreensão da situação do outro.

Porque é tão difícil para a vítima de bullying despertar a empatia ou a solidariedade do outro? Entende-se por empatia (Empathéia = entrar no sentimento) a resposta afetiva vicária a outras pessoas, apropriada à situação do outro e não à própria situação (HOFFMAN, 1981). Quando se percebe o outro naquilo que ele sofre é possível agir pró-socialmente, especialmente na direção do alívio das tensões e prevenção de conseqüências. Esta é uma das razões pelas quais a empatia é considerada uma habilidade evolutivamente relevante e essencial para a manutenção das comunidades humanas. Um estudo sobre a teoria da mente, empatia e motivação pró-social em crianças pré-escolares mostrou que apenas 2,7% das crianças estudadas não demonstraram empatia para as cenas apresentadas. As autoras consideram que esta é uma característica que nos torna mais humanos (PAVARINI, SOUZA, 2010).

6-Reação ao bullying

“Alguma vez eu tentei reagir brigando, mas voltava a acontecer. Na maior parte do tempo eu me retraía, eu me sentia acuado.”

Marcos descreve que tentava assumir uma atitude mais ativa, reagir na mesma medida e também agredir, mas não obtinha sucesso. Sua reação não era suficiente para sensibilizar de alguma forma seus agressores para que mudassem de atitude. Por isso, na maioria das vezes, recuava e se retraía. Talvez assim não chamasse tanto a atenção daqueles que se consideravam superiores, e que de acordo com isso, com direito de desrespeitar o outro, humilhando-o. Como se isso fosse aceitável.

Muitas pessoas sofrem de um tipo de desamparo aprendido no qual acreditam que nenhum esforço de sua parte poderá mudar seu destino. Consideram que quando atingidos não terão nenhum recurso para autoproteção. Estas pessoas não possuem nenhum sentido de ação ou eficácia para o qual possam apelar. Sendo assim, continuam a funcionar como ‘presas fáceis’ para essas formas de abuso e violência de seus próprios limites (GABBARD, 1998).

7-Percepção dos motivos

“Pessoas preconceituosas se sentem superior. Mas, isso é cultural, acontece desde lá de trás, do tempo da escravidão. As crianças repetem isso... as crianças não nascem sabendo. Eu sou reflexo dessa sociedade.”

Marcos entende que o comportamento manifesto através da ocorrência do bullying, não é um comportamento natural, mas determinado socioculturalmente. É como se a cena social se delineasse a partir do jogo ‘dominador-dominado’. Dinâmica essa sempre presente em situações sociais primitivas, dadas a conquistas, escravidão, sacrifícios humanos e outros fenômenos que hoje percebemos como bárbaros. O agressor age como se o outro que difere dele não fosse, em termos humanos, seu semelhante. Se assim considera, também não se sente responsável pelo equilíbrio entre eles. Mas, há sempre a expectativa, e até mesmo a esperança, de que o processo evolutivo pelo qual passamos leve a um fortalecimento do chamado *cérebro moral*. Estudos recentes como o de Hauser (2007) da Universidade de Harvard, e do neurologista Antonio Damasio (2007) da Universidade do Sul da Califórnia, ambos nos EUA, publicados na revista Nature em 22/03/2007, mostram que julgamentos morais que as pessoas fazem quando estão diante de um dilema são mais emocionais que racionais; sinal de que a moral não é baseada só na cultura, mas faz parte da natureza humana. O estudo também indica que existe uma área específica do cérebro responsável pela integração dos sentimentos à consciência, que é o lobo frontal ventromedial. Lesões nessa área podem transformar o comportamento do indivíduo, tornando-o mais frio nas decisões e assumindo atitudes mais utilitárias. Também exibe menos empatia, culpa, compaixão, vergonha ou arrependimento. Estes achados não descartam a influência de fatores culturais no comportamento humano, mas chama a atenção para o

fato de que agir empaticamente faz parte do ser humano (<http://www.folha.uol.com.br/folha/ciência>, acessado em 27/01/2012).

Diz o poeta que “Narciso acha feio tudo que não é espelho” (VELOSO, 1978, disponível em <http://www.arquivoculturamauff.blogspot.com/2009>, acesso em 27/01/2012). As origens da compreensão da moral individual, na obra de Freud, encontram-se em *Introdução ao Narcisismo* (1914) e em *Luto e Melancolia* (1917). É possível observar nesses trabalhos as noções que fundamentam o ‘superego’, tais como idealização, sublimação e identificação. Freud faz uma diferenciação entre narcisismo primário e narcisismo secundário. No narcisismo primário atribui-se perfeição ao eu, que é considerado grandioso. Idéias essas que a educação e a realidade se incubem de frustrar. É o amor narcísico por si mesmo na infância que procura se transformar no ego ideal na vida adulta. Quando as tendências narcísicas, egoístas, predominam sobre aquelas que priorizam o interesse, a importância e a consideração pelo outro, especialmente no que o outro sofre, é considerada conduta antiética. No narcisismo secundário as aspirações narcísicas são transformadas em ideais modificados pela sublimação, que é o mecanismo do ego que aponta para objetos socialmente valorizados. Este movimento permite a evolução do ‘ego ideal’ (idealização) para o ‘ideal do ego’ (projetos). E é a consciência moral que vai mediar o nunca atingido ajuste entre o ideal (cobranças dos objetos idealizados) e o ego. Interessante para o funcionamento psíquico é a transformação das aspirações narcísicas por ideais modificados pela sublimação, permitindo que as qualidades adquiridas do outro se convertam na do próprio sujeito (EIZIRIK e col., 2005).

Ao procurar localizar a moralidade na consciência humana, verifica-se que vários autores consideram que a moralidade, em última análise, é uma manifestação das mais sofisticadas do ser humano. É a partir da afetividade, ou mais precisamente na afetividade do contato, que a moralidade começa a se esboçar, expressando-se no contato com o outro e com sua existência. É diante do semelhante que uma ética ganha sentido e surge a empatia (MESSA, 2008). O fator ético trás em si todas as outras partes e é superior a elas; somente a partir da ética é que as outras coisas tornam-se vivas e recebem um sentido (MINKOWSKI, 1968, citado por MESSA, 2008). Assim considerando, investir no desenvolvimento de qualidades humanas mais elaboradas,

através do aprender a pensar os relacionamentos e a solidariedade, pode melhorar o quadro atual de violência entre pares.

8-Repercussão na vida

“Tudo isso me fez muito mal. Meu sofrimento era muito grande. Fiquei com a sensação de que tudo e todos estavam me olhando. Passei a evitar lugares, evitar pessoas, escolher com quem falar... eu sou uma pessoa que me relaciono fácil, mas passei a ficar inseguro, amedrontado... Também fiquei desconfiado, inseguro. Quando namorava era muito ciumento, sufocava a moça... tive muita dificuldade nos namoros, nos relacionamentos... elas não agüentavam. Hoje estou só.”

“Eu continuei estudando e trabalhando... cheguei a comprar casa pra mim e pra minha mãe. Tive alguns relacionamentos importantes e tenho duas filhas de mães diferentes... não tenho contatos com minhas filhas... às vezes um pouco por telefone.”

“Quando mudei de cidade pra morar com minha mãe (meu pai já era falecido) passei a ter sérios problemas com álcool. Passei a beber muito e ter problemas com drogas pesadas. Voltei pra cidade onde morei com minha ‘vó’. Morava sozinho. Enchia a casa de ‘amigos’, virava a noite... Abandonei empregos... Talvez por causa da solidão, num impulso voltei pra capital... Me envolvi com ‘crack’... Perambulava pelas ruas, pela ‘crackolândia’. Aí, um dia uma missionária chegou em mim e perguntou se precisava de alguma coisa, como estava passando... me falou de Jesus... Aí começou uma mudança em mim... começou quando senti que aquela pessoa me enxergou, me percebeu... olhou nos meus olhos...”

“Hoje me sinto recuperado e participo de um trabalho para recuperação de dependentes químicos que vieram da ‘crackolândia’. Faço de tudo pra ajudar, não paro. Estou muito satisfeito. Mas ainda não estou preparado para fazer contato com minhas filhas, com o antigo emprego... mas, minha vida tem sentido nesse trabalho.”

Marcos conta como a experiência com bullying agregou prejuízos e sofrimento em sua vida. Ele se define como pessoa simpática e que tem facilidade em se comunicar. Qualidades que por certo facilitaram o estabelecimento de relações interpessoais, mas que foram prejudicadas pela interferência da violência com que foi

tratado em sua infância e adolescência. Transformou-se assim em pessoa retraída, tímida, com tendência ao isolamento e idéias de autorreferência. Inseguro, evitava pessoas e lugares que julgava ameaçadores. Teve dificuldades nos relacionamentos afetivos, com namoradas, apresentado episódios de ciúme patológico, tanto que permanece solitário. O ciúme patológico está relacionado ao afeto intenso por uma pessoa e à insegurança em relação à fidelidade desta. Pode chegar a idéias deliróides de traição com intenso sofrimento moral e psíquico. Pode resultar em acusações infundadas e atitudes agressivas, pondo em risco o relacionamento (FERREIRA-SANTOS, 2003). Em continuidade, também não consegue manter um relacionamento satisfatório com as filhas; relacionamento este que poderia ser o caminho para o resgate dos vínculos saudáveis e construtivos perdidos na sequência de dores e frustrações pelas quais passou. Segundo Rezende (1999), o sentimento de solidão se relaciona à cisão paranóide de alguém que quer apenas o *ser*. Sozinho, vive a decepção consigo mesmo e com toda a dor de uma ferida narcísica. Esse isolamento tem características superegóicas, comandadas por um superego cruel, severo, intolerante que lhe cobra a perfeição.

Marcos continuou reagindo, estudando, trabalhando e alcançou independência financeira. Mesmo assim manteve-se o sentimento de solidão; envolveu-se em amizades duvidosas e abandonou empregos. Já adulto desenvolveu dependência do álcool e envolveu-se com drogas ilícitas. Passou a morar em local denominado de ‘crackolândia’, talvez na tentativa de se sentir adequado entre tantas pessoas comprometidas, marginalizadas, que compõem uma espécie de ‘massa’, incômoda aos olhos de todos, mas de certa forma invisível a quem teria o poder de dar encaminhamento adequado à situação. Firma-se então a derrocada pessoal, moral, psíquica e física.

A dependência química pressupõe a combinação de três importantes fatores: um organismo predisponente em termos constitucionais, físicos e psíquicos, em que estão envolvidos fatores genéticos e ambientais; o acesso possível a substâncias psicoativas; e uma oportunidade facilitadora, como uma situação de estresse, desconforto emocional e traumas (disponível em <http://www.psiqweb.com.br>, acesso em 27/01/2012). Marcos viveu intensamente a presença do álcool em família através da dependência do pai, o que permite sugerir que, em sua história, encontram-se fatores genéticos, ambientais e

vulnerabilidade emocional, além dos traumas referidos. Associado a esse quadro está o acesso ao álcool e às drogas, por meio da convivência com grupos facilitadores. A partir do primeiro contato, os demais se fazem mais fáceis e prováveis, e o retorno a uma vida saudável fica cada vez mais difícil.

Para Sodelli (2010), o homem possui duas condições ontológicas fundamentais: ser mortal e ser livre. Essas condições existenciais são vividas com angústia e com culpa. Tendo que cuidar de seu existir, dando sentido para as coisas do mundo e não podendo transferir essa missão para outro, o ser humano vivencia o mundo como um lugar inóspito e a vida como um fardo que tem que carregar. Essa vivência de angústia, desespero, dor e tédio abrem possibilidades para o uso de drogas, com a (falsa) promessa de um viver mais tranquilo para poder cuidar da precariedade do viver. A realização das drogas é o prazer previsto. Assim já não é necessário ser o que não é, pelo contrário, ilude-se na crença de já ser. É como estar aprisionado em um presente sem fim. Troca-se o prazer do tempo pelo prazer da droga, e nela permanece só e enclausurado (SIPAHI, VIANA, 2001).

Para Freud (1930) o desenvolvimento das civilizações, bem como do psiquismo humano impõe sacrifícios à sexualidade e à agressividade, tornando a vida muito mais árdua. Para suportar tais sacrifícios o homem lança mão do que Freud chamou de ‘medidas paliativas’, que podem ser divididas em três tipos: os derivativos poderosos, as satisfações substitutivas e as substâncias tóxicas. E o mais eficiente destes é a substância tóxica, por agir diretamente na química corporal e tornar o homem insensível à própria desgraça. Neste sentido, a droga seria a forma pela qual o indivíduo poderia evitar confrontar-se com o desejo do outro, desejo esse que é marcado pela impossibilidade da existência de um objeto que o satisfaça por completo. Na contemporaneidade, o uso de drogas pode ser comparado a outros quadros do tipo das anorexias, bulimias, em que parece ocorrer um abandono à morte (RIBEIRO, 2009).

Mas, na história de Marcos, acontece a recuperação do sujeito, em que ele, a partir de um encontro com uma missionária, recobra a consciência de si, de estar vivo, pelo olhar daquela que o percebeu, que o enxergou. Referindo-se aos conceitos de Martin Buber sobre as formas de relacionar-se do homem, Souza, Batista e Taumaturgo, (2010), ressaltam que o encontro Eu-Tu é o instante em que o indivíduo está mais

próximo do sentimento do outro, fazendo deste o momento em que um Eu se mostra para seu Tu, para assim ser o que realmente se é, deixando fluir a potencialidade do outro através de um processo em que esse Eu se coloca no lugar desse Tu, num contínuo vir a ser, bidirecional. Aquela missionária conseguiu com que Marcos se sentisse identificado como pessoa, como ser humano. Um ser importante para ser resgatado em suas potencialidades. Não estava perdido. É a restauração numa situação de humildade, isto é, sem arrogância. Estabelece-se um vínculo, e o que firma um vínculo é a dimensão afetiva da comunicação. O vínculo é o substituto simbólico do cordão umbilical. Laços afetivos permitem a simbolização, o que, por sua vez, permite uma referência ao ausente, neste caso, a mãe. O que está ausente nem por isso está morto. O ausente pode estar vivo numa relação viva de uma pessoa com um outro (REZENDE, 1999).

Bion (1966) chama de ‘mudança catastrófica’ ao processo de mudança verdadeira não só das inibições, sintomas, angústias, e principalmente dos estereótipos e que custa muito sofrimento ao indivíduo. A palavra catástrofe vem do grego (“catastrofe”) com o vocabulário do teatro em que havia um *coro* que cantava uma *estrofe* para anunciar a mudança de cena. No caso das tragédias as mudanças de cena não eram comuns, mas trágicas, por completo. A mudança catastrófica é a passagem de um mundo para outro. Em análise pode-se chamar de *metanoia*, que quer dizer mudança de mente, a passagem de um universo mental para outro (REZENDE, 1999). Esta experiência traz o resgate do crescimento, mas pode vir acompanhada de perturbações dos sentimentos e até somatizações. Algum tipo de turbulência emocional deve acontecer. Esse processo sofrido permite que o indivíduo tenha a liberdade de discernir que tipo de mudança vai ocorrer dentro dele e que rumo quer dar à sua vida. Faz a opção pela vida. Liberdade é incluir o *não* no coração da escolha. Dizer sempre sim não é escolher, é enganar-se a si mesmo, conservando o engano de que o mundo pode ser do jeito que o sujeito quer. Para isso alianças perversas precisam ser desfeitas (REZENDE, 1999). É assim que Marcos abandona as drogas, o álcool e a marginalidade, para se recolocar em uma vida mais saudável e produtiva, procurando sentir-se e ser útil ao outro. Procura repetir a atitude daquela que o ajudou, numa expressão do processo do aprender com a experiência.

9-Apoio familiar

“Eu nunca contei pra eles o que acontecia comigo... sobre o bullying”.

“Minha mãe era durona, ‘monstrona’, mas era muito esforçada e valorizava muito o trabalho (era professora). Ela trabalhava e fazia faculdade. Ela batia em mim. Meu pai também era muito trabalhador e era alcoólatra. Ele era muito legal, ele chegava, brincava com a gente, conversava com a gente, rolava no chão, quase todo dia e ela brigava com ele. Ela gritava muito, a educação dela era militar. Não sabia conversar. Hoje eu entendo que o problema dela era meu pai. Ela cuidava muito da nossa aparência, queria que a gente estivesse sempre bem vestido. Ela trabalhava muito e pagava babá. Eu e meus irmãos brincávamos muito no quintal de casa, nas árvores... brincava imitando meu pai. Meus pais se separaram quando eu tinha por volta dos oito anos. Pra mim ficou uma coisa no ar... a separação... queria ter uma visão melhor. A gente foi morar com minha ‘vó’. Eu tinha medo dela e eu procurava fazer as coisas direito. Meu pai era a figura mais afetiva. Eu gostava até do cheiro dele alcoolizado quando chegava em casa. Era quase todo dia... minha mãe brigava muito, e batia nele e na gente... dava medo. Hoje eu analisando... eu sou o ‘xerox’ do meu pai”.

Marcos continua ...

“Minha mãe deixou a gente com minha ‘vó’ e foi pra capital trabalhar. Quando eu tinha 16 anos fui morar com ela. Foi aí que conheci minha mãe ‘alcoólatra’. Até então eu só conhecia meu pai. Ela morreu atropelada durante uma festa de aniversário de um parente, quando eu tinha 24 anos. Meu pai morreu de cirrose aos 48 anos quando eu tinha 11 anos. Meu irmão morreu assassinado, ele era policial e também era alcoólatra. Minha irmã morreu de anemia falciforme”.

Marcos apresenta uma história familiar conturbada e triste. História de uma família que tinha recursos para a realização de projetos avançados de vida, mas que devido a intercorrências e a tragédias fatais, não puderam ser realizados. Seus pais eram pessoas esforçadas, trabalhadoras, preocupados com a educação dos filhos e com sua aparência, especialmente sua mãe. Seu pai, homem bondoso, carinhoso, mas que devido ao alcoolismo que causou sua morte prematura, não conseguiu equilibrar o ambiente doméstico, estabelecendo a lei e o impedimento da supremacia materna. Sem apresentar a força necessária, era desqualificado frequentemente pela mãe que, diante da ausência

do masculino, teve que falar mais alto para estabelecer algum tipo de ordem em casa. Mesmo assim, Marcos pôde experimentar afeto espontâneo e o desejo de ser como aquele pai afetuoso e acolhedor. Não percebia que a mãe era ‘monstrona’ na tentativa de levar sua família a uma evolução e conquistar um lugar na sociedade tão hostil, o que Marcos pode sentir desde cedo. Esta família desfez-se precocemente com a separação dos pais quando ele tinha oito anos de idade. Entra em sua história uma nova figura também pouco acolhedora que é avó materna. O desfacelamento familiar continua com a ausência da mãe, seu surpreendente alcoolismo e violência, mudanças de cidade e de contexto. Depois vêm as trágicas mortes, do pai de cirrose hepática, da mãe por atropelamento, do irmão por assassinato e da irmã por uma doença sanguínea crônica hereditária mais comum na raça negra. Só Marcos sobreviveu ao seu grupo familiar. Com tantos lutos para processar, tantas perdas de tamanha magnitude, vem a solidão e a busca de alívio, mesmo de maneira equivocada, através do álcool e outras substâncias psicoativas, seguindo o modelo do pai e posteriormente da mãe. A desestruturação familiar dificulta em Marcos a capacidade de formar sua própria família, mantendo inclusive, suas filhas longe dele. O ambiente familiar também não foi seguro o bastante para que pudesse compartilhar o sofrimento decorrente da experiência com o bullying, tanto que nunca contou para os pais a violência de que estava sendo vítima. É comum às vítimas de bullying terem vergonha de compartilhar o ocorrido ou mesmo pedir ajuda aos pais. Especialmente neste caso com uma mãe muito agressiva e pouco continente.

A relação pai-mãe-filho é chamada de triangulação e foi denominada por S. Freud, conforme Laplanche e Pontalis (1983), de Complexo de Édipo, em referência ao mito grego escrito por Sófocles (496-406), na tragédia Édipo Rei. A fase edípica acontece por volta dos três aos cinco anos de idade da criança, e tem grande importância na formação da personalidade e no desenvolvimento patogênico das neuroses. É neste momento que a criança presta mais atenção aos seus genitais e percebe que sua manipulação pode ser prazerosa (considere-se que ainda não há conotação sexual genital como nos adultos). Ao lado disso há o anseio de ser o objeto exclusivo de amor da figura parental do sexo oposto e identifica como rival a figura parental do mesmo sexo. A figura do pai é fundamental para quebrar a hegemonia da mãe, objeto de amor primário (GABBARD, 1998). A suposta onipotência da mãe e a dependência a seus caprichos, pode criar situação de perigo para o sujeito (VANIÉR, 2006). No caso do

menino, não há troca do objeto de amor que continua sendo a mãe; e além da rivalidade com o pai pelo amor da mãe, é a figura dele que inspira o menino na identificação de seu papel sexual. Na evolução positiva do complexo de Édipo o menino renuncia à rivalidade pelo amor da mãe e identifica-se com o pai, trazendo a decisão de buscar uma mulher *como* a mãe e ser um homem *como* o pai. Esse processo, com suas proibições, forma o superego, instância moral da mente, que depende do grupo e cultura em que o indivíduo está inserido (GABBARD, 1998). No caso de Marcos, a triangulação ocorre com um pai fraco, mas com afeto suficiente para imprimir a identificação (“sou xerox do meu pai”). Mas, o agressor era a mãe e sendo assim o desejo por esse modelo de mulher ficou comprometido, a ponto de Marcos não conseguir estabelecer relacionamentos saudáveis com as companheiras escolhidas.

W. Bion (1967/1994) estendeu a interpretação do Complexo de Édipo para o entendimento da busca da verdade. É preciso considerar as verdades e os conflitos que o ego não quer conhecer, e a fuga através de estruturas falsas para assim atacar o conhecimento. Os conflitos que o ego não quer conhecer moram em seus dramas íntimos de que ele ama a objetos proibidos e odeia os amados, tal como ocorre com seus desejos edípicos. Assim ele desafia com ódio aos mandatos, expectativas e proibições, que vêm do ego ideal, ideal do ego e superego; assim como inveja a quem o ajuda, odeia a dependência e dedica ódio a todos que desiludem suas ilusões.

É possível classificar o grupo familiar de Marcos como uma família ‘com algum tipo de psicopatologia’, no caso, uma *família adicta*. A adição pode aparecer em suas múltiplas possibilidades como o tabagismo, alcoolismo, alimentação, consumismo, drogas e outras formas de dependência (ZIMERMAN, 2004).

10-Sugestões

“Eu acredito que tudo começa em casa... talvez o jeito seja investir numa boa política para preservação moral da família.”

“Eu gostaria de ajudar participando de palestras, contando minha experiência para os jovens, as crianças. Principalmente em relação ao uso de drogas.”

Ao falar sobre suas sugestões para se lidar com a ocorrência de bullying, Marcos repete a idéia de Winnicott (1999), de que tudo começa em casa. A família constitui um

grupo cuja estrutura se relaciona com a estrutura da personalidade do indivíduo. É o primeiro agrupamento, e de todos os agrupamentos é o que está mais próximo de ser um agrupamento dentro da unidade da personalidade. A tendência ao amadurecimento é em parte herdada. Mas, de um modo complexo, o desenvolvimento, especialmente no início, depende de um suprimento ambiental satisfatório. Ambiente esse que facilite as várias tendências individuais herdadas para que o desenvolvimento ocorra de acordo com elas e que se adapte às necessidades individuais da criança. Que introduza o princípio de realidade ao mesmo que devolva a criança à criança. Pode-se considerar herança e ambiente como fatores externos em relação à ‘psicomorfologia’ (desenvolvimento psicológico). Um ambiente medianamente aceitável pressupõe tempo, de tal modo que a criança seja ajudada por alguém que se adapte de forma sensível, enquanto a criança esteja no processo de adquirir a capacidade de usar a fantasia, de apelar para a realidade interna, para o sonho e para o poder brincar. Vários membros da família desempenham papéis diferentes e as crianças vão se utilizando deles para fazer com que suas experiências abranjam um campo cada vez mais extenso. A família é um lugar onde a criança descobre sentimentos de amor e ódio e onde elas podem esperar simpatia e tolerância, assim como as reações que esses sentimentos proporcionam. E a escola é a extensão da idéia da família e pode representar alívio dos padrões familiares estabelecidos. A saúde social depende da saúde individual (WINNICOTT, 1999).

Marcos procura fazer sua parte no processo de melhoria do ambiente social, mudando seu comportamento autodestrutivo para um comportamento pró-ativo de transformação de outras vidas que se encontram em situação semelhante à que estava anteriormente. Atualmente pensa mais nas conseqüências do uso de drogas ilegais e do alcoolismo, do que propriamente na prevenção do bullying. A intensidade de suas experiências vitais parece estar compactada toda ela numa mesma dor.

11- Como se sentiu nesta entrevista

“Me sentí bem... no começo fiquei meio sem saber por onde começar. Por isso pedi pra você ir perguntando. Eu quero muito compartilhar minha experiência, quero cooperar e estou disposto a participar de palestras. Também conheço outras pessoas que podem ajudar.”

Marcos, desde os primeiros contatos. Mostrou-se interessado em cooperar. Queria contar sua história, mas principalmente a forma como se libertou da dependência e da sensação de inferioridade, do ‘não-ser’. Faz questão de falar da importância de sua experiência religiosa no processo de transformação. Conta que este fato trouxe sentido à sua existência, tanto que se engajou em trabalho semelhante ao dos que o socorreram. Conta ter um grande desejo de ajudar, e já ajuda, recuperando sua saúde física e mental e se dispondo a auxiliar outros a trilhar o mesmo caminho, oferecendo aquilo que tem de mais intenso que é sua própria experiência.

4.2.3- 3ª Entrevista: João, faixa etária entre 21-30 anos, casado.

1- Experiência com bullying

“Eu nasci na cidade, mas ainda criança fomos morar no sítio. Naquela época não se ouvia falar em bullying. Essas coisas de brigas na escola era tido como normal”

“Fui vítima desde os oito anos e ficou pior na adolescência”

“Eu já era gordinho, tinha problema de obesidade e tinha poucos amigos. O pessoal brincava com isso e é isso que eu chamo de bullying”

“Hoje as vítimas sabem que estão sofrendo bullying e que têm direito de reclamar... eu nem sabia que isso tinha um nome”

“Tambem tinha o problema sexual... eles me perguntaram se eu sabia o que era ‘masturbação’, eu falei que não sabia e se quisesse saber perguntaria a meus pais. Aí, eles brincavam, mostravam desenhos, figuras e até ‘se mostravam’; parece que sexo era o assunto preferido; mas nunca fui agredido sexualmente” “Tiravam sarro porque eu não tinha namorada, me constrangiam”

João é um rapaz simpático, bonito e de riso fácil. Seus modos são gentis, de forma que denota boa educação.

Fala de sua experiência com o bullying de forma peculiar, uma vez que ao tempo da ocorrência nem conhecia essa palavra. O tom não é de mágoa ou rancor, mas tem clareza dos malefícios que o bullying pode causar.

Desde criança sofreu constrangimento e preconceito devido ao fato de ser obeso, por ser diferente da maioria por esse aspecto. Crianças obesas têm sido vítimas de discriminação, humilhação através de agressão verbal e física. Este fato por si só já agrava sua condição metabólica. Também tinha poucos amigos, o que o tornava ainda mais vulnerável. Por se tratar de uma condição quase sempre crônica, os episódios de agressão são de natureza repetitiva. O risco aumenta para 3 a 6 vezes para quem já foi vítima. O estigma da obesidade contribui para a continuação da violência. Há um grau de rejeição para essas crianças maior do que para deficientes físicos e crianças saudáveis. Existe uma relação cíclica e bidirecional entre obesidade e violência, isto é, a obesidade desperta a violência, e a violência agrava a obesidade aumentando a motivação para comer (MIDEI, MATTHEWS, 2011). O tipo de bullying mais frequente nesses casos é o verbal na forma de apelidos com repercussões dolorosas (WANG e col., 2010).

Em relação aos assuntos sexuais, como masturbação, por exemplo, João passou a ser atacado quando os agressores perceberam sua falta de conhecimento sobre o assunto. Passou a ser vítima fácil, já que o assunto sexo representa um dos mais fortes tabus da humanidade. Percebe-se um choque de culturas, uma vez que João não foi educado para ‘brincar’ com esse tipo de assunto; aliás, e segundo ele mesmo, assunto este a ser tratado só em casa. Mas, ao indagar sua mãe sobre o que seria a masturbação, ela também não pode ajudar, talvez por sentir-se constrangida por dificuldades pessoais próprias, ou por não saber de que forma abordar o assunto com uma criança, fenômeno comum entre os adultos até hoje em dia. Não dominando o assunto, João ficou à mercê dos colegas abusadores. Estes, por sua vez, exercitaram um comportamento exibicionista que talvez fosse repetição de algo que já tenham visto, ou sido vítimas. Mas, mesmo considerando sua pouca idade, esse exercício de exibicionismo pode desencadear perversão do desejo sexual na idade adulta (CID X, 1993). Os impulsos agressivos, cruéis e egoísticos, estão intimamente ligados a prazer e gratificação acompanhados por sensação de fascinação ou de excitação. Pessoas que se satisfazem com histórias de terror e crueldade, fotografias, filmes ou atrocidades, não aprenderam a modificar essa tendência ou canalizá-la para outro lugar. A maioria das pessoas experimenta um agradável sentimento em transpor um obstáculo ou em definir um rumo próprio. Esse ‘prazer’ pode estar intimamente ligado a emoções agressivas e explica, até

certo ponto, porque essas são tão imperativas e difíceis de controlar (KLEIN, RIVIERI, 1975).

2-Sentimento

“Eu sentia muita raiva deles. Eles eram meninos do tipo que eu não gostava, do tipo ‘manos’. Também não gosto de falar de assuntos sexuais. Não gosto de rodas que ficam falando de assuntos sexuais de forma depreciativa. Eu só falo se for da forma e em termos cristãos”

“Eu não chorava ou ficava deprimido, mas ficava muito triste”

“Acho que é difícil que as crianças entendam certas coisas. Acho que eles não entendiam que isso me humilhava. Penso que não tinha maldade no coração deles”

“A raiva passava, eu não guardava”

João fala dos vários sentimentos que experimentou ao ser vítima de bullying. Sentia raiva, indignação, mas também muita tristeza. Era um garoto tranquilo, estudioso, cooperativo com as atividades da escola, discreto com assuntos íntimos, possivelmente por orientação da educação familiar. Então por que dos ataques? Como para o próprio João, ‘é difícil para as crianças entenderem certas coisas’. Achava que não era uma atitude maldosa e que talvez eles não soubessem o que faziam. Essa atitude do nosso colaborador pode ser definida como uma atitude de humildade. A palavra humildade vem do latim *humus*, que significa ‘filhos da terra’. Refere-se à qualidade daqueles que não pretendem se projetar sobre as outras pessoas, nem mostrar ser superior a elas. A humildade é a virtude que dá a dimensão exata da cordialidade, simplicidade, honestidade, respeito, passividade. Também humilde é aquele que assume seus deveres, obrigações, erros e culpas sem resistência (disponível em <http://pt.wikipedia.org>, acesso em 10/02/2012). Bion (1958) afirma que a humildade é o contrário da arrogância, e a arrogância é o orgulho associado à pulsão de morte. Além disso, poder tolerar é sinal de força. É continuar pensando apesar da dor (REZENDE, 1999).

João, com suas atitudes, demonstra ter passado por uma elaboração exitosa do processo de integração do Ego. Segundo M. Klein (1921) o bebê, em seus primeiros dias de vida, não tem uma visão integrada do objeto (a mãe), e o percebe como se fosse

dois, um bom (gratificador) e um mau (frustrador) de acordo com a presteza com que atende aos seus apelos (do bebê). Isso caracteriza a posição esquizo-paranoide que é baseada na insegurança e ambivalência. Com o desenvolvimento favorável e a presença de uma mãe acolhedora e amorosa, o bebê evolui da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva (que não é o mesmo que a depressão patológica). Na evolução humana esta posição refere-se à capacidade que alguns indivíduos desenvolvem de perceber o objeto (o outro) em sua totalidade, isto é, perceber o outro como capaz de ser bom sem excluir características de objeto mau. Isso também significa menos movimentos projetivos e um Ego mais integrado. A posição depressiva muda todo o clima do pensamento. É quando se desenvolve a capacidade de abstração e vinculação que é o que se espera de um ego maduro, ao contrário do pensar desarticulado e concreto típico da posição esquizo-paranoide. Mas, é importante ressaltar, que a posição depressiva nunca é plenamente elaborada. Quando sua elaboração não se dá de forma suficiente, a crença no amor e na criatividade do Ego, bem como sua capacidade de recuperar objetos bons, interna e externamente, não ocorre de forma favorável (SEGAL, 1975).

O modo de ser desse participante sugere que conseguiu desenvolver um ego maduro e integrado, sendo capaz de recuperar os objetos bons, a despeito da violência sofrida.

3-Agressores

“Eram garotos folgados, ficavam sempre em grupo. As ‘brincadeiras’ diminuíram muito quando eles foram para o período noturno, no colegial. Eram os piores alunos, tiravam notas vermelhas... às vezes até pediam ajuda”

“Eles tinham uma condição econômica inferior à minha. Não tinham recursos. Eu reconhecia isso e deixava quieto”

“Tinha um que era mais velho, era repetente, era ele que começava a brincadeira. E eles faziam isso também com os outros”

“Às vezes, atualmente, eu vejo alguns deles, eu cumprimento, falo com eles... normal... Não sei se eles se lembram do que fizeram comigo. Eles não se deram bem na vida e um deles até está preso; eu consegui uma estabilidade na vida que eles não conseguiram”

“Eu fico pensando, adolescente é um pouco malvado e quando tem alguém diferente eles ‘caem em cima’.”

A análise que João faz de seus agressores é tranqüila e sem paixões. Parece entender que a situação econômica e as dificuldades escolares dos mesmos explicam a conduta inadequada. Relata que o grupo tinha sempre o mesmo líder, um rapaz mais velho e repetente na escola. Isso parece demonstrar que a forma que o agressor encontrou de sentir-se forte e ‘importante’ foi atacando os outros, especialmente àqueles que percebia não esboçar reação à altura do ataque. O agressor parece ter procurado com essa atitude desviar o olhar dos outros de seus já tão precoces fracassos. Mas, de alguma forma, João pareceu perceber essa dinâmica e então ‘deixava quieto’.

Hoje é possível para João avaliar que, apesar da violência de que foi vítima, fez sua vida prosseguir, lutando por seus objetivos e alcançando sucesso em vários de seus empreendimentos. Isso pode exemplificar um processo de resiliência bem sucedido. Enquanto isso, tem notícia de que alguns de seus agressores não lograram o mesmo êxito em suas vidas, estando, inclusive, um deles preso. João não se vangloria, mas é compreensível que faça certa comparação consigo mesmo.

A criança resiliente consegue resistir à adversidade, lutar com as incertezas e se recuperar com maior sucesso de eventos ou episódios traumáticos. Essas crianças costumam ter autonomia, senso de auto-eficácia e pensamento flexível. É possível dizer que devemos a Freud (1922) a descoberta da resiliência, antes mesmo de assim ser denominada, quando ele diz que a proteção contra os estímulos é quase uma função mais importante do organismo vivo do que a recepção dos estímulos. Em outro momento Freud fala da competência do Ego, que é a capacidade de o indivíduo satisfazer suas necessidades essenciais de forma adequada. Outra concepção precursora é a da auto-estima do *self* desenvolvida por Kohut (1977) e aplicada na atualidade para promoção de resiliência (GRUNSPUN, 2005).

Uma explicação para as emoções hostis dos agressores é que as pessoas que as experimentam estão descontentes e insatisfeitas com sua sorte ou com sua situação. Quer se trate de alguma coisa necessária à vida ou de algum prazer que não se consegue alcançar, experimentam uma sensação de perda. Um ‘desejo insatisfeito’ pode, se suficientemente intenso, provocar essa sensação de perda e sofrimento e despertar

agressividade. A carência de meios básicos de subsistência desperta agressividade (KLEIN, RIVIERI, 1975).

4-Observadores

“Eles procuravam me chatear quando não tinha ninguém por perto. A ação era rápida para que ninguém percebesse”

João relata que em sua experiência com bullying os agressores tomavam a precaução de que ninguém presenciasse as suas ações. Não havia observadores, nem platéia. Neste caso pode-se considerar que a assistência eram eles mesmos. Atores de uma cena de horror e, ao mesmo tempo, sua audiência. Assim procuravam evitar a possibilidade da crítica ou da observação por terceiros de suas próprias inadequações e bizarrices. Atitude que pode ser considerada, no mínimo, como covardia, que é a corrupção da prudência, o contrário da coragem e bravura. É atacar sabendo que o adversário não poderá se defender (disponível em <http://pt.wikipedia.org>, acessado em 10/02/2012).

5-Ajuda

“Nunca falei pra ninguém”

“Eu não falava talvez por que não tinha quem me ouvisse. Não me sentia confiante. Na escola era mais difícil. E com meus pais eu tinha vergonha. Uma vez eu tentei falar com minha mãe e ela também ficou com vergonha de falar sobre masturbação”

É comum que as vítimas não comuniquem sua experiência com bullying a ninguém, inclusive pais e professores. Sentem-se envergonhados, não querem que ninguém mais saiba de seu infortúnio. Foi assim com João, em sua vivência tão solitária, pois não tinha quem lhe ouvisse. Ao tentar compartilhar suas dúvidas com sua mãe, depara-se também com os pudores e a falta de maturidade dela em relação ao assunto ‘masturbação’. Isso confirma que este tema é delicado, proibido, que constrange até uma pessoa adulta de destaque em sua vida, a mãe.

O assunto ‘sexo’ é tabu em nossa sociedade e nas mais variadas culturas. A palavra *tabu* tem origem em um grupo aborígine australiano, e diz respeito a um sentimento social e coletivo em relação a um comportamento ou assunto. Em geral diz

respeito a algo que é proibido. Por um lado é considerado como algo sagrado e por outro lado como algo impuro e proibido (disponível em <http://www.palavraescuta.com.br>, acesso em 10/02/2012). Essa ambivalência contida no conceito de *tabu* proíbe algo que é desejado. O desejo de violar a proibição persiste no inconsciente, pois o proibido é temido e desejado (FREUD, 1913/1996). É então compreensível que assunto tão controverso estimule a imaginação, as fantasias e as atitudes de adolescentes, nesta fase de ‘tempestades’ hormonais e de química cerebral instável. Os desejos sexuais acham-se intimamente ligados a fantasias e impulsos agressivos (KLEIN, RIVIERI, 1975).

6-Reação ao bullying

“Às vezes eu fingia que nada acontecia, deixava quieto. Eu não tentava reagir pra evitar que outras pessoas soubessem. Outras vezes levava na brincadeira e eles iam parando, ficando sem graça”

“Muitas vezes me isolava, evitava pessoas e não tinha amigos”

“Eu só penso que não tenho o direito de agredir os outros... procuro ponderar” “No começo ficava bravo, perguntava ‘que é isso?’, falava ‘para com isso!’ e aí eles vinham mais pra meu lado”

João vivia essa experiência com certa perplexidade. Estava acostumado com o afeto de sua família e de seus professores. Então ‘que é isso?’. Ficava quieto na tentativa de manter-se na discrição. Interessante sua tentativa de tratar o assunto com bom humor, o que por vezes funcionava esvaziando a intenção dos agressores de vê-lo sofrer. Mas, nem sempre havia energia emocional para isso e a saída mais econômica era a do isolamento. Para João reagir agredindo os outros não era opção. Não se identificava com os agressores. Como diz, procurava ‘ponderar’.

A palavra ‘ponderar’ vem do latim *ponderare* que significa considerar, estimar, pesar, olhar o peso. Não basta olhar, é preciso ponderar, avaliar o peso dos gestos, das palavras e ações. É avaliar a que tudo isso corresponde para si como para os outros. É

pensar, ocupando-se das coisas que merecem ser pensadas. Isso nos ajuda a reorganizar a estrutura de nosso mundo cognitivo e afetivo. É experimentar a verdade. Pensar é recordar as coisas que merecem ser recordadas, na medida em que são amadas. Assim, pensar é o próprio exercício da gratidão. Pensando, recorda-se com gratidão o que recebo de toda humanidade. Pensar é ser grato (REZENDE, 1999).

Não adotar a postura dos agressores João demonstra uma atitude ética. A palavra ética vem do grego *ethos* e significa caráter, modo de ser de uma pessoa. É o conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade. A ética proporciona equilíbrio e bom funcionamento social, possibilitando que ninguém saia prejudicado. Está relacionada ao sentimento de justiça social. O importante filósofo grego Platão (427-347 a.C.) diz que “praticar injustiça é pior que sofrê-la” (disponível em <http://www.suapesquisa.com>, acesso em 10/02/2012).

7-Percepção dos motivos

“Não sei quais os motivos, mas eles não tinham bom rendimento e deviam pensar ‘vou fazer algo importante’. Sei lá...”

“Eu chamava a atenção por ser mais gordo... Além disso eles se incomodavam por eu ser bom aluno; eu tinha bom rendimento, os professores gostavam de mim e aí eles queriam me derrubar. Acho que tinham inveja do que eu conseguia”

“É devido ao pecado... aliás, Caim matou Abel por inveja. Acho que foi o primeiro bullying... Ele (o agressor) se sente menor que o outro e então ataca. Não param para pensar”

A definição fenomenológica de inveja é a de um sentimento raivoso de que uma pessoa possui e desfruta de algo desejável e o impulso invejoso visa tomá-lo e estragá-lo. A inveja pode impedir a construção segura do objeto interno bom. O excesso de inveja favorece o predomínio de mecanismos paranóides ou persecutórios (SIMON, 1986).

João entende que crianças que estão acima do peso são vítimas fáceis de agressão e bullying, mas também percebe a injustiça que impregna tal atitude. Além disso era bom aluno e querido pelos professores o que despertava a inveja dos outros alunos. É a demonstração da inveja. João ousa dizer que o primeiro caso de bullying

descrito está no relato bíblico da contenda entre Abel e seu irmão Caim, ambos filhos de Adão e Eva, nascidos após a expulsão desses do paraíso. Conta o relato bíblico que os irmãos faziam sacrifícios a Deus. Caim dos frutos da terra e Abel da melhor de suas ovelhas. O Senhor Deus se agradava dos sacrifícios de Abel, mas não dos de Caim. Tomado pela indignação e inveja Caim mata Abel e é condenado por Deus a vagar pelas terras com um sinal no corpo para alertar a todos de que não deveria ser ferido por ninguém (disponível em <http://www.bibliaon.com>, acesso em 12/02/2012). Trata-se então de um assassinato e não bullying, mas João está correto quanto ao motivo, a inveja. Quando a necessidade do muito se torna forte ocorrem as comparações. A comparação entre uma pessoa e outra não é, em si mesma, uma situação simples. Representa uma versão desenvolvida e complexa da situação primária quando o bebê sente em si mesmo a *diferença* entre estados bons e agradáveis de bem-estar e estados penosos e perigosos (KLEIN, RIVIERI, 1975). A inveja primitiva deve ser diferenciada do ciúme e da voracidade. Tenta esgotar inteiramente o objeto, não apenas com o intuito de possuir toda sua bondade, mas também para esvaziar intencionalmente o objeto, de modo que nada reste de invejável (SEGAL, 1975).

8-Influência do bullying na vida

“Acho que não guardo ressentimentos, sou paciente, espero a raiva passar. Não me transformei em um deles. Pelo contrário fui ficando cada vez mais brincalhão; quando brigo, penso e peço desculpas e procuro fazer com que as mágoas passem logo”

“Eu não gostava de trabalhar e viver no sítio, então vim pra cidade pra fazer faculdade e trabalhar. Com 20 anos já estava casado, me formando, trabalhando... me dei bem”

“Eu trabalho com jovens na minha igreja, eles me apoiam muito, eles têm muito potencial. Eu vejo reflexos da minha experiência hoje nesse trabalho. Eu quero que os jovens valorizem o outro; nunca menosprezem ou agredam o outro, pois isso é injustificável”

João conseguiu viver sua vida de forma sem entraves. Prosseguiu evoluindo e conquistando sucesso nos estudos, profissão e família. Sem alimentar ressentimentos ou mágoas, procurou transformar sua experiência com bullying em aprendizado. Fez uso de uma arma poderosa, o bom humor.

Crianças que, por motivos internos, são desde o início mais capazes de tolerar frustrações (evitáveis ou não), que não se deixam dominar pelos próprios impulsos de ódio e suspeita, vão se revelar muito mais tolerantes aos erros em que os outros incorrem no lidar com elas. Por estarem mais aptas a confiar em seus próprios sentimentos de cordialidade, são mais seguras de si mesmas e menos vulneráveis ao que chega do mundo externo (KLEIN, RIVIERI, 1975).

João diz que procura não guardar ressentimentos e até se comunica com alguns de seus antigos agressores. Pode-se notar nesta atitude a presença do perdão. A prática do perdão exige o reconhecimento da coexistência de sentimentos bons e maus, de maldade suficiente para justificar a culpa e de honestidade suficiente para merecer perdão. Para serem perdoados, os elementos maus de nossa natureza, precisam ser aceitos, porém devem existir sentimentos bons suficientes para que nos sintamos arrependidos e desejosos de fazer a reparação. Quem nunca perdoou não sabe o que é sentir perdoado; isso depende de um Superego menos cruel em exigir perfeição e trás esperança e gratidão (STEINER, 1997).

João desenvolve um trabalho com jovens na igreja que frequenta. Procura estimulá-los a praticar a amizade e o respeito ao outro. Revela o desejo de outras pessoas não passem pelo que ele passou. A violência motivada por preconceito e discriminação é atitude injustificável.

O processo pelo qual deslocamos o amor das primeiras pessoas a quem amamos para outras estende-se às coisas. Dessa maneira desenvolvem-se interesses e atividades nos quais colocamos um pouco de amor que originalmente pertencia às pessoas. Através de um processo gradual tudo que parece oferecer bondade e beleza, e que acarreta prazer e satisfação, pode, na mente inconsciente, tomar o lugar de uma ‘mãe dádiosa’ (KLEIN, RIVIERI, 1975).

9-Apoio familiar

“Eu me dava bem com minha mãe, mas não havia conversas pessoais... mas ela era muito afetiva. Eu me abria mais com minha irmã mais velha. Meu pai queria que eu assumisse o sítio da família, mas eu não queria, não tinha vocação pra esse trabalho. Eu

não queria aquilo e briguei muito pra realizar meus desejos. Hoje meu pai reconhece e me diz ‘filho você tinha razão; olhe o que você conquistou!’.

“Hoje eles ficam um pouco no sítio e um pouco na cidade”

João relata uma convivência pacífica com seus familiares. Quando morava no sítio seu pai insistia em que assumisse trabalho com plantações e animais. Ele procurava obedecer mesmo muito contrariado. Queria dar um outro rumo para sua vida, estudar e trabalhar na cidade. Cumpriu com seus deveres até ao final da adolescência, quando num momento de indignação gritou para seu pai que não era mais possível continuar. Brigou por seus desejos e conseguiu o que queria, inclusive o respeito de seu pai. Sua mãe era uma mulher afetiva e recatada. Embora não conseguisse estabelecer um diálogo aberto e instrutivo com os filhos, era uma mãe presente. A relação com os irmãos também era regular e mantinha conversas construtivas com sua irmã mais velha. É possível pensar que se nosso colaborador tivesse comunicado seu sofrimento com a ocorrência de bullying à seus familiares, ele tivesse conseguido ser ouvido e obtido algum acolhimento.

Chama a atenção o fato do pai de João não ter impedido o mesmo de seguir seus projetos apesar de não concordar com ele a princípio. Não impôs ao filho seu próprio ideal, ou seus próprios projetos para ele. Isso demonstra um processo efetivo de diferenciação entre um ser e o outro, processo dificultoso quando se trata de desejo dos pais versus desejo dos filhos. Pode-se dizer que se trata do conflito entre o *Ego Ideal* e o *Ideal do Ego*. O *Ego Ideal* seria uma formação muito arcaica, correspondente ao ideal de onipotência do narcisismo infantil (BERGERER, 2006). Serve de suporte à ‘identificação heróica’(identificação com personagens excepcionais e prestigiosos). Pode ser revelado por admirações apaixonadas por grandes personagens da história ou da vida contemporânea, caracterizados por sua independência e bravura. Pertence ao registro do imaginário. O *Ideal do Ego* é definido como a convergência do narcisismo e das identificações com os pais e seus desejos e ideais. Constitui um modelo ao qual o indivíduo procura conformar-se (LAPLANCHE, PONTALIS, 1983). É tarefa árdua para o filho superar o desejo, expectativas e fantasias dos pais a respeito de seu futuro. Por vezes é preciso frustrar os pais para poder definir o *Ideal de Si-mesmo*, cuja função

essencial é a de ser uma referência de auto-estima tão necessária para cada um (BERGERER, 2006).

Pode-se considerar essa família, de início, como sendo do tipo aglutinada. Neste caso predomina por parte dos pais uma atitude com tendência simbiótica generalizada. Por vezes ocorre uma crise familiar, especialmente quando algum filho adolescente destoa da aglutinação e busca a emancipação. Contudo, aos poucos o grupo familiar do João foi adquirindo outro contorno e características do tipo família integrada, em que predomina uma aceitação e preservação dos direitos e deveres de cada um, dentro de uma necessária hierarquia familiar. Há o reconhecimento dos limites e das diferenças de cada um e lida-se melhor com perdas de entes queridos e entradas de novas pessoas na família (ZIMERMAM, 2004).

É sabido que o desenvolvimento da criança é auxiliado pelo fato de ter irmãos e irmãs. O fato de crescer juntamente com eles permite-lhe desligar-se mais dos pais e criar novos tipos de relacionamento (KLEIN, RIVIERI, 1975).

10-Sugestões

“Acredito que uma boa divulgação ajuda muito. É preciso chamar a atenção pra isso”

“Deve-se ter um meio de acolher a vítima, acudir, deixá-la à vontade pra falar sobre o que ocorreu. Oferecer um ambiente propício”

João considera a importância de se atuar no problema do bullying através da divulgação do fato, seu conceito e características, além da definição dos direitos das vítimas. A divulgação correta e adequada é importante para qualificação do problema e para que se evite a banalização. Esse processo pode proporcionar a conscientização das pessoas, da família, da escola dos poderes públicos e, em última análise, da própria sociedade. Deve haver um comprometimento de todos no sentido de impedir e interromper o bullying. Existem escolas que afirmam que não existe bullying (BEANE, 2010). É indispensável que se estabeleçam parcerias. Mas, qual seria a receita para desinventar o abismo, ou para apagar os apelidos maldosos? (CHALITA, 2008).

João também demonstra sua preocupação com a situação das vítimas. Por certo devido a processo de identificação, de quem já sentiu essa dor. São pessoas que precisam ser acolhidas, ouvidas e acudidas. Mas, para isso é necessário que se sintam confiantes na possibilidade do acolhimento. Que saibam que haverá alguém que se importa com elas, sem julgamento, sem questionamentos. É preciso que existam ‘guardiões’, que é aquele que tem a incumbência de guardar; é aquele que não permite que o seu protegido sofra ou seja aniquilado (CHALITA, 2008)..

11-Como se sentiu participando dessa entrevista

“Eu vim sem me programar sobre o que ia falar. Mas, é melhor eu falar de uma vez. Estou à disposição e obrigado por me ouvir”

“Gostaria de ter um retorno sobre o resultado do trabalho”

João veio para a entrevista em atitude espontânea, no sentido de não se ter programado, oferecendo uma resposta nova a uma situação nova. Fator considerado como indicativo de saúde mental. Quer falar sobre sua experiência com bullying e até me agradece por ouvi-lo. Coloca-se à disposição. Quem assim age demonstra preocupação com os outros e com o coletivo. Atitude totalmente ausente nos mais variados e diferentes episódios de bullying.

A entrevista com João mostrou que existem outras reações possíveis à violência. Formas de esvaziar o ataque e seguir em frente. Seguir em frente, porem, não sem olhar para trás e aprender; aprender a não repetir e para ajudar o outro a não só observar, mas participar sendo mais humano e amoroso.

V. Considerações Finais

Os resultados quantitativos desse estudo são concordantes com os encontrados na literatura. Apesar de não se tratar de amostra aleatória, os achados quantitativos não se diferenciaram significativamente de achados estatísticos oficiais. Ressalta-se que a maioria dos homens que responderam o questionário relatou ter sofrido bullying, predominantemente em etapas mais precoces do desenvolvimento (dos

5 aos 12 anos), sendo a escola o local em que mais ocorreu esta experiência. Embora o agressor tenha sido, em sua maioria, crianças ou adolescentes colegas da escola, o bullying também foi praticado por adultos e em outros locais como em casa, na casa de amigos, na rua, no trabalho e na igreja. Quase a totalidade da amostra desse estudo relatou que as agressões foram presenciadas por testemunhas que não as auxiliaram na ocorrência. Da mesma forma, quase a totalidade dos participantes não procurou ajuda de outras pessoas, e, quando a procurou, esta não foi efetiva, confirmando-se o despreparo de pais e equipe escolar para compreender e lidar com esse grave fenômeno. Para cerca de metade dessa amostra, o bullying sofrido deixou seqüelas, avaliadas por metade desses participantes, como de nível médio a alto. A maioria dos participantes sugere que o bullying deve ser objeto de atenção da escola e a família, devendo ser abordado mais com diálogos abertos e medidas informativas e educativas, do que com punições ou sanções legais.

As respostas dos participantes confirmam que a experiência com bullying na infância e/ou adolescência é marcante e tem repercussões no desenvolvimento da personalidade e identidade de suas vítimas. No entanto, considerando o conjunto dos dados quantitativos e qualitativos, pode-se indicar que o importante fator de risco ao desenvolvimento saudável representado pelo bullying, pode ser minimizado por mecanismos de proteção como: apoio familiar, bom nível de escolarização e oportunidade de desenvolver atitudes positivas e resilientes, possivelmente incentivado, nessa amostra, pela educação religiosa.

Nos estudos de caso realizados, foi utilizada a técnica fenomenológica para avaliação e análise das informações prestadas pelos colaboradores. Essa análise foi enriquecida com conceitos psicanalíticos. No estudo dos casos pode-se observar que foram três tipos diferentes de experiência com bullying, assim como três modos diferentes de lidar com ela. Apesar das diferenças, todos revelaram importantes repercussões em suas vidas, as quais, de algum modo, marcaram seu modo de ser e suas escolhas. Nos três casos, no entanto, pode-se avaliar que certos mecanismos de proteção sociofamiliares relatados, aliados a possíveis aspectos constitucionais, podem ter contribuído para a superação dos danos sofridos com o bullying, resultando em consciência sobre o problema e vontade legítima de participação em sua solução.

As entrevistas com os três colaboradores dos estudos de caso revelaram vivências fortemente impregnadas de fortes sentimentos e permitiram vislumbrar, com mais detalhamento e aprofundamento, o significado do bullying para a vida de um ser humano. Compreende-se a necessidade de se enfrentar o fenômeno do bullying, como um problema humano, social e de saúde, cujas repercussões e potencial de risco ao desenvolvimento de crianças e adolescentes torna-o tão grave que permite considerá-lo uma questão de saúde pública.

Considera-se a necessidade de se identificar as variáveis e os padrões de conduta e funcionamento que facilitam as ocorrências de bullying, identificando também os indivíduos em situação de risco e as vítimas que sofrem em silêncio, especialmente na escola, local de sua maior ocorrência. Porém, não se pode deixar de valorizar as ocorrências de bullying em outros contextos, bem como os casos desse tipo de violência praticado por adultos (familiares e professores).

De acordo com os resultados obtidos, confirma-se que a maior frequência de ocorrência de bullying se dá no ambiente escolar. Considera-se, assim, a importância de maior empenho na capacitação dos educadores para lidar com o fenômeno. O 'bullying' e suas consequências no desenvolvimento de crianças e adolescentes poderia ser inserido como tema importante no currículo dos cursos de formação e licenciatura de educadores, visando a instrumentalização dos mesmos para prevenir, identificar e lidar efetivamente com essa ocorrência. É imperativo considerar também a própria situação dos professores que também são vítimas frequentes de violência escolar pelos alunos e, em consequência, muitas vezes, pelos próprios pais destes. A violência no ambiente escolar torna-se, assim, uma situação que se retroalimenta, num processo praticamente autofágico.

As pesquisas sobre o fenômeno bullying devem também visar objetivos de relevância social, dentre os quais, ressalta-se a necessidade de se sensibilizar os professores para darem maior atenção ao fenômeno. Nesse sentido, é interessante notar que, apesar da divulgação atual que o tema tem recebido em diferentes mídias, ainda não sensibiliza de forma significativa, nem as escolas, nem os professores. Tal assertiva pode ser exemplificada com a trajetória que tomou o presente estudo. O objetivo desse trabalho, em sua proposta inicial foi o de investigar a repercussão da experiência com

bullying na vida de professores de uma escola pública, considerando que esse fenômeno é bastante freqüente no ambiente escolar. Porém ocorreram importantes dificuldades em se obter a participação desses profissionais, especialmente na etapa de entrevistas individuais, em que não foi possível estabelecer horário ou qualquer tipo de retorno dos mesmos, não obstante as várias tentativas realizadas pela pesquisadora. Optou-se então por trabalhar com um grupo de universitários adultos em uma faculdade de curso noturno, considerando-se que, de alguma forma, também trabalham ou trabalhariam na área educacional.

O tema “bullying” poderia também ser incluído nas discussões e reflexões éticas que devem ser realizadas na escola, tendo em vista que o tema “Ética”, é um tema transversal, a ser abordado em diferentes momentos e disciplinas escolares, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Conhecer, aprender e exercitar uma conduta e um pensar éticos pode favorecer o aparecimento de maior tolerância quanto às diferenças e de um funcionamento social mais adequado ou mais consciente. Trata-se de investir no desenvolvimento de cidadãos que possam ser responsáveis e responsabilizados pelos próprios atos.

Não se pretende sugerir que o complexo fenômeno do bullying possa ser totalmente compreendido ou resolvido apenas no âmbito escolar. Deve-se também levar em conta os aspectos evolucionais e adaptativos, que vão além das questões éticas e morais do comportamento humano e social. Movimentos individuais e grupais determinados por mecanismos mentais, biológicos e instintivos que ainda não são suficientemente esclarecidos pelo conhecimento atual, devem ser considerados e insistentemente perseguidos, com o objetivo de facilitar e viabilizar relações interpessoais mais humanas e saudáveis.

Além disso, o papel do observador no fenômeno bullying deve ser destacado, pois sua omissão reforça a gravidade da violência, acarretando maior sofrimento às vítimas, que se sentem duplamente agredidas e desamparadas. A maioria dos observadores não se envolve, deixam de agir, voltam as costas para o problema, fecham os olhos, saem de perto e, com isso, manifestam “na terem nada a ver” com o problema. Tais pessoas, por certo, teriam muito a contribuir para a solução do problema o que diz respeito às vítimas e aos próprios agressores. A violência e a injustiça são problemas de

todos. Quem permite a violência contra o outro está também aceitando a violência contra si mesmo. Sugere-se, portanto estudos mais aprofundados sobre a experiência dos observadores, as repercussões desse papel em suas vidas, bem como os motivos que alegam para não se envolverem. Do mesmo modo, esforços de pesquisa devem ser realizados para que se identifique os principais aspectos biopsicossociais que se relacionam ao comportamento agressivo, favorecendo a crueldade constatada na prática do bullying.

Outro aspecto de destaque é a questão da saúde global do homem, uma vez que a maioria dos agressores, não só na ocorrência de bullying, é composta por indivíduos do sexo masculino. Por outro lado, dada a natureza ainda machista de nossa cultura, a vítima de bullying, quando do sexo masculino, apresenta maiores dificuldades para buscar ajuda e apoio, bem como, dependendo de suas reações, pode incrementar a frequência e a intensidade do bullying do qual é vítima. Reforça-se a necessidade de atenção para com a população masculina, tendo em vista que essa população é praticamente excluída de programas e portarias dos poderes públicos ligados à saúde. Esses consideram determinados grupos de risco, como mulheres, crianças, adolescentes, idosos e outros, mas excluem o homem adulto heterossexual. Essa situação pode nos levar à interpretação, talvez precipitada, de que os grupos considerados de risco estariam sob a ameaça daquele grupo em específico, ou seja, de que o homem adulto e heterossexual não sofreria riscos e seria o potencial agressor.

O bullying pode ser considerado como problema social importante e grave. Necessária se faz, agora, a reavaliação das atuais medidas preventivas, tendo em vista que, o que está em uso não apresenta a eficiência esperada. Apoiar as vítimas, oferecer suporte humano e profissional, bem como sensibilizar familiares e educadores para um enfrentamento maduro do problema, são medidas imprescindíveis. Do contrário, estaremos sob o risco de que, se assim não agirmos, passaremos a engrossar as fileiras dos observadores, daqueles que não se comprometem e não se envolvem.

Com base nos resultados alcançados e nas reflexões sobre os mesmos, propõe-se que, novas pesquisas, investiguem mais profundamente o papel, sentimentos e comportamentos dos observadores e dos agressores, visando subsidiar programas de sensibilização e mudança de conceitos e condutas. Ressalta-se a necessidade de maior

numero de pesquisas, com diferentes métodos e enquadramentos, acerca do comportamento masculino e suas relações com a violência social em nossa cultura.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA, disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br>. Acesso em 21/12/2011.
- ASSUNÇÃO JR., F. B., KUCZYNSKI, E. **Tratado de psiquiatria da infância e adolescência**, Atheneu, SP, 2003.
- AVELAR, D. A violência urbana e o prejuízo emocional das vítimas. *O Pastoral*, 2009. Disponível em <<http://www.rádiosa>>. Acesso em 30/10/2010.
- BADER J. M. Cerveau: La biochimie de la violence. In: *Science & Vie*, nº 925, 1994, pp 48-54.
- BAKER L.; MACK W.; MOFFITT T.; MEDNICK S. Sex differences in property crime. In a Danish Adoption Cohort, **Behavior Genetics**, vol.19 nº3, 1989, pp 335-370.
- BANDEIRA, C. M. **Bullying, auto-estima e diferença de gêneros**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2009.
- BANDURA, A. **Agression: a social learning analysis**. New York: Prentice hall, Englewood Cliffs, 1973.
- BARRETO, J. Melhor prevenir para mais remediar. **Revista APS** v.8 n.2 jul/dez 2005, pp.191-198.
- BAR-TAL, D. Prosocial behavior, theory and reaserch, in: **Halsted press**, New York, 1999.
- BEANE, A.L. **Proteja seu filho do bullying**, Bestseller, RJ, 2008.
- BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: science forgotten? **Development review**, nº 27, 2007, pp 90-126.
- BERGERET, J, BECACHE, A., BOULANGER, J.J., CHARTIER, J.P., DUBOR, P., HOUSER, M., LUSTIN, J.J. **Psicopatologia, teoria e prática**, Ed. Artmed, Porto Alegre, 2
- BION, W.R. **Cogitações**, Imago, RJ, 2000.
- BION, W.R. **Estudos psicanalíticos revisados**, Imago, RJ, 1994
- BION, W.R. **Experiências com grupos**, Imago, SP, 1975.
- BORDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Soleil, 2002

BRASIL. Projetos de leis federais, Câmara dos Deputados, disponível em <<http://www.ared.inf.br>>; <http://www.opovo.com.br>; <http://www.jusbrasil.com.br>; <http://www.wscom.com.br>, acesso em 12/12/2011.

BRASIL. Ministério da Saúde, **Política nacional de atenção integral à saúde do homem (PNAISH)**, portaria nº 1944, de 27/08/2009, disponível em <<http://www.portal.saude.gov.br>>, acesso em 30/12/2011.

BRUNS, M.A.T., HOLANDA A.F. **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alinea, 2003.

BUIKHUISEN W. Cerebral disfunctions and persistent juvenile delinquency. In: S. Mednick, T. Moffitt & S. Stacks (eds) **The causes of crime, new biological approaches**, 1987 pp 169-184, Cambridge: *Cambridge University Press*.

CALIMAN, G. Estudantes em situação de risco e prevenção. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, vol 14 nº52, Rio de Janeiro, 2006.

CAMARGO, C. L.; ALVES, E. S., QUIRINO, M. D. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. In: **Texto e contexto**, vol 14 n.4 Florianópolis, 2005.

CANTINI, N. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira**. Tese de Doutorado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica, 2004

CID X. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento**, descrição clínica e diretrizes diagnósticas. Organização Mundial da Saúde, Porto Alegre: Artmed, 1992.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade**, Gente, SP, 2008

CORETH, E. **Questões fundamentais de hermenêutica**, Epu, SP, 1973.

COUTINHO E.F. **Estudo sobre estresse pós-traumático**. Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009.

CRICK, N. R., & GROTPETER, J. K. Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. **Child development**, 1995 pp. 710-722.

CZERESNIA D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. **Promoção de saúde: conceitos, reflexões e tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

DAMETO C. A., NEME, C. M. B.: Fatores de risco e mecanismo de proteção em adolescentes do sexo feminino com transtornos mentais. In: VALLE, T. G. M., MECHIORI, L. E. (orgs). **Saúde e desenvolvimento humano**, São Paulo: Ed Unesp/Cultura Acadêmica, 2010.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Ed. Moraes, 1992.

DESVIAT M. **A reforma psiquiátrica**. Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.

DIAZ, A. G. SOUZA M. Bullying homofóbico: um nome “diferente” para a violência?. **Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Universidade Federal de Santa Catarina, 26/08/2010, disponível em <<http://www.fazendogenero.ufsc.com>>, acesso em 21/12/2011.

DOLLARD, J. **Frustration and aggression**. New Haven: *Yale University Press*, 1936.

EISENSTEIN, E. & SOUZA, R. P. **Situações de risco à saúde da criança e do adolescente**. Petropolis: Vozes, Petrópolis, 1993.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FATEO. Faculdade de Teologia Batista de Bauru, disponível em <http://www.fateo.com.br> acesso em 21/12/2011.

FENICHEL O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. São Paulo: Livraria Atheneu, 1981 pp. 152-155.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Ed.Nova Fronteira, RJ, 1986.

FERREIRA-SANTOS, E. Ciúme, o medo da perda, Ed. Ática, São Paulo, 1997.

FERRO, A. Evitar as emoções, viver as emoções; Ed Artmed, Porto Alegre, 2011.

FONAGY, P. Conferência “**Creating a peaceful school, learning environment: a whole school anti-violence intervention**”. Durante o 1º Simpósio internacional sobre violência e saúde mental, Universidade Federal de São Paulo, 2008.

FONAGY, P. The psychoanalysis of violence, In: **Dallas society for psychoanalytic psychology**, London, 2001.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia fenomenológica, fundamento, método e pesquisa**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1993.

FORGHIERI, Y.C. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas em psicologia** vol.4 nº9, São Paulo, 1996, pp. 97-110.

FREUD, S. Totem e tabu, **Obras completas de Sigmund Freud**, Imago, RJ, 1996.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo, **Obras completas**, Imago, RJ, 1996.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. **Obras completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII, Ed.Imago, 1969.

GABBARD, G. O. Psiquiatria psicodinâmica, Ed Artmed, Porto Alegre, 1998.

GABRIEL, Y. **Organizations in depth**, London, 1999.

GINI, G., POZZOLI, T. The role of masculinity in children's bullying. **Sex roles**, nº 54, Itália, 2006, pp 585-588.

GIUSEPPI, E., ROMERO, E. "...Para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril..." Dissertação (pós-graduação da Faculdade de Ciências da Motricidade), Universidade Castelo Branco, RJ, 2004.

GODOY, E.H.M. Histórias da vivência sexual de mulheres submetidas à cirurgia da obesidade. **Dissertação de Mestrado**. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2008.

GRÜNSPUNG, H. **Conceitos sobre resiliência**, 2003, disponível em <<http://www.cfm.org.br>>, acesso em 29/12/2011.

GRÜNSPUNG, H. **Criando filhos vitoriosos**, quando e como promover a resiliência, Atheneu, SP, 2005.

HOFFMAN, M. L. Is altruism part of a human nature? In: **Journal of personality and social psychology**, 1981, 40, pp 121-137.

HOMEL, J. B. **Pathways from school bullying to adult aggression: a longitudinal study**, Australia, 2009.

HONDA, H. Intencionalidade e sobredeterminação: Marleau-Ponty leitor de Freud, In: **Psicologia em estudo**, Maringá, 2004.

HUSSERL, E. **Ideas relativas a uma fenomenologia pura y uma filosofia fenomenológica**, México, 1986.

HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima dos adolescentes, **Psicologia escolar e educacional**, vol 14 nº1 Campinas, jan/jun 2010

HEIDEGGER, M. **O ser no mundo**. Tradução de Maria Sá Cavalcanti Schuback, Ed vozes, São Paulo, 2005.

JASPERS, K. **Filosofia da existência**, Ed homus, São Paulo, 1968.

JUNG, C. G. Aspectos da masculinidade. **Obras Completas**, Psicologia do inconsciente, volume VII, 1912.

KAPLAN, H. I. , SADOCK, B. J. **Compêndio de psiquiatria**. 7ª edição. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1997.

KANT, I. Crítica da razão pura, **Os pensadores**, Nova Cultura, vol 1, SP, 1987.

KLEIN, M. RIVIERI, J. **Amor, ódio e reparação**. Imago, RJ, 1973.

KUNZ, J. C. O senhor fálico e o escravo feminino: o masculino dominado pela masculinidade. **Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Universidade de Santa Catarina, agosto/2010, disponível em <<http://www.fazendogenero.com.br>>, acesso em 21/12/2011.

LACAN, J. **O seminário de Jacques Lacan**, livro I: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954, tradução de Betty Milan, Ed zahar, Rio de Janeiro, 1983.

LAPLANCHE, J. , PONTALIS. J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1983.

LARA D. **O modelo de medo e raiva**. Revolução de idéias e editorial. Porto alegre, 2006

LAROUSSE CULTURAL. **Grande enciclopédia**, Nova cultura, SP,1998.

LEAVELL, S. & CLARCK E. G. **Medicina preventiva**, São Paulo, McGraw-Hill, 1976.

LIANG, H., FLISHER, A.J.: Bullying, violence and risk behavior in south African students. **Child abuse and negligence**. nº 31, 2007, pp.161-171.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças com idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, Porto Alegre, v.81, nº5, Nov/2005.

LOPES M. E. **Quatro gigantes da alma**, o medo, a ira, o amor, o dever; Ed José Olympio, RJ, 1994.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo, 1989.

MARTINS, J. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa – algumas considerações. **Cadernos da sociedade de estudos e pesquisas qualitativas**. Caderno 1, São Paulo, 1990.

MARTINS, J. Um enfoque fenomenológico do curriculum. **Educação como poésis**. Ed Cortez, São Paulo, 1992.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista portuguesa de educação**, vol 18, nº 001, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2005.

MASINI, E. F. S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. **Fazenda, metodologia de pesquisa educacional**, Ed Cortez, São Paulo, 1989.

MARLEAU-PONTY, M. **Ciência do homem e fenomenologia**, Saraiva, SP, 1973.

MEDNICK, S., GABRIELLI W., HUTCHINGS B. Genetics factors in etiology of criminal behavior. In: S. Mednick, T. Moffitt & S. Stack (eds) **Cambridge University Press**.pp 74-81, UK, 1987.

MEDNICK S., KANDEL E. Genetics and perinatal factors of violence. In: **Biological contributions to crime causation**. Netherlands: NATI ASI series, 1988, pp 121-131.

MIDEI, A.J., MATHEWS, K.A. Interpersonal violence in childhood as a risk factor for obesity: a systematic review of the literature and proposed pathways. In: **Journal of adolescent health**, USA, 2010, pp 96-101.

MESSA, G. P. **Psicopatologia fenomenológica contemporânea**. Ed Roca, São Paulo, 2008.

MOURA, D. R., CRUZ A. C. N., QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de pediatria** vol.87, nº1, Porto Alegre, jan/fev 2011.

NARDI, A. GLINA, S. FAVORITO, L. A. Primeiro estudo epidemiológico sobre câncer de pênis no Brasil, **In: International brazilian journal of urology**, vol.33, 2007.

NEME C. M. B., MELLO L. C., GAZZOLA R. A., JUSTI M. M. Fenômeno bullying análise de pesquisas em psicologia publicadas no período de 2000 a 2006. **Revista de pediatria moderna**, 2008.

NEME, C.M.B. Ressignificação da clinica e das psicoterapias à luz da perspectiva fenomenológico-existencial: Desafios da diversidade nas práticas em saúde e na implantação de um serviço de psico-oncologia- uma trajetória. **Tese de Livre Docência**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2009

NIETZSCHE, F. **Pensamentos sobre os sentimentos morais**. Tradução de Paulo César de Souza, Ed companhia das letras, São Paulo, 2004.

NUNES, S.S. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita, In: **Psicologia da USP**, vol 17, SP, 2006.

OLIVEIRA, M.A., REIS, V.L., ZANELATO, L.S., NEME, C.M.B. Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006. **Psicologia, ciência e profissão**, 2008 (4), 754-767.

OLIVEIRA G. S., CUNHA A. M. O. Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. **Cadernos da FUCAMP**, n.7 vol.7 jan-dez/2008.

OLWEUS D. Testosterone and adrenaline: aggressive antisocial behavior in normal adolescents males. In: **The causes of crime, new biological approaches**. Cambridge Univrsity Press, pp 263-282, Cambridge, 1987.

PALACIOS M., REGO S. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica** v.30 nº1, RJ, 2006.

PAVARINI, G., SOUZA, D.H. **Teoria da mente, empatia e motivação pró-social em crianças pré-escolares**, Maringá, 2010.

PINCUS J. Neurologist role in understanding violence. **Archives of Neorology**, v. 50, nº 8, pp 867-869, 1993.

PATTON M. **Qualitative evaluation and research methods**. Sage publications. CA, 1999.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**, Graphia, RJ, 1999.

PROGRAMA DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM VIOLÊNCIA (PROVE), UNIFESP, disponível em <[http:// www.unifesp.com](http://www.unifesp.com)>, acessado em 30/10/2010.

PROGRAMA DE REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES (PENSE), disponível em <<http://www.bullying.com.br>>, acesso em 30/10/2010.

RAFFAELLI, R. Convergências entre Freud e a fenomenologia: um olhar interdisciplinar. **Revista internacional interdisciplinar, Interthesis**, vol 3 nº1, Florianópolis, jan/jun - 2005.

RAPPAPORT, C. R., FIORI, W. R., DAVIS, C. Teoria do desenvolvimento, conceitos fundamentais, In: **Psicologia do desenvolvimento**, E.P.U., SP, 2005.

REZENDE, A. M. **A questão da verdade na investigação psicanalítica**, Papirus, Campinas, 1999.

REZENDE, A. M.: **Ser e não ser**, Cabral editora universitária, Taubaté/SP, 1999.

REZENDE, A. M. **Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento**, Papirus, Campinas, 1995.

RUBENS K. Peer alienation: predictors in childhood and outcomes in adulthood. **Journal of the academy of child and adolescent psychiatry**. UK, 2003.

RUBIN R. The nuroendocrinolohy and neurochemistry of antisocial behavior. In: S. Mednick, T. Moffitt & S. Stack (eds) **The causes of crime, new biological approaches**. Cambridge university press, 1987 pp. 239-262.

SÃO PAULO, Diário Oficial, nº 153 de 15/08/2007, Estado de São Paulo, Poder Executivo, Saúde, Resolução SS – 282, de 03-08-2007.

SAPIENZA, G., PEDROMÔNICO, M.R.M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**, vol 10, nº2, Maringá, maio/2005, pp. 209-216.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**, Imago, RJ, 1975.

SIPAHI, F. M. VIANA, F. C. A dependência de drogas e a fenomenologia existencial, in: **Associação brasileira de daseinsanalyse**, Revista II, 2002.

SILVA, S. O., BODÒ, M. L. D., ROSA, A. S., ALMEIDA, P. B. **Tendência da produção científica da enfermagem na temática saúde do homem**. Disponível em <<http://www.urisantiago.br/saenfermagem.anais>>, acesso em 29/12/2011

SIMON, R. **Introdução à psicanálise de Melanie Klein**, E.P.U., SP, 1986.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**, Cultrix, SP, 1974.

SOFOCLES, **Édipo rei**, Difel, RJ, 2005.

STEINER, J. **Refúgios psíquicos**, Imago, RJ, 1997.

VANDERBILT, D. AUGUSTYN, M. **The effects of bullying**, Elsevier, 2010.

VILHENA, J. A violência da cor: sobre o racismo, alteridade e intolerância, In: **Revista de Psicologia Política**, vol. 6, SP, 2007.

VIRKKUNEN M. Methabolics dysfunctions among habitually violence offenders reactive hypoglycemia and cholesterol levels. In: S. Mednick, T. Moffitt & S. Stack (eds). **The causes of crime, a new biological approaches**. *Cambridge University Press*, 1987 pp. 147-157.

WINNICOTT, D. Teoria do relacionamento paterno-infantil, **O ambiente e os processos de maturação**. Ed artes médicas, Porto Alegre, 1988.

WINNICOTT, D. Tudo começa em casa, Ed Martins Fontes, São Paulo, 1999.

ZIMERMAN, D. **Bion, da teoria à prática**. Ed. Artes médicas, Porto Alegre, 1995.

ZIMERMAN, D. **Manual de técnica psicanalítica**. Ed. Artmed, Porto Alegre, 2004.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Caros alunos:

Bullying é uma expressão de comportamento violento, de um comportamento cruel em que os mais fortes convertem os mais fracos em objetos de diversão e prazer através de atitudes que visam maltratar, intimidar, humilhar. É um fenômeno mundial e tão antigo quanto a própria escola. Tal experiência pode acarretar danos à saúde física e mental das vítimas. Por vezes as conseqüências são tão graves que podem alterar o funcionamento emocional ou mental das vítimas, mesmo a longo prazo. Este fenômeno é muito freqüente e faz-se necessário a adoção de medidas urgentes para compreendê-lo e combatê-lo.

Suas informações e colaboração serão da mais alta importância para que possamos pensar a respeito e obter informações de qualidade.

Muito obrigada.

QUESTIONÁRIO:

1-Faixa etária atual

21 a 30 anos

31 a 40 anos

41 a 50 anos

51 a 60 anos

61 a 70 anos

2-Sexo

masculino feminino

3- Estado civil

casado solteiro viúvo separado amasiado

4- Profissão

5- Pode dar sua definição de bullying?

6- Sofreu bullying na infância e/ou adolescência?

Não, nunca

Sim, na infância Sim, na adolescência

7- Qual sua idade na época?

- Menos de 4 anos
- Dos 5 aos 7 anos
- Dos 8 aos 12 anos
- Dos 13 aos 18 anos

8- Qual o tipo de bullying sofrido?

- Agressão verbal (xingamento, apelidos, palavrões)
- Agressão física (chutes, tapas, socos, empurrões)
- Agressões a objetos pessoais (roubo, estragos, esconder objetos)
- Isolamento, exclusão
- Preconceitos
- Mais de um tipo de agressão ao mesmo tempo
- Outros

9- Os agressores eram

- Crianças ou adolescentes da mesma idade que a sua
- Adolescentes mais velhos que você
- Adultos

10- Onde ocorreram as agressões

- Escola Na rua Em casa Na casa de colega ou parente
- Outros locais (especificar)

11- Havia pessoas assistindo?

- Não
- Sim, crianças e/ou adolescentes
- Sim, adultos
- Sim, adultos, crianças e adolescentes

12- Estas pessoas tentaram ajudar?

Sim Não

Como?

Pedindo para o agressor parar

Segurando o agressor

Agredindo o agressor

Afastando-me do local

Outra atitude (especificar)

13- Você relatou esse fato a alguém?

Sim Não

Pedi ajuda?

Sim Não

A quem?

Pais Professor Coordenadores/diretores/chefes Funcionários

Colegas Outros

14- Essas pessoas tomaram alguma atitude para ajudar?

Sim Não

Se SIM, o que fizeram?

15- A ação dessas pessoas foi efetiva para parar a ocorrência de bullying?

Sim Não Mais ou menos (não cessou, mas diminuiu)

16- Você tentava ou tentou reagir?

Sim Não

Se SIM, como?

17- O que sentia?

Medo/impotência

Raiva

Tristeza/choro

Vontade de sumir, fugir

Desejo de vingança

Outros

18- Como classificaria sua experiência com bullying numa escala de 0 a 5, sendo 0=nenhum sofrimento; 1=sofrimento mínimo ou irrelevante; 2=pouco sofrimento logo superado; 3=sofrimento importante ou significativo; 4=grande sofrimento e 5=sofrimento muito grande ou excessivo.

0 1 2 3 4 5

19- Você considera que a experiência com bullying deixou seqüelas ou conseqüências em sua vida?

Sim Não

20- Quais?

21- Você acha que as superou?

Sim Não Mais ou menos

22- Você precisou procurar ajuda profissional (médico, psicólogo, orientadores, medicamentos)

Sim Não

Qual?

23- Essa experiência influenciou, de alguma maneira, em suas escolhas pessoais ou profissionais?

Sim Não

Se SIM, como?

24- O que você sugeriria para diminuir essa forma de violência, considerando além da conscientização e transformação espiritual dos envolvidos?

MUITO OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO E GENTILEZA

Se desejar relatar mais sobre sua experiência entre em contato comigo:

Oliveira23elaine@gmail.com, ou deixe seu e-mail ou telefone.

ANEXO B- ROTEIRO PARA ENTREVISTA PESSOAL

1-Você relatou que sofreu bullying na infância ou adolescência. Poderia contar como foi esta experiência? (Como e quando aconteceu: idade, tipo de agressão sofrida, sentimentos e emoções experimentadas)

2- O que ocorreu, segundo sua visão atual, para que fosse vítima de bullying?

3- Como foi desencadeado o comportamento do agressor?

4- Como você enfrentou essa experiência? (Foi socorrido por alguém? Procurou ajuda? Contou a seus pais? Contou a mais alguém? Se não, por quê? O que o ajudou a enfrentar a situação?)

7- Como você se sente hoje em relação a essa experiência? (Você sente que esta experiência lhe deixou marcas psíquicas ou mesmo físicas? Interfere em sua vida, suas escolhas, relações afetivas, sociais e profissionais? Você atribui alguma dificuldade, problema, transtorno ou doença atual, a essa experiência?

8- Você conhece alguma medida ou programa de prevenção de bullying em sua escola? Participa de alguma atividade com esta finalidade?

9- Como foi para você ter falado comigo sobre essa vivência?

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, portador do RG nº _____, através deste documento concordo em participar da pesquisa: Bullying na infância e/ou adolescência e suas consequências na saúde mental na idade adulta, desenvolvida por Elaine Lucia Dias de Oliveira, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho –UNESP BAURU, sob a orientação da Prof. Dra. Carmem Maria Bueno Neme.

Fui esclarecido que esta pesquisa tem como objetivo investigar experiências vividas e relatadas por professores que foram vítimas de bullying na infância ou adolescência, e que serei entrevistado individualmente, sendo minha entrevista gravada em áudio para possibilitar análise posterior. Para participar deste projeto fui esclarecido que:

- a) Minha participação é voluntária
- b) A pesquisadora poderá publicar os resultados deste trabalho, tendo sido garantida a não identificação das pessoas envolvidas no processo, assim como não serão feitas referências a locais ou dados que possam me identificar.
- c) As entrevistas serão gravadas e estas ficarão em posse da pesquisadora.
- d) As informações serão utilizadas somente para fins de estudo científico, ficando a pesquisadora, autorizada a publicar os dados apenas em publicações científicas.
- e) Sou livre para desistir em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer prejuízo
- f) Quaisquer dúvidas que tenha quanto aos procedimentos da pesquisa poderão ser esclarecidos a qualquer momento.

Considerando as questões acima, concordo em participar desta pesquisa.

Recebi uma cópia deste documento e pude lê-lo com atenção.

Assinatura do participante: _____

RG _____ Data ___/___/___

Assinatura da pesquisadora: _____

Fone _____ CRM 48252 e-mail:oliveiraelaine@uol.om.br

Assinatura da orientadora _____

Fone _____ CRP 06/2577